

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Coção
2009

um jornal de ideias

LISANDRA VEIGA DOS SANTOS



JUVENTUDES CONTADAS NO JORNAL MUNDO JOVEM: MODOS DE PENSAR O SUJEITO

JOVEM CONTEMPORÂNEO



Porto Alegre
2012

LISANDRA VEIGA DOS SANTOS

JUVENTUDES CONTADAS NO *JORNAL MUNDO JOVEM*: MODOS DE PENSAR O SUJEITO JOVEM CONTEMPORÂNEO

Dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^a Dr^a Elisabete Maria Garbin

PORTO ALEGRE

2012

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO

L389j Santos, Lisandra Veiga Dos

Juventudes contadas no Jornal Mundo Jovem: modos de pensar o sujeito jovem contemporâneo / Lisandra Veiga dos Santos; orientadora: Elisabete Maria Garbin. – Porto Alegre, 2012.

107 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2012, Porto Alegre.

1. Juventudes. 2. Identidades. 3. Discurso. 4. Consumo. I. Garbin, Elisabete Maria. II. Título.

CDU – 374.3

LISANDRA VEIGA DOS SANTOS

**JUVENTUDES CONTADAS NO *JORNAL MUNDO JOVEM*: MODOS DE
PENSAR O SUJEITO JOVEM CONTEMPORÂNEO**

Dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Elisabete Maria Garbin

Aprovada em: ____/02/2012.

Prof. Dr^ª Letícia Richthonfen de Freitas

Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

Prof. Dr^ª. Sandra dos Santos Andrade

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FACED/UFRGS)

Prof. Dr^ª Maria Luiza Merino de Freitas Xavier

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGEDU/UFRGS)

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO

L389j Santos, Lisandra Veiga Dos

Juventudes contadas no Jornal Mundo Jovem: modos de pensar o sujeito jovem contemporâneo / Lisandra Veiga dos Santos, orientadora: Elisabete Maria Garbin. – Porto Alegre, 2012. 107 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grandedo Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2012, Porto Alegre.

1. Juventudes. 2. Identidades. 3. Discurso. 4. Consumo. I. Garbin, Elisabete Maria. II. Título.

CDU – 374.3

Dedico esta dissertação a quem soube sempre me apoiar: minha mãe.

AGRADECIMENTOS

Assumo o risco de dizer que essa foi a página mais difícil de ser escrita nessa dissertação, pois são tantas as pessoas, são tantos os carinhos, os afetos, as aprendizagens, digo de passagem: impossível resumir!

Quero agradecer,

À minha orientadora Prof^ª Elisabete Maria Garbin por forjar a mulher que morava dentro de mim, por me ensinar que as dificuldades estão aí para serem superadas. Obrigada Bethe pelo exemplo de mulher que és para mim, uma mulher que batalha, vai atrás sem perder nunca a JUVENTUDE. Obrigada ainda pela compreensão e afeto com que conduziu este trabalho e por acreditar sempre no meu potencial, nunca me deixando desistir.

À minha banca maravilhosa, Prof^ª Maria Luisa Xavier a qual me apresentou o lindo e encantador mundo da pesquisa e com quem aprendi e aprendo muito, quanta sabedoria! Prof^ª Sandra Andrade, apesar da amizade recente, nutro muito respeito e admiração por seu trabalho, agradeço o rigor, a qualidade das contribuições a este trabalho e a afetuosidade de suas palavras. Prof^ª Clarice Traversini, como eu sempre digo 'não tenho palavras!', um muito obrigada seria pouco, dizer que você me inspirou e fortaleceu sempre meus anseios acadêmicos, também se constituiria numa injustiça, no entanto terei de me contentar com o MUITO OBRIGADA!

Ao grupo de pesquisa do qual faço parte: Dani, profissional que respeito e admiro, muito obrigada por 'rabiscar' minhas escritas, por 'puxar' minhas orelhas e estar disposta a compartilhar com o grupo seus pensamentos, Bel obrigada por tornar as reuniões mais 'leves' com seus sorrisos, suas histórias! Rita querida, obrigada por me auxiliar nessa caminhada com teus escritos, tuas leituras e competência; Cíntia obrigada por essa objetividade que desatava nossos nós sempre nas reuniões; Angélica, mesmo a distância obrigada pelas leituras e sugestões.

Ao Prof. Samuel, obrigada pelas provocações, por ter transformado minhas certezas em flores 'dente-de-leão' ao sabor da brisa, desfazendo-se do pensamento binário

À Prof^ª Rosa Fischer, muito obrigada por tornar Foucault uma obra de arte, a ser apreciada, refletida e pela liberdade de diálogo que me sempre foi possível nas suas disciplinas

Ao Prof. Alfredo Veiga-Neto, amigo de muitas discussões teóricas, pessoa generosa que compartilha seus saberes a quem admiro muito tanto como amigo quanto como professor;

Ao Prof. Nilton por sempre desafiar o modo como se pensa, por dinamizar o conhecimento, por compartilhar seu bom-humor e tornar as aulas mais leves e fluidas;

À Prof^a Nádia, por sempre me incentivar a vida de pesquisa, por contribuir de forma fundamental na decisão de seguir como bolsista de iniciação científica;

Às Professoras Maria Isabel H. Dalla Zen – Bela – e Maria Bernadette Rodrigues – Berna - por serem as primeiras a acreditar no meu potencial, por serem compreensivas com minhas limitações e serem uma inspiração de vida acadêmica para mim;

À Prof^a Luciane Uberti, por me apresentar os estudos foucaultianos de forma tão leve, tão instigante e por ser determinante na minha opção por fazer mestrado;

A direção da Escola Nossa Senhora do Cenáculo, que por boa parte deste estudo apoiou minhas ações e aprendizados no mestrado, muito obrigada sempre pela compreensão.

A equipe do **Jornal Mundo Jovem** por me acolher, por serem acessíveis e me mostrarem os inúmeros pontos de vista desta publicação.

A minha família (tias, tios, primos e primas), por ser meu tudo, suporte, força, alegria.

A minha mãe, por não medir esforços para que eu chegasse até aqui, a esse exemplo de mulher guerreira, forte, mas ao mesmo tempo terna, afetuosa.

Todo trabalho importante – deves ter sentido em ti mesmo –
exerce uma influência moral. O esforço para concentrar uma
determinada matéria e dar-lhe uma forma harmoniosa, eu o
comparo a uma pedra atirada em nossa vida interior: o
primeiro círculo é estreito, mas amplos se destacam.

Carta de Nietzsche a Deussen

RESUMO

É a partir dos discursos que são veiculados pelas práticas de constituição do sujeito que se pode observar o *locus* de mobilidade das identidades juvenis. Utilizando-se dessa ferramenta este estudo busca analisar discursos sobre juventudes no **Jornal Mundo Jovem**, uma vez que esses discursos midiáticos estariam interpelando o sujeito jovem a pensar sua própria condição dentro das normas sugeridas pela publicação. É também objetivo desta pesquisa perceber como estes podem operar na constituição de identidades juvenis contemporâneas, de que forma esses investimentos que o jornal faz, quais sejam, ilustrações, abordagem de temas contemporâneos aos jovens, músicas; sugerem aos leitores jovens modos determinados de guiarem suas condutas. Leva-se em conta que o jornal não é o único artefato cultural do qual esses jovens têm contato, e muito menos tal artefato não determina de modo rígido seus modos de ser, mas sim sugere, interpela e muitas vezes, ensina outros modos de se pensar o jovem. A partir do campo dos Estudos Culturais, Estudos sobre Juventudes e algumas ferramentas foucaultianas, foram analisados 20 exemplares do **Jornal Mundo Jovem** dos anos de 2009 a 2010. Foi observado a preocupação do jornal em orientar a condução dos jovens aos parâmetros da crença, vindo também a fazê-los refletir sobre outras possibilidades de pertencimento presentes na sociedade contemporânea e que de certa forma vem a se contrapor aos valores propagados pela religião. O consumo de si tratado no jornal propõe formas de como se deve encarar os apelos ao consumo de produtos que são veiculados em outras mídias, também fora observado. As prescrições dão conta de um comportamento de renúncia frente ao consumo de produtos e de práticas culturais juvenis que não estejam sob as orientações da religião. Com esta pesquisa pode-se pensar como determinadas identidades juvenis são produzidas por discursos midiáticos e como podem ser associadas às representações produzidas e colocadas em circulação pelo **Jornal Mundo Jovem**.

Palavras – Chave: Juventude. Identidades. Discursos. Consumo.

RESUMÉN

A la vista de las culturas juveniles post-modernas en las que se convierten en líquido, sobre sus pertenencias, otras identidades y ganan otras moviidades, los matices de relieve, ya no es fijo, sino de procesos subjetivos. Como autores de este estudio exponen la identidad de los enfoques procesos subjetivos, por sus competencias en el paisaje contemporáneo se mezclan, es decir, son socialmente y historicamente construidas, permanecen en un estado constante de cambio. Es a partir de los discursos que son distribuidas las prácticas de constitución del sujeto que podemos observar el lugar de la movilidad de las identidades juveniles. Hago uso de esta herramienta para analizar en este estudio los discursos sobre la juventud en el **Jornal Mundo Jovem**, ya que estos discursos que circulan por los medios de comunicación y hacen el joven pensar en su condición dentro de los lineamientos sugeridos por la publicación. Otro de los objetivos de esta investigación es entender como estos se pueden operar en la constitución de las identidades juveniles actuales como estos investimentos que hace el jornal, los dibujos, los temas actuales de los jóvenes músicas, sugieren al lector joven modos de conducir a si mismo. Llévese en cuenta que no es el único artefacto cultural se puede operar en la formación de las identidades juveniles contemporáneas. Se tiene en cuenta que el periódico no es el único artefacto cultural que estos jóvenes tienen contacto, y mucho menos es un dispositivo solo que determinan tácitamente sus modos de ser, sino que sugiere, los retos y, a menudo enseña otras maneras de pensar en los jóvenes. Desde el campo de los estudios culturales, estudios sobre la juventud y algunas herramientas de Foucault, se analizaron 20 ejemplares del **Jornal Mundo Jovem** de los años de 2009 a 2010. La elección de los asuntos se debió al interés del investigador en relación con el grupo de investigación para el análisis contemporáneo, es decir, períodos en los que la profusión actual de las llamadas de los consumidores y otras prácticas culturales juveniles era enorme y podría llegar a ser excitante para hacer frente a tales artefacto con estos factores. El análisis permite inferir que una inversión en la formación de la joven se volvió hacia el énfasis religioso. Yo entiendo que en otros espacios, además de la religión, ser sometido a pedir a los valores éticos y morales se considere apropiado en cada contexto. En este sentido señaló la preocupación del papel para guiar la conducta de los jóvenes a los parámetros de la fe, también lo hacen pensar en otras posibilidades de pertenencia en la sociedad actual y que es algo en contra de los valores propagados por la religión. El consumo de si mismo es tratado en el documento, el cual sugiere formas de cómo hacer frente a los llamamientos al consumo de los productos que se sirven en otros medios de comunicación, también hubiera sido observado. Las prescripciones dan cuenta una renuncia contra el comportamiento de consumo de los productos y las prácticas culturales de los jóvenes que no están bajo la guía de la religión. Se sugiere, en cambio para el consumo de forma consciente los jóvenes, cristianos, la solidaridad y la experiencia de liderazgo juvenil a través de su juventud. Esta investigación se puede considerar como ciertas las identidades juveniles son producidas por el discurso de los medios de comunicación y cómo se puede unir a las representaciones producidas y distribuidas por el **Jornal Mundo Jovem**.

Palabras - clave: Juventud. Identidades. Discursos. Consumo

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Edição Completa dos Exemplos de 2009 do Jornal Mundo Jovem	15
Figura 2 - Edição Completa dos Exemplos de 2010 do Jornal Mundo Jovem	16
Figura 3 - Exemplos de algumas capas do Jornal Mundo Jovem.....	36
Figura 4 - “Rebeldia jovem para desacomodar o mundo”. Seção Filosofia.....	40
Figura 5 - O que é ser mulher, o que é ser homem? Seção Sexualidade	43
Figura 6 - “Novos paradigmas na religiosidade juvenil”. Seção Ensino Religioso	47
Figura 7 - “Como agir no século 21?” Seção Juventudes.....	49
Figura 8 - “Grupos Juvenis e o despertar da consciência”. Seção Juventudes.....	53
Figura 9 - “Por que valores?”. Seção Filosofia	56
Figura 10 - “Solidariedade: condição para viver a religião”. Seção Ensino Religioso.....	61
Figura 11 - Capa da Edição de Fevereiro de 2009.....	65
Figura 12 - Graffiti: outros olhares para a escrita das ruas”. Seção Arte e Cultura	67
Figura 13 - “Corpos jovens: espaços de comunicação de si”. Seção Sexualidade	68
Figura 14 - “Hip- Hop: por um grito de liberdade”. Seção Juventudes	70
Figura 15 - “Consumo: quem é o vencedor?” Seção Juventude	72
Figura 16 - “Consumo quem é o vencedor?”	75
Figura 17 - “Consumo: a lógica que rege sociedade”. Seção Ecologia.....	77
Figura 18 - “Se correr o mercado pega, se ficar”. Seção Sociologia	78
Figura 19 - “Consciência Moral: o mal e o bem em nossas mãos”. Seção Filosofia	81
Figura 20 - Questões para debate.....	82
Figura 21 - “A experiência social do grupo de jovens”. Seção Juventudes	84
Figura 22 - Capa da Edição de Novembro de 2010	88

SUMÁRIO

1 DOS BASTIDORES DA REDAÇÃO	12
1.1 Sou Jovem, Pesquisadora, Mestranda...Dos Pertencimentos que me constituem	13
1.2 Apresentando o material de pesquisa - do que é composto o Jornal Mundo Jovem	15
2 QUE MUNDO É ESSE? – UM POUCO DA HISTÓRIA DO JORNAL	19
3 DAS LENTES UTILIZADAS PARA ‘LER’ O JORNAL: COMPOSIÇÕES TEÓRICOS – METODOLÓGICOS	26
3.1 Do Estado da arte dos Estudos sobre Mídia Impressa e Juventudes	34
3.2 Das Materialidades	36
4 O QUE ESPERAR DE ADOLESCENTES E JOVENS? – DAS ANÁLISES.....	38
4.1 Condição Para Viver A Religião – Constituição de Identidades Juvenis Católicas	39
4.1.1 Do protagonismo juvenil	62
4.2 Discursos sobre consumo – consumir o quê?.....	72
4.2.1 Consumo de Si.....	79
5 CURTAS E DICAS – ENCAMINHANDO POSSÍVEIS CONCLUSÕES	92
REFERÊNCIAS.....	97
APÊNDICE A - Entrevista: Com a palavra a Equipe Editorial.....	102

1 DOS BASTIDORES DA REDAÇÃO

Como se sente de volta ao começo
As falhas, os erros, tudo tem preço
Como se sente na volta por cima,
Pensando ao contrário, a vida ensina
Como se sente, voltando atrás,
Aprenda a lição, nunca diga nunca mais
Como se sente, a falta que faz,
O mundo dá voltas,
Nunca diga nunca mais. (CAPITAL INICIAL,
2010¹)

A música da banda musical *Capital Inicial*, nessa dissertação, inspira-me a este retorno planejado, refeito, reorganizado, a partir da revisão mediada pelas considerações da banca, pelas leituras do grupo de pesquisa, pelas trocas com a professora orientadora, etc. Esse seria um processo de “volta ao começo”, de retomada do que se escreveu, do que se pensou. Assim como “as falhas e os erros, tudo têm preço”, as escolhas teóricas também constituem modos de se ver a pesquisa, ao assumi-las ocupamos posições de sujeitos, delimitando e localizando-nos perante o arcabouço teórico-metodológico com o qual iremos trabalhar na pesquisa.

Esse exercício do pensar, implicado no processo de produção dessa dissertação, foi imprescindível no trabalho de retorno, de organização do que até então era provisório, do que se constituía em incerto, não que agora ele seja definitivo, mas sim integra outra etapa da pesquisa, a etapa final de discussão de argumentos e considerações.

A partir das contribuições dos Estudos Culturais, dos Estudos sobre Juventudes e Pós-Modernidade² assumo uma postura definida, localizada historicamente, num contexto cultural também específico de uma cidade, capital do Rio Grande do Sul, com suas particularidades. Assim, meu exercício de pensar me possibilita a problematização dos discursos veiculados no *Jornal Mundo Jovem* e a constituição de identidades juvenis. Analiso nesse artefato cultural, que se constitui o jornal, o modo como esses discursos oferecem, através desses seus modos de

¹ Capital Inicial é uma banda de Rock radicada em Brasília. A referida música se encontra na faixa 3 do cd 'Das Kapital', sony music, 2010.

² Tratarei de forma mais aprofundada destes aportes teóricos no Capítulo “Das Lentes que serão utilizadas para ler o Jornal – Composições Teóricas”.

endereçamento, maneiras de ser jovem contemporâneo sob os valores éticos do catolicismo.

O *Jornal Mundo Jovem* faz-se instigante pela sua representação cultural frente ao seu público, representação essa que atua diretamente nos jovens e também nas suas cercanias, ou seja, nas pessoas que convivem com eles. Seu título nos remete a uma idéia de um mundo, uma reunião de jovens. Pode-se inferir que o título busca dar “corpo” a essa visão de identidade jovem e que procura, além disso, reunir jovens sob um mesmo amparo de regramentos.

1.1 Sou Jovem, Pesquisadora, Mestranda...Dos Pertencimentos que me constituem

A aproximação com o tema foi advindo às experiências como docente e bolsista de iniciação científica no Curso de Licenciatura em Pedagogia pela UFRGS. Fui bolsista de iniciação científica durante a graduação, minha primeira experiência deu-se como bolsista (2007) pelo Programa (PIBIC/CNPq), inserido na temática das juventudes, no projeto de pesquisa “*Música e Identidades Juvenis - possibilidades etnográficas pós-modernas*”, orientado pela Prof^a Elisabete Maria Garbin, tinha como objetivo contribuir para os estudos das relações entre identidades juvenis, consumos culturais, audiências, música e educação. A referida pesquisa propunha ainda analisar como os gostos e preferências musicais contribuía e se entrelaçavam entre si com os processos de construção das identidades dos jovens, produzindo formas de ser, estar e agir jovem, e trazia em suas análises artefatos culturais como a mídia impressa, rádios, televisão, videoclipes, internet e outros, contribuía para a constituição de suas identidades, a partir de seus discursos e interlocutores. As análises foram realizadas a partir dos discursos de jovens encontrados em espaços virtuais da internet, como *chats* e *blogs* e outros e a partir de entrevistas e observações realizadas com jovens no espaço escolar. Nesta pesquisa desenvolvi o projeto de pesquisa intitulado “*A Construção das Identidades Juvenis Tradicionalistas Gaúchas no site Orkut*”, que analisou as produções de modos de ser jovem tradicionalista gaúcho³, no site de relacionamentos Orkut e tensionou aspectos culturais e identidades em meio às culturas juvenis.

³ Tradicionalismo Gaúcho é um movimento cultural, radicado no Rio Grande do Sul, que através da música, comida, vestimenta e alguns comportamentos tidos como originais dos soldados da Revolução Farroupilha visa a construir e perpetuar a identidade do gaúcho, habitante da região Sul.

Em 2008-2009, atuei como bolsista no programa institucional da UFRGS (BIC/PROPESQ), no projeto de pesquisa *“Outros modos de olhar, outras palavras para ver e dizer, diferentes modos de ensinar e aprender: exercitando a docência na contemporaneidade”*, sob orientação da Prof^a Clarice Traversini, que tinha como objetivos analisar como os professores formados em cursos de licenciatura da grande Porto Alegre/RS estavam exercitando a docência na contemporaneidade, considerando os diferentes desafios do cotidiano escolar e os deslocamentos teóricos produzidos pelos estudos e pesquisas no campo da educação nos últimos anos e perceber de que modo os docentes em ação nas salas de aula reproduziam/produziam suas metodologias. Produzi nesta pesquisa o projeto *“Representações discentes sobre metodologias de ensino em Ensino de Jovens e Adultos (EJA) e suas relações com os discursos docentes”*, que visava a problematização das metodologias aprendidas/apreendidas na Universidade e sua validade frente a alunos de EJA, com uma turma predominantemente jovem, de uma determinada escola municipal de Porto Alegre. O estudo inferiu que, existem desencaixes entre a subjetividade docente e os discursos veiculados sobre EJA e o que os alunos dessa escola almejavam para a sua educação e que por vezes tais desencaixes, também podem ser uma das causas possíveis da evasão desses alunos.

Dentre os motivos da escolha dos campos de estudo, ressalto a dinamicidade, a possibilidade de inúmeras imersões e a proximidade com os Estudos Culturais, que se constituem em um modo de analisar o *corpus* de pesquisa de forma a considerar o papel da cultura como central e formador e não apenas como um parâmetro de bom/ruim, alto/baixo como se considerava anteriormente. Também ressalto que os estudos iniciais na área da pesquisa já tinham aproximações com os Estudos Culturais.

Poderiam ser lançados outros olhares a esta pesquisa, poder-se-ia inclusive fazer outros recortes, mas para esse momento, para os interesses da autora e do grupo de pesquisa foram escolhidos estes. A pesquisa como se sabe é um ato interessado, logo, optei por recortes específicos analisados sob o viés dos referenciais que compõe minha bagagem cultural.

1.2 Apresentando o material de pesquisa - do que é composto o Jornal Mundo Jovem

Figura 1 - Edição Completa dos Exemplares de 2009 do Jornal Mundo Jovem



Fonte: Jornal Mundo Jovem, 2009.

Figura 2 - Edição Completa dos Exemplares de 2010 do Jornal Mundo Jovem



Fonte: Jornal Mundo Jovem, 2010.

Esta seção visa mostrar a organização das edições, como são distribuídos os temas e as seções e como são postas em exibição nas páginas do *Jornal*, bem como sua tiragem e outras informações importantes para se conhecer um pouco mais desse artefato. Nas Figuras 1 e 2 apresento a coletânea dos exemplares que analisei.

O Jornal é distribuído exclusivamente para assinantes, tem uma tiragem de 120 mil exemplares por edição e atinge atualmente todos os estados brasileiros, estando presente em cerca de quatro mil cidades. Conta com dez jornais editados ao ano, um por mês, de fevereiro a novembro. No site do jornal ainda é ressaltado que “tem formato de revista, porém suas folhas não são grampeadas e por isso o chamam de jornal.” Tem, no total, 24 páginas.

As seções do Jornal são compostas por 21 séries ou seções, a saber, Espiritualidade, dos Leitores, Língua e Literatura, Projeto Pedagógico, Educação, Ciências Naturais, Geografia, Ecologia, Sociologia, Arte e Cultura, Realidade brasileira, Filosofia, Ensino Religioso, Psicologia, Juventudes, Política e Cidadania, História, Vida saudável, Sexualidade, Pais e Filhos, Curtas e dicas. É possível inferir pela composição do jornal que ele está endereçado a vários profissionais que atuam e interagem com jovens, com o objetivo de instrumentalizá-los com saberes sobre “os jovens contemporâneos”.

Algumas seções do jornal apresentam as culturas juvenis destacando, moda, marcas corporais, práticas culturais e em outras seções parecem que “ditam” ensinamentos sobre modos de ser jovem, pautados pelos valores cristãos.

A partir desse material de análise e das idéias iniciais que apresentei, tenho como questionamentos de pesquisa: **Quais discursos sobre juventudes circulam no *Jornal Mundo Jovem*? De que forma tais discursos investem na constituição de identidades juvenis contemporâneas?**

E como objetivos – **Analisar discursos sobre juventudes no *Jornal Mundo Jovem* e perceber como estes podem operar na constituição de identidades juvenis contemporâneas.**

Este estudo está dividido em: Capítulo 1 “Dos bastidores da redação”, constituído pela minha trajetória acadêmica, um pouco da organização do jornal e as perguntas e objetivos de pesquisa. No Capítulo 2 “Que mundo é esse um pouco da história do *jornal*”, trato dos fatos históricos, bem como do panorama que possibilitou o surgimento e a orientação do jornal. Já no Capítulo 3 “Das lentes utilizadas para

'ler' o jornal: Composições teóricas – metodológicas” explico as ferramentas teóricas – metodológicas que irei me utilizar para analisar o material de pesquisa, os conceitos que irão delinear este estudo. Também abordo nesse capítulo a listagem de alguns estudos que fizeram parte dessa pesquisa. Capítulo 4 “O que esperar de adolescentes e jovens? – Das análises”, apresento as análises que foram escolhidas dentro do recorte que fiz. As análises foram possibilitadas pelo material colhido e sob o viés teórico adotado. No Capítulo 5 “Curtas e Dicas – Encaminhando possíveis conclusões”, exploro de modo a encerrar, ainda que de modo parcial, o trajeto da pesquisa, expondo seus produtos e pensamentos decorrentes do processo de análise. Já em anexo segue a entrevista realizada com a equipe editorial.

2 QUE MUNDO É ESSE? – UM POUCO DA HISTÓRIA DO JORNAL

Neste capítulo, exploro a história do **Jornal Mundo Jovem**, pois para entender o que se passou em 1963, ano de sua criação, precisamos problematizar as condições históricas que possibilitam sua constituição e identificação com a religiosidade.

Em 25 de agosto de 1961 no Brasil, com a renúncia do presidente Jânio Quadros, constitucionalmente deveria assumir o vice-presidente, João Goulart, que na ocasião, estava em visita à China. Por ser conhecido dentre seus pares como um político de esquerda e nacionalista desde a época em que fora ministro do trabalho do governo Vargas, e, além disso, simpático aos sindicatos, os militares e setores conservadores ligados a grandes proprietários rurais pretendiam impedir o seu retorno ao Brasil. O presidente da Câmara dos Deputados assumiu interinamente o Executivo, enquanto ministros militares manifestaram-se publicamente contra a posse de João Goulart - posição informada ao Congresso Nacional. Instaurava-se um cenário de possível golpe político.

Foi então negociada a implantação do sistema parlamentarista, como uma atitude que evitaria uma guerra civil. Instituiu-se a emenda constitucional nº4 (Ato Adicional), segundo a qual o Poder Executivo passaria a ser exercido pelo presidente da República - a quem caberia a escolha do primeiro-ministro - e por um conselho de ministros. Dessa forma, o presidente perdia o poder de elaborar leis, orientar a política externa e elaborar a proposta orçamentária, entre outras prerrogativas. João Goulart assumiu, afinal, a presidência, em 7 de setembro de 1961, recebendo do Congresso Nacional a faixa presidencial.

No entanto, a emenda constitucional previa também a realização de um plebiscito em 1963, o qual apresentou os resultados de uma derrota do parlamentarismo e João Goulart passa a governar em regime presidencialista.

Nesse mesmo ano acontece a crise no relacionamento econômico entre os Estados Unidos e Cuba, sendo que o presidente Kennedy bloqueia economicamente Cuba. Martin Luther King lidera manifestação com mais de 200 mil pessoas em Washington a favor dos direitos civis dos negros nos EUA. No mesmo ano ocorre o assassinato de John F. Kennedy durante uma visita a Dallas, no Texas. E em 1963 começa o julgamento dos 22 ex-guardas do antigo campo de concentração nazista

de *Auschwitz*, durante a Segunda Guerra Mundial. Enquanto aconteciam manifestações acerca dos direitos civis, crises nos relacionamentos econômicos, julgamentos por genocídios no mundo, um clima de tensão e incerteza política estava pairando sobre o Brasil.

É em meio a esse clima de tensão política e mudanças na forma de governar brasileira, e também na forma de se entender a cultura no Rio Grande do Sul, a queda de líderes mundiais e assassinatos que mudaram o mundo, que se iniciaram as publicações do **Jornal Mundo Jovem** no Seminário Maior de Viamão-RS⁴, mas ainda não com esta denominação e nem direcionado ao público atual. Sob a perspectiva de um golpe político e um panorama de instabilidade econômica, seguidas de mudanças no pensamento cultural de sua época, produz-se um jornal voltado ao público seminarista católico, em sua maioria jovens.

O primeiro exemplar dessa publicação chamava-se **S.O.S. Vocações** com o objetivo de atrair público para os seminários católicos. Este periódico foi ampliado para 12 páginas e publicado em português e espanhol, sob o título de *S.O.S. Vocaciones*. No entanto, apenas duas edições foram produzidas na língua espanhola, uma vez que nos países, os quais se falava tal língua o número de assinantes era reduzido e era considerado difícil conseguir tradutores. O objetivo, segundo Souza⁵ (2008, p.18) continuava o mesmo – “atrair mais gente para os seminários e, ao mesmo tempo, despertar a consciência dos seminaristas para o seu compromisso com as novas orientações da Igreja na América Latina depois da Conferência do CELAM, no Rio de Janeiro, em 1955” - ainda direcionar a formação católica.

A segunda edição de **S.O.S Vocações** com oito páginas foi publicada em novembro de 1963, sob a direção de Monsenhor Otto Skrzypezak e Ari Martendal na redação. Na edição número quatro, de maio-junho de 1964, a equipe anunciava a mudança do nome para **Lançai as Redes**. No editorial, o redator Ari Martendal, justifica a mudança, dizendo que o “jornalzinho” não desperta o interesse apenas

⁴ O Seminário Maior de Viamão é um local de preparação cristã para a vida no sacerdócio. Foi criado em 1955 e atualmente é vinculado à Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

⁵ Souza (2008) em seu estudo analisou as formas pelas quais o *Jornal Mundo Jovem* comunica os paradigmas educacionais adotados no país desde a década de 1960, com o propósito de formar pessoas autônomas, criativas, críticas e solidárias, capazes de explorar o universo de suas construções intelectuais.

das equipes vocacionais⁶, mas dos vigários, professores, religiosos e jovens. Propõe, então, **S.O.S Vocações** de 1964,: “[...] um cunho mais pastoral, um cunho de ajuda aos que já se encontram engajados na ação apostólica.” (SOUZA, 2008, p.19)

Servia basicamente de subsídio para as equipes vocacionais. Em agosto de 1964, o periódico **Lançai as Redes**, impresso em preto e branco, com seis edições ao ano, de 12 páginas cada uma já circulava. Em abril de 1966, houve a alteração de 12 para 20 páginas, com seis números ao ano, segundo Souza (2008, p. 20): “[...] abrindo mais espaço para as experiências dos leitores e a publicação de textos e mensagens úteis para a ação pastoral nas comunidades”. A partir desta edição, número 14, **Lançai as Redes** passa a ser apresentado o slogan: “Órgão de divulgação do Movimento Vocacional do Brasil”. O informativo **Lançai as Redes** era dirigido, sobretudo, para os professores católicos do sul do Brasil (SOUZA, p.20, 2008).

A partir desta mudança a Igreja católica passou a enfrentar a perda de adeptos e a "crise de vocações", ou seja, gradualmente o catolicismo perdia influência na sociedade devido à concorrência de outros credos religiosos (principalmente o protestantismo e a umbanda) enquanto que o sacerdócio deixava de ser um atrativo para os jovens.

Nesse período de tempo vivia-se no Brasil a ditadura militar, a qual através de um golpe foi tomado o poder pelos militares, cujos atos “institucionais” (AI) ficaram bastante conhecidos pela rigidez e crueldade. A Igreja Católica durante a ditadura militar posicionou-se contra esse regime, segundo Souza (2008):

Circulava [o Jornal] entre as equipes que tinham como propósito desenvolver campanhas vocacionais nos seminários, nas paróquias e nos colégios católicos. O editorial, assinado pela ‘Equipe Vocacional’ dizia: ‘o jornal surge sem previsão de que vai continuar ou não. Talvez quando houver assunto e dinheiro (e a Providência nunca falta) sairá o 2º número’. (SOUZA, 2008, p.19)

Neste período o Jornal veiculou apenas uma edição com seis páginas, tratando exclusivamente de vocações sacerdotais e religiosas.

⁶Equipe vocacional é constituída por pessoas que orientam e prestam serviços pedagógicos aos Seminários na preparação de futuros padres.

Nas décadas de 1950 e 1960, de acordo com CANSIAN (200?), a Igreja Católica, vivenciou uma fase de experiências pastorais que levou a instituição eclesial a se envolver com os mais variados setores, segmentos e classes sociais que surgiram com o processo de modernização social e se posicionar contra o regime militar. Assim, práticas de evangelização fizeram com que a Igreja criasse uma série de organizações e entidades visando aproximar-se dos trabalhadores urbanos e retomar as vocações (por meio da JOC: Juventude Operária Católica e da ACO: Ação Católica Operária), dos estudantes (por meio da Juventude Estudantil Católica: JEC e da Juventude Universitária Católica: JUC) e das classes populares de modo geral (por meio das Comunidades Eclesiais de Base: CEBs). Nas décadas seguintes, surgiram as Comissões de Justiça e Paz (CJP), o Conselho Indigenista Missionário (CIMI) e a Comissão Pastoral da Terra (CPT). Esses seriam alguns dos motivos para que antes de se tornar **Jornal Mundo Jovem**, foi criada a **Revista Lançai as Redes** num intento explícito de angariar fiéis ao catolicismo mediante a uma situação de crise de fiéis. Tal Revista destinava-se também aos trabalhos vocacionais nas paróquias e escolas.

Em outubro-novembro de 1967, na edição número 24, circulava o primeiro **Jornal Mundo Jovem**, impresso em preto e branco, com seis edições ao ano, de 20 páginas cada uma. A equipe de redação justificou a mudança do nome de **Lançai as Redes** para **Mundo Jovem**, em outubro de 1967, com o objetivo, segundo Souza (2008, p.20), de ampliar o campo de ação do jornal, destinando-o não mais especificamente para o jovem religioso, mas para todos os jovens preocupados com o seu futuro, com sua definição vocacional e profissional e com os rumos da sociedade em termos políticos e sociais.

Em agosto-setembro de 1968, quando acontecia um ano de inúmeras manifestações estudantis, políticas pelo mundo, a edição de número 29, passou a ser em duas cores e, a partir de março de 1971, foi impresso em off-set⁷. O jornal aumentou de 20 para 24 páginas, com nove edições ao ano, correspondendo ao

⁷A expressão “offset” vem de “offset lithography” (literalmente, litografia fora-do-lugar), fazendo menção à impressão indireta (na litografia, a impressão era direta, com o papel tendo contato direto com a matriz). O offset é um dos processos de impressão mais utilizados. A offset é ideal para grandes quantidades de impressos, pois o papel corre pela máquina e não precisa de nenhuma intervenção humana enquanto o processo é feito. Os impressos são geralmente feitos com o sistema CMYK (ou “Europa”) de cores, cada cor é impresso separadamente. Utilizando-se das retículas todas as cores são impressas separadamente e mais tarde nossos olhos é que vão ver a cor planejada, segundo Canha (2009).

período letivo (março a dezembro, com interrupção em julho), o que já sinalizava um direcionamento a educação. No período de 1968-75, o público leitor do **Mundo Jovem** era basicamente constituído de grupos de jovens católicos e cristãos ligados às paróquias e comunidades (SOUZA, 2008, p.21). O Jornal era usado também nas escolas e colégios católicos como subsídio para as aulas de Religião, Educação Moral e Cívica e Organização Social e Política Brasileira, adotado pelos professores, pois, “[...] o que agrada aos alunos é o sabor de novidade que existe cada mês em MJ”, dizia-se naquela época. (JORNAL MUNDO JOVEM, 1976, apud SOUZA, 2008, p.21). O impresso era, no entanto, diferente daquele da sua origem, com o predomínio de temas vocacionais.

Também nesse ano foi sancionada no Brasil a Lei de Segurança Nacional que visava punir os crimes de subversão e qualquer perturbação da ordem, logo, constava nesse documento a definição dos crimes além dos processos de julgamento. A censura já fazia do cotidiano da imprensa, dentre elas inclusive as publicações do **Jornal**, o qual sobrevivia às inúmeras interpelações dos censores⁸.

Entrando nos anos 1970, o regime militar atravessava sua fase mais rigorosa, mas ao mesmo tempo o país iniciava uma fase de euforia com a conquista do tricampeonato mundial de futebol e com o aceleração econômica, num ciclo conhecido como o Milagre Brasileiro, quando o crescimento chegava a mais de 10% ao ano. Com isso se realizaram grandes obras públicas nas cidades, em especial Porto Alegre, e o Estado passava a ser um dos motores da economia nacional por meio do enorme incremento da cultura da soja, então o principal produto do Estado e o mais importante item das exportações do Brasil. Com a soja em alta os produtores enriqueceram e a concentração de terras aumentou, e os rendimentos públicos foram aproveitados também na expansão das redes de assistência médica e escolar, mas a mecanização expulsou o trabalhador do campo agravando o êxodo rural. A ênfase em apenas um setor produtivo, protegido por diversos incentivos, acabou por desequilibrar a economia do estado com uma grave crise fiscal, exacerbada com a subida do preço do petróleo, levando ao déficit público e a um severo endividamento externo.

⁸ Em entrevista concedida a autora desse estudo, o editor afirmou que ‘não sabia como naquela época eles ainda veiculavam seus assuntos sem censura’.

Em meados da década, contando com o apoio da Igreja Católica, a oposição conseguiu se reorganizar em torno do MDB, o único partido oposicionista autorizado.

Em janeiro de 1972⁹, quando se viviam anos de uma relevante abertura política e uma forte crise na economia, aproveitando o panorama de uma sutil abertura o **Jornal Mundo Jovem** passou do Seminário Maior de Viamão para a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, sob a responsabilidade da Faculdade de Teologia, onde se mantém até hoje.

Vale ressaltar também que em 1972, foi criado pela Igreja Católica, o primeiro Curso de Liderança Juvenil (CLJ) em Porto Alegre, sediado na Igreja São Pedro¹⁰. Tais Cursos são pautados nos princípios do catolicismo, articulados aos discursos de liderança, autonomia, cidadania e responsabilização por decisões e escolhas. São culminados pelos chamados Retiros – espaços para reflexão e oração, organizados, em geral, locais afastados do centro urbano, para onde os jovens são levados e lá permanecem por alguns dias –, para reflexão, convidados a construir um *mundo* a parte, possível, ‘melhor’, dentro do cenário católico.

O ataque a Igreja havia cedido um pouco e a instituição sentiu-se a vontade em voltar a suas atividades.

No editorial de março, de 1980, a equipe editorial antecipa: “Oitenta deverá ser a década da participação”, baseados no período de possível democracia da década de 80. O impresso, segundo Souza (2008, p.27-28), assume o compromisso de apoiar as “vozes que denunciam as explorações, que apontam os erros, desmascaram injustiças...”. Este é o cenário desta década: enxerga-se um contexto de injustiças e de dominação, diante do qual o povo, especialmente os jovens, organizam-se para mudar a realidade (SOUZA, 2008, p.28), com essa espécie de convite ao protagonismo juvenil, o **Jornal Mundo Jovem** continuou sua caminhada e sua função de produção e veiculação de verdades e formações éticas de ser jovem.

⁹ Referências históricas retiradas de documento online. Disponível em: <www.mundojovem.com.br> Acesso em: 13 ago. 2011.

¹⁰ Igreja Católica situada na Avenida Cristóvão Colombo, nº 1629, Bairro Floresta. Porto Alegre, Rio Grande do sul.

A partir de Souza (2008, p.28):

A inspiração para esta forma de olhar para a realidade e para a missão do cristão, vinha das recentes mudanças ocorridas na Igreja Católica, através do Concílio Ecumênico Vaticano II (1965), da Conferência dos Bispos da América Latina em Medellín, na Colômbia (1968) e em Puebla, no México (1979). Mundo Jovem repercutiu essas mudanças nas matérias publicadas neste período. (SOUZA, 2008, p.28)

Nesses cenários foi se constituindo o **Jornal Mundo Jovem** – um artefato que ensina modos de ser/estar jovem, protagonistas de suas escolhas e atitudes, ou seja, reforçando à idéia de juventude atuante, presente e transformadora de sua realidade. Pode-se observar que o jornal passou por diversas crises, construções e reconstruções políticas e econômicas, mas nunca perdeu seu foco: a veiculação de discursos de orientação católica.

3 DAS LENTES UTILIZADAS PARA ‘LER’ O JORNAL: COMPOSIÇÕES TEÓRICOS – METODOLÓGICOS

Este capítulo discute os referenciais teórico-metodológicos que serviram de “óculos” para analisar os achados dessa pesquisa. Iniciemos pelos Estudos Culturais que fundamentam o trabalho e conferem a ele a cultura como viés principal de análise. Tais estudos não prevêem resultados fixos ou de antemão, muito menos buscam enquadrá-los numa racionalidade teórica determinada, mas possibilitam a aproximação de diferentes áreas para análise cultural.

Os Estudos Culturais propõem um conjunto de abordagens, problematizações e reflexões situadas na confluência de vários campos já estabelecidos, buscando inspiração em diferentes conceitos, rompendo com barreiras entre os campos disciplinares. Estes estudos têm início a partir das análises das sociedades industriais modernas (NELSON; TREICHLER; GROSSBERG, 2009), de suas práticas e da constituição de seus sujeitos. Com o passar do tempo e das rupturas político-históricas, os Estudos Culturais tiveram suas direções ampliadas para outras discussões, tais como: a educação, a tecnologia, gênero, etnia, juventudes, sociologia, etc. No entanto, sempre mantiveram seu objeto de observação: a cultura. Inicialmente a cultura foi pensada por três modos conforme Williams citado por Costa:

No primeiro, [modo] diz ele, há o “ideal” – a cultura como tomada como um processo de aperfeiçoamento, direção a valores universais e absolutos. O segundo se refere a cultura como “o documentário”, o conjunto da produção, do trabalho intelectual e criativo. Em terceiro lugar está uma definição social de cultura – a cultura como descrição de um modo de vida. É esta última definição que inspirou e orientou os Estudos Culturais. (WILLIAMS, 1965 *apud* COSTA, 2004, p.24)

Este primeiro conceito de cultura cunhado por Williams (1965) foi se transformando ao longo de tempo, como outros autores, outras áreas de estudo envolvidas e foi inevitável o deslocamento para outra forma de pensar a cultura. Para os Estudos Culturais tal deslocamento é algo importante pelo próprio campo considerar a resignificação ou até mesmo o borramento de determinadas metanarrativas, pautar seus caminhos pelo questionamento. Podemos conceber a cultura e suas inúmeras relações com outros campos como formas de articulação desses estudos, como sendo a possibilidade de integração e de modos de

concepção diferenciados da vida social, sem necessariamente restringi-las a classe social. A educação vista sob a perspectiva dos Estudos Culturais, por exemplo, aponta para uma parceria produtiva para discussão:

É possível dizer que os estudos conduzidos na direção apontada tem facilitado a não circunscrição da pesquisa em educação, bem como das ações educativas, às tradições tomadas como prevalentes às compreensões definidas como hegemônicas, às histórias de progressos cumulativos e as análises interpretativas que buscam o sentido oculto das coisas, ou que reduzem a crítica e a denúncia” (WORTMANN, 2005, p. 174).

A autora aponta a elasticidade que os Estudos Culturais proporcionam ao utilizá-los em pesquisas no campo da educação, o quanto pode ser aproveitado tais estudos para pensar sobre escola, aluno, relação professor-aluno, etc. Discutir a educação do ponto de vista dos Estudos Culturais além de incitar outras formas de olhar, não restringe o sujeito ou suas práticas a determinismos sociais. Hall (2009) ainda destaca que os Estudos Culturais abarcam discursos com múltiplos saberes veiculados através práticas sociais cotidianas e que, o campo de estudo procura não organizar o conhecimento em disciplinas, mas sim misturá-los, borrar suas fronteiras. Esse ‘borramento’ se daria de maneira que se possa entender, de múltiplos modos, questões que muitas vezes ficariam na esteira de determinismos e perderiam outras possibilidades de análise se não inscritas no campo dos Estudos Culturais. Tal campo, os Estudos Culturais na Educação ressignifica e torna dinâmicas discussões acerca de identidade, discurso, representação (COSTA, SILVEIRA, SOMMER, 2003).

Neste sentido, podemos analisar textos - escritos e imagéticos - como artefatos culturais, quais sejam, objetos que constituem os significados culturais sobre o mesmo e com os quais produzimos representações culturais, que regulam nossas condutas sociais (FABRIS,1999). Tomar o **Jornal Mundo Jovem** como artefato cultural, também pode significar tratá-lo como uma prática que constitui discursos sociais próprios da cultura referida, como exemplificam Costa; Silveira & Sommer:

[...] um noticiário de televisão, as imagens, os gráficos, etc. de um livro didático ou as músicas de um grupo de rock, por exemplo, não são apenas manifestações culturais. Eles são artefatos produtivos, são práticas de representação, inventam sentidos que circulam e operam nas arenas culturais onde o significado é negociado e as hierarquias são estabelecidas. (COSTA; SILVEIRA & SOMMER, 2003, p.38)

Como mencionam os artefatos são os objetos concretos, são as práticas culturais que acabam por veicular ‘ensinamentos’ a sociedade, tais como o **Jornal Mundo Jovem**, que busca endereçar a comunidade jovem modos de pensar a sua juventude, modos de propor pautas para o debate da condição juvenil de um modo geral. Bujes (2000) entre outros autores considera como artefato cultural:

[...] qualquer objeto que possui um conjunto de significados construídos sobre si. ‘Produtos’ de culturas que dão visibilidade a determinadas representações sobre as coisas. Tais representações atuam nos processos de significação que produzem sentidos na vida da cada sujeito. Estes significados só podem ser construídos através da linguagem. É no âmbito das práticas discursivas que se dão tais construções. Ao mesmo tempo em que um artefato cultural se caracteriza por ter sobre si determinados significados, ele é também um produtor de significados. Muitos deles criam realidades e verdades sobre as coisas, as quais são postas em circulação para serem consumidos. (BUJES, 2000, p.210)

Ainda a autora, Bujes (2000, p. 211) citando Du Gay (1997) assinala ainda que:

Para estudar os artefatos culturais precisamos não apenas explorar como são representados, que identidades sociais estão a eles associadas, mas também como são produzidos, consumidos e que mecanismos regulam sua distribuição e uso. (DU GAY, 1997 apud BUJES, 2000, p. 211)

Os artefatos são resultados de uma produção cultural específica datada historicamente e constituída por sujeitos sociais. Estudando artefatos culturais também podemos depreender inúmeros modos de pensar e de ser sujeito. Du Gay et al,(1997) estudando o uso do *walkman*, assim argumentam:

[...] nós não estamos apenas tratando do modo no qual um artefato cultural é representado (como uma coisa na propaganda e nas fotografias), mas também tratando como os processos que tem produzido esse artefato tem sido representado. Nós precisamos pensar sobre como os vários processos de produção são entendidos e recebem significados ao serem rotulados e categorizados de vários modos (inovador japonês, trabalho em equipe etc). (DU GAY et al, 1997, p.8)

Articulando o campo de Estudos Culturais com a materialidade das minhas análises nesta pesquisa – o **Jornal Mundo Jovem** – não posso deixar de registrar que a mídia também foi e é objeto de pesquisa dos Estudos Culturais. Essa mídia na

pós-modernidade pode ser vista pela pós-modernidade como uma mercadoria, na qual,

A primeira consequência importante foi acentuar a volatilidade e efemeridade de modas, produtos, técnicas de produção, processos de trabalho, idéias e ideologias, valores e práticas estabelecidas. A sensação de que 'tudo o que é sólido se desmancha no ar' raramente foi mais persuasiva (o que provavelmente explica o volume de textos sobre esse tema nos últimos anos). (HARVEY, 2010, p.258).

Não é a toa que falamos e debatemos nas academias o tema da liquidez, que segundo o autor foi trazida de alguma sorte pela mídia. Em parte essa 'sensação' é explicável, pois tínhamos imagens pela televisão, máquinas que reproduziam fotos, livros, novelas em revistas e jornais, tinham-se um batalhão de artefatos culturais transitando por sua grande cadeia: a mídia. Atualmente, Kellner (2009) chama a atenção para o fato de que:

[...] desde o momento em que acordamos com rádios despertadores e ligamos a televisão com os noticiários da manhã até nossos últimos momentos de consciência, à noite, com os filmes ou programas de entrevistas noturnos, encontramos-nos imersos num oceano de imagens, numa cultura saturada por uma flora e uma fauna constituídas de espécies variadas de imagens, espécies que a teoria cultural contemporânea apenas começou a classificar. (KELLNER, 2009, p.108)

Não é objetivo deste estudo atentar para a 'avalanche' de imagens, formas de mídias que invadem nosso cotidiano, mas, sim problematizar como nesse cenário de 'inundações' midiáticas o **Jornal Mundo Jovem** circula e delimita seu espaço e público. As identidades juvenis são vistas neste estudo como plurais, não homogêneas, com suas heterogeneidades culturais. Nessa perspectiva não existe um idéia ou mesmo um imaginário de juventude ideal, mas sim juventude(s) que são produzidas culturalmente e na contingência da história.

Podemos pensar que atualmente, os modos de estar jovem na contemporaneidade são constituídos a partir de discursos da mídia, advindos muitas vezes dessas 'inundações' midiáticas. Dentre eles o do Jornal, a qual dá conta de uma gama de significações culturais e coloca na 'ordem do dia' as juventudes que lhe interessam. Tais discursos sugerem o consumo de determinadas culturas, as quais por sua vez oferecem seus modos de ser, com os quais o sujeito é constituído como pertencente ou não a determinada cultura juvenil. Garbin (2000) atentou para

a sedução dessa mídia que leva para o consumo, de comportamentos padronizados. Esse processo de sedução deve ser visto como algo dialógico, ou seja, produz o sujeito e é produzido por ele. Em outras palavras ela produz os sujeitos, assim como eles se produzem e dentro dessas relações, também deixam circular possíveis formas de resistências.

O campo das culturas juvenis trabalha com discursos que privilegiam os aspectos sociais, culturais, econômicos e as especificidades de cada realidade, a da favela, a dos meios urbanos, a dos meios rurais. Atualmente, trabalhamos no grupo de pesquisa do qual faço parte, com esta combinação de concepções apresentadas, as quais produzem sujeitos jovens transitórios, com marcas culturais. Marcas essas expressas no corpo, nos modos de ser/vestir dos sujeitos jovens. Tais sujeitos se constituem de inúmeras formas e se utilizam, dentre outros modos, de discursos midiáticos para comporem suas identidades. É nesse *locus* que a mídia desenvolve a sua pedagogia cultural, conforme Steinberg (1997). Tal pedagogia se constitui na concepção que a educação ocorre em diversos espaços sociais, sendo a mídia um destes espaços que ensina, por exemplo, modos de ser/estar jovem.

Essa mídia, a qual inclui desde o jornal até a internet, estaria sendo uma ferramenta que atua nos modos de ser jovens, seria um modo diferente ou até mesmo semelhante publicizar os discursos cotidianos que a descrevem. Não cabe aqui juízos de valores, tais como se essa é a melhor ou mais adequada forma de representar a juventude ou se é tendenciosa, ilegítima, mas sim olhá-la de forma concreta em sua estrutura, no que está escrito e no que é repercutido. Fischer (1996) argumenta que:

[...] em outras palavras, eu diria que a mídia "caça" o jovem principalmente naquilo que o 'incrimina', tornando-o visível no seu poder de juventude, sexo e beleza, resistência e agressividade, ao mesmo tempo que na sua condição de miséria física e existencial. Assim, para além de objetivamente informarem sobre fatos, esses textos também afirmam e constroem um modo de diferentes vidas jovens existirem e serem expostas. (FISCHER, 1996, p.249)

Esse incriminar não no sentido pejorativo, mas no sentido de que a mídia localiza as culturas juvenis para que possa "encaixotar, enquadrar, etiquetar, categorizar a juventude" (GARBIN, 2000, p.10) e utilizá-la nos processos de adequação aos comportamentos socialmente aceitos, como se a produção de uma juventude 'normal' partisse de aspectos das juventudes, denominadas pela

sociedade como, transgressoras para se instituir. Um exemplo da forma de 'pedagogização' das juventudes é o que Silva (2010) apontou em seu trabalho sobre jovens *graffiteiros* em Porto Alegre. O autor destaca que um possível uso do *graffiti* na escola seja uma forma de pedagogia cultural capturado pela escola como uma forma de controle da juventude transgressora.

Para analisar a ação dessa pedagogia cultural e os seus efeitos sob a forma da produção de identidades, as quais são veiculadas no jornal, utilizei o conceito de discurso (FOUCAULT, 2009a, 2009b, VEIGA-NETO, 2009) enquanto prática que produz os sujeitos e as instituições que falam. Discursos, os quais serão ferramentas de análise também nessa pesquisa, são percebidos nesse estudo como sendo um conjunto de verdades que postos em relação através de determinadas regras, constituem os objetos de que falam (FOUCAULT, 2009a). Os discursos são 'óculos' através dos quais em cada época os homens tiveram a percepção de todas as coisas, pensaram e agiram de determinada forma (VEYNE, 2008). Tais discursos podem pertencer a campos diferentes, mas obedecem as mesmas regras de formação. Estes discursos são possibilitados por práticas que disseminam e produzem outras relações entre os sujeitos, colocando em funcionamento verdades e é no interior dessas verdades que se constituem as posições de sujeitos como: jovens, mulheres, trabalhadores, alunos, filhos etc.

Os discursos que aparecem no jornal são produzidos, também, sob a forma de prescrições que visam contribuir na constituição das identidades juvenis dos leitores, mediante a produção de um sujeito jovem.

Os discursos nomeiam e determinam regras para que os sujeitos ajam de determinada maneira na cultura de uma determinada época. Foucault (2009a) explicita que tais conjuntos de regras que norteiam as práticas, as quais por sua vez dão origem a novos conceitos

[...] delineam o sistema de regras que teve de ser colocado em prática para que tal objeto se transformasse, tal enunciação nova aparecesse, tal conceito se elaborasse, metamorfoseado ou importado – sem deixar de pertencer a esse mesmo discurso; [...] o qual dá lugar novas enunciações, novos conceitos.(FOUCAULT, 2009a, p.83)

Esse conjunto de regras históricas que foram definidas no tempo e no espaço fizeram com que alguns discursos tivessem maior visibilidade, que interditassem outros e que ainda entrassem em oposição com outros discursos circulantes.

Alguns discursos contemporâneos que produzem identidades juvenis colocam o jovem como um índice, um perigo, um consumidor, um rebelde ou até mesmo consciente, sustentável e que vê na escola, na família, na religião um campo de segurança frente aos questionamentos incertezas da pós-modernidade. Foucault em a **Ordem do Discurso** (2009b) propõe que discursos que temos em nossa vida, sempre circulantes e que fazem parte do que somos, estão na base de uma ordem, na qual existem sujeitos autorizados a falar, a disseminar tais discursos, havendo para tanto regras de formação, de interdição, todas perpassadas por relações de poder-saber. Os discursos direcionados ao público jovem circulam e atraem tal público sob a forma dos modos de endereçamento. Este conceito foi pensado, inicialmente, nos estudos sobre cinema na relação dos espectadores com o filme, mas que no meu estudo operam na relação - leitor e jornal. Conforme reflexões de Ellsworth (2001) um dos aspectos importantes dos modos de endereçamento é a sua invisibilidade que parece convocar o público a produzir significados culturais acerca de mídia, seja ela filme, revista, jornal, televisão. Ela [a invisibilidade] não age no obscuro, não está explicitado, desenhados em tons chamativos para que possa ser vista de longe, digamos que ela está presente, mas nos bastidores.

Podemos pensar nos modos de endereçamento como parte de uma relação singular que pode ser estabelecida entre o espectador/leitor que assiste/lê, nesse sentido, Ellsworth (2001) argumenta que:

O conceito de modo de endereçamento está baseado no seguinte argumento: para que um filme funcione para um determinado público, para que ele chegue a fazer sentido para uma espectadora, ou para que ele a faça rir, para que a faça torcer por um personagem, para que um filme a faça suspender sua descrença [na “realidade” do filme], chorar, gritar, sentir-se feliz ao final – a espectadora deve entrar em uma relação particular com a história e o sistema de imagem do filme. (ELLSWORTH, 2001, p.15)

O que a autora nos diz é que para que tal artefato cultural possa induzir a uma identidade, desperte o interesse no seu público, deve-se ter uma relação, uma identificação com a história, ou seja, o artigo escrito no jornal deve ser de seu interesse, deve ter identificação com o momento que o sujeito vive. Os modos de endereçamento além de múltiplos dentro de um artefato cultural, podem “vender” outras identidades, outros aspectos do público que irá ler/assistir, conforme Ellsworth (2001) é que eles:

Atrairão o espectador ou a espectadora a uma posição particular de conhecimento para com o texto, uma posição de coerência, a partir da qual o filme funciona, adquire sentido, dá prazer, agrada dramaticamente e esteticamente, vende a si próprio e vende os produtos relacionados ao filme. (ELLSWORTH, 2001, p.24)

Nesta perspectiva, o Jornal vende assinaturas, divulga os projetos das escolas da rede particular confessional católica, da Universidade a que está ligada como produtos ligados a essa veiculação.

As matérias podem produzir certas representações de juventudes a quem lê o jornal. As representações por si produzem identidades, as quais só tem sentido nos significados culturais propostos pelo jornal, pela sociedade, pelo que é aceito social, política e economicamente (WOODWARD, 2009). Através dessas representações produzem-se marcas identitárias, como vestimentas, *looks*, adereços que remetem a modos de ser jovem¹¹. A mídia tem papel contribuinte na produção de identidades culturais, tal como argumenta Woodward (2009, p.30), “o filme é também um dos lugares nos quais somos espectadores das representações pelas quais a mídia produz determinados tipos de identidades.”

Outro conceito que é de fundamental importância em meu estudo é a de identidade, perpassada logicamente pelos processos de identificação. Hall (2011) explicita os processos de identificação como:

[...] a abordagem discursiva vê a identificação como uma construção, como um processo nunca completado – como algo sempre ‘em processo’. Ela não é, nunca, completamente determinada - no sentido de que se pode, sempre, ‘ganhá-la’ ou ‘perdê-la’; no sentido de que ela pode ser, sempre sustentada ou abandonada. (HALL, 2011, p.106)

É essa incerteza, essa liquidez das relações com as identidades e com os discursos que irão pautar este estudo, pois entendo que identidades ocorrem de modo simultâneo e que podem se desfazer de acordo com os discursos que interpelam os jovens. Pensar as identidades me possibilitará também considerar as questões a que estão implicadas, como por exemplo, os jogos de poder que tornam a identidade signos de diferença e exclusão, muito mais do que uma unidade idêntica (HALL, 2011). Conforme o autor, ao passo que tomamos contato com

¹¹Para mais detalhes ver nos estudos: Ferreira (2005), Santos (2006), Pereira (2006), Manske (2006), Camozzato, (2007), Rossi (2007), Corrêa (2007), Silva (2008), Severo (2008), Mello (2009), Linck (2009), Silva (2010).

sistema de representação e resignificação, tais como a mídia, somos confrontados com a multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis (HALL, 2006, p.13).

3.1 Do Estado da arte dos Estudos sobre Mídia Impressa e Juventudes

A respeito dos recortes e dos fundamentos teóricos que irão delinear essa pesquisa, considero que alguns estudos são de fundamental importância para essa dissertação. Apresento estudos já realizados sobre os temas mídia e juventude, os quais foram encontrados no Banco de Teses e Dissertações da CAPES e no Repositório Digital da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (LUME/UFRGS). A saber, Neuman (1989) em sua dissertação de mestrado estudou a empresa que produz o **Jornal Mundo Jovem**, analisou como estava a situação da comunicação de massa no Brasil e no Rio Grande do Sul e a possibilidade dos indivíduos trilharem seus caminhos independentes desse meio. Fischer (1996) abordou em seu estudo a adolescência e a produção de sua subjetividade mediante a mídia. Garbin (2000) trabalhou com jovens e a sua relação com *chats* da internet, apontando os vários pertencimentos que estes jovens produzem e se identificam na internet. Schmidt (2006) lançou mão da **Revista da MTV** para explorar o termo “ter atitude” amplamente conhecida pelos jovens. Marques (2007) problematizou as culturas juvenis no **Jornal Kzuka**, um complemento do **Jornal Zero Hora**, do Rio Grande do Sul. Rossi (2007) a qual foi integrante do grupo de pesquisa do qual faço parte, investigou as culturas juvenis nas páginas do caderno *Patrola*, suplemento também do **Jornal Zero Hora**. Souza (2008) analisou as formas pelas quais o **Jornal Mundo Jovem** comunica os paradigmas educacionais adotados no país desde a década de 1960, com o propósito de formar pessoas autônomas, criativas, críticas e solidárias, capazes de explorar o universo de suas construções intelectuais.

Outros estudos, Gobbi (1999) analisou o jornalismo para *teens* e os espaços disponibilizados pelos jornais do Brasil para este público específico, também inventariou o perfil dos suplementos veiculados nas regiões Centro-oeste, Nordeste, Norte, Sudeste e Sul, localizados na **Folha de São Paulo**, **O Estado de São Paulo** e **O Globo** para compreender como se dá a participação dos leitores juvenis, bem como os objetivos da manutenção destas publicações pelas empresas jornalísticas

nacionais. Gumes (2004) também trabalhou com o jornal **Folha de São Paulo**, mas analisando a identificação das culturas juvenis representadas no **Folhateen**, suplemento jovem e buscou também revelar como as identidades se configuram nos textos do jornal. Santos (2005) analisou a imprensa de Fortaleza operando na construção das juventudes leitoras na década de 50. Nascimento (2008) direcionou seu olhar para a revista **Veja** e o jornal **Folha de São Paulo** dos anos de 1970 e 1980 e o modo como ela interfere nas produções da juventude e de suas estratégias. Pedrosa (2008) em seu estudo objetivou analisar o discurso da mídia, com destaque aos jornais impressos, sobre atos e fatos envolvendo jovens infratores, de forma mais específica na periferia de Natal. Oliveira (2009) analisou o discurso sobre a adolescente negra veiculado nas páginas da revista *Atrevida*. Stein (2011) focalizou seu trabalho na participação de jovens em um grupo religioso de orientação católica, o ONDA, pertencente a uma pastoral de paróquia da região do Vale do Rio dos Sinos. Através da forma como vinte jovens participantes constroem o referente ONDA, em oficinas e entrevistas, a pesquisa investiga que representações os jovens constroem do trabalho realizado no grupo e quais as possíveis repercussões desse trabalho em relação à estruturação da vida em sociedade.

Este trabalho contribui a visão dos trabalhos citados, pois se utiliza de um artefato cultural que veicula discursos sobre juventude. Tais discursos operam na contramão que outros artefatos culturais (revistas, internet, televisão, etc.) mostrando juventudes, conscientes, disciplinadas e contrárias ao consumo.

No grupo de orientação do qual faço parte, coordenado pela professora doutora Elisabete Maria Garbin, estudamos as juventudes e suas culturas inseridas nos meios referidos e suas relações com a cultura, mídia, educação, entre outros, como podemos observar Nas dissertações produzidas pelo grupo, como o de Santos (2006), que estudou como determinadas práticas culturais atreladas à música podem atuar na constituição de identidades juvenis na contemporaneidade, especificadamente no meio escolar. Permeados por movimentos musicais, que vão muito além de apenas música, mas modos de ser, de se narrar frente a sociedade e seus pares, Pereira (2006) estudou o movimento *punk* de Porto Alegre. Também foi amplamente estudado a questão das lideranças juvenis como componentes de suas subjetividades na escola, por Manske (2006), o jovem e sua relação com a internet constituindo amizades e modos de ser sujeito jovem e/ou modos de ser

(CAMOZZATO, 2007). As meninas do curso 'normal' de uma escola de Porto Alegre e seus modos de ser aluna e professora também foram estudados por Severo (2008), os jovens representados no cinema com HIV/AIDS e suas problematização (CORRÊA, 2007), foram tratadas relações juvenis com as campanhas publicitárias (MELLO, 2009), as juventudes 'trans-viadas' e suas culturas urbanas-corporais (SILVA, 2008), o recreio como ambiente de interações e produção de culturas juvenis (LINCK, 2009). As diversas expressões culturais através do *graffiti* foram abordadas por Silva (2010).

São essas juventudes dinâmicas, não apenas cronológicas, mas sim nômades com suas culturas que transformam seu modo de viver, as juventudes com essa transmutabilidade que são objeto de estudo do grupo de pesquisa sobre Juventudes e Culturas Contemporâneas do qual faço parte. Se partirmos do pressuposto que as juventudes vivem suas culturas nos espaços escolares, nos interstícios de suas obrigações sociais (tais como: emprego, escola, etc) elas também encontram amplo espaço na mídia que proporciona essa vivencia de culturas veiculando seus ídolos e modos de ser.

3.2 Das Materialidades

Realizei a análise sob a forma de leitura atenta de cada uma das dez edições mensais do **Jornal Mundo Jovem** nos anos de 2009 a 2010, abarcando um ano de publicação, o que concerne 20 exemplares. Apresento algumas capas dos exemplares do ano de 2009 do jornal.

Figura 3 - Exemplares de algumas capas do Jornal Mundo Jovem



Fonte: Jornal Mundo Jovem, 2009

Centrei meu olhar nas matérias que continham um chamamento a juventude, trazendo orientações sobre ser/estar jovem. Considero, contudo, que poderiam ter sido realizadas outras abordagens para este estudo explorando questões de sexualidade, trabalho docente, relação do jovem com a religião, entre outros. No entanto, me detive nesse recorte por dois motivos; o primeiro por considerar que em um ano de publicação tem-se material necessário à análise dos discursos sobre juventude contemporânea no *Jornal*. Segundo motivo, busco analisar as juventudes contemporâneas, ou seja, aquelas que se constituíram no tempo atual, as quais são fluidas, líquidas, que vive sua condição na transitoriedade.

Não me detive em nenhuma seção específica do jornal por considerar produtivo analisar ao longo dos textos os discursos que se produzem em tal artefato e que considero criar modos de compreender e se dirigir aos jovens, a exemplo das seções de Filosofia, Bíblia, Juventudes, Projeto Pedagógicos, etc. A partir dessas escolhas teórico-metodológicas dei início às análises do artefato em si para visualizar os discursos nas páginas do jornal.

No entanto as categorias de análises destacadas nesse estudo buscam evidenciar as recorrências dos temas como: consumo, protagonismo juvenil e identidades; presentes na publicação. A partir do viés dos Estudos Culturais, que consideram uma ampla gama de expressões e modos de viver como culturas procuro, com esse estudo, enfatizar a visibilidade de alguns discursos que me pareceram prementes.

4 O QUE ESPERAR DE ADOLESCENTES E JOVENS¹²? – DAS ANÁLISES

O título que abre este capítulo analítico pertence a um artigo publicado na seção *Psicologia*, da edição de Outubro de 2010 do jornal. A partir das expressões “adolescentes” e “jovens”, tensiono o porquê do uso de diferentes termos, tendo em vista que no texto do artigo não há nenhuma diferenciação. Entendo que o termo “adolescente” está mais ligado a uma vertente psicológica, cuja referência se dá a partir da idade cronológica e de comportamentos determinantes dessa fase da vida. Já o termo “jovens” aproxima-se da forma com a qual trato nessa pesquisa os sujeitos que são narrados pelo jornal, pois amplia a referência para além da idade cronológica, considerando especialmente as práticas culturais dos grupos em questão.

Este capítulo foi dividido em duas seções de análise: na primeira seção *Condição Para Viver A Religião – Constituição De Identidades Juvenis Católica*, apresento aspectos da produção das identidades juvenis mediante os discursos veiculados no jornal, como o jornal prescreve os modos de ser jovem católico através das inúmeras formas de condução desse sujeito. Na segunda seção, *Discursos sobre consumo – consumir o quê?*, trato como o jornal oferece determinadas orientações sobre o consumo aos jovens leitores.

¹² O título desta seção foi retirado do artigo homônimo, na seção Sociologia, da edição de 2009 do **Jornal Mundo Jovem**.

4.1 Condição Para Viver A Religião¹³ – Constituição de Identidades Juvenis Católicas

Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento é porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora ‘narrativa do eu’. (HALL, 2003 apud HALL, 2006, p.13)

Ao analisar o Jornal Mundo Jovem, torna-se possível depreendê-lo como um artefato cultural que, através da linguagem, dos discursos, produz compreensões sobre ser/estar jovem na contemporaneidade. A partir das análises dos discursos, tensiono como, ao tentar delinear uma identidade jovem – católica, o jornal vai ao encontro do conceito de identidades múltiplas, efêmeras, fluidas e, por vezes, contraditórias como afirma Hall (2006). O jornal produz inúmeras possibilidades de pertencimentos, mas a que mais se destaca é a religiosa. Ou seja, existem identidades contraditórias muito presentes em nosso cotidiano e veiculadas pelo jornal, no entanto, a tentativa pode ser criar uma unidade, uma narrativa do eu (HALL, 2006).

Conforme as identidades apresentadas pelo jornal, o jovem pode ser católico, e também gostar de roupas de marca, de *rock n’ roll*, frequentar salas de bate-papo virtuais sem, no entanto, romper com sua identidade católica, demonstrando uma certa negociação entre fronteiras identitárias. Essas negociações se dão tendo em vista o endereçamento voltado ao público jovem, que exige uma aproximação de suas preferências e vivências fora do ambiente religioso.

Como exemplo deste endereçamento, temos o artigo intitulado *Rebeldia jovem para desacomodar o mundo*, na seção Filosofia, na edição de abril de 2010, que consta na figura 4, que traz o conhecido discurso da rebeldia jovem associada ao ‘poder’ de mudar o mundo como estratégia para capturar o interesse do leitor.

¹³Título do artigo homônimo localizado na seção Ensino Religioso. Edição julho, 2010, do Jornal Mundo Jovem.

Figura 4 - “Rebeldia jovem para desacomodar o mundo”. Seção Filosofia.

Rebeldia jovem para desacomodar o mundo

A rebeldia nos jovens não é um crime. Pelo contrário: é o fogo da alma que se recusa a conformar-se, que está insatisfeito com o status quo, que proclama querer mudar o mundo e está frustrado por não saber como.

Nei Alberto Pies,
professor e militante de direitos humanos, Passo Fundo, RS.
Endereço eletrônico: pies.neialberto@gmail.com



Ilustre rebeldia
Composição: Luciana Costa

*Vou, vou te contar o meu segredo
Não, não pense que sou um brinquedo
Sou filha de uma mocidade
Não faço nada contra minha vontade*

*Já passei, passei daquela idade
Dispensar hipocrisias, não aceito caridade
O que eu quero é a minha liberdade
Não faço nada contra minha vontade*

*Não, não preciso andar na moda
Não sou boneca para ser manipulada
O meu canto tem a mais pura verdade
Não faço nada contra minha vontade*

Para assistir ao clipe desta música, acesse
www.youtube.com/watch?v=dtlVnt_An0Y

Controlo ou emancipar a juventude: este dilema de nossos tempos. O inconformismo, que caracteriza os jovens, é a força renovadora que move o mundo, mas também algo que incomoda os já acomodados. Acomodados, despreparados ou desconhecendo a realidade do universo juvenil, muitos de nós desqualificamos a juventude, vendo-a como um incômodo ou como uma fase de passageira rebeldia. Em vez de emancipar, desejamos controlar, dominar, moralizar.

Provocando mudanças
Bravamente, ao longo dos tempos, os jovens resistiram e mantêm acesa a ideia de mudar o mundo. Desejam, profundamente, que ideais e mundo sejam uma coisa só. Seus sonhos são suas ideias em ressonância. Os jovens têm consciência de que precisam controlar o seu “fogo ardente”. Mas desejariam que este controle fosse deles, não daqueles que representam qualquer autoridade (pais, professores, psicólogos, legisladores, juizes, polícia). Queriam serem pensados pelos outros.

A rebeldia é o sinal de que a juventude continua sadia, cumprindo com o seu papel de provocadora de mudanças. A rebeldia, aos olhos da Filosofia, é atitude de quem quer ser sujeito de sua história, não seu coadjuvante. Sim, porque a Filosofia, como o inconformismo, motiva a cada um de nós na busca de seus próprios caminhos.

Pensamento próprio
O filósofo Sócrates, na Grécia Antiga, acreditando na emancipação humana, desenvolveu o método da maiêutica. Concebeu o papel dos sábios a um trabalho de parteira (que ajudam a dar à luz). Ele acreditava que a verdade e o conhecimento estão com cada um e cada uma de nós, e cada indivíduo pode descobrir as razões e verdades que motivam seu viver. Não por acaso, foi considerado um incômodo para Atenas. Uma das razões de sua condenação à morte foi insuflar a juventude a pensar por sua conta.

Muitas iniciativas da sociedade, de ONGs, entidades e igrejas surgiram por

que compreenderam que o jovem quer, precisa e pede o nosso apoio. E têm se dedicado ao trabalho com a juventude, empregando o protagonismo juvenil, a arte e a espiritualidade como formas de potencializar as energias da juventude. Seus êxitos comprovam que com oportunidades a juventude toma os melhores caminhos. Aliás, os jovens nunca dispensaram atitudes de apoio, escuta, compreensão e orientação. E gostam de ser desafiados pelos adultos.

A rebeldia tem causas que a justificam como atitude altiva e saudável. Jovens e adultos, no entanto, precisamos descobrir quais são as causas pelas quais vale uma vida. A violência e a agressão, em forma de rebeldia, não podem ser toleradas. Por sua vez, rebeldia saudável e protagonismo são ingredientes indispensáveis para fomentar as renovações de que a sociedade precisa. Mas a opção é da sociedade: apostar e empenhar-se na emancipação e inclusão da juventude ou considerá-la como constante ameaça contra a ordem social. Cada opção tem seu preço.

Questões para debate

- 1 - Em que medida a rebeldia é uma atitude positiva?
- 2 - O que o inconformismo tem a ver com Filosofia?
- 3 - A Filosofia dos jovens pode mudar o mundo?

Olhemos mais para o “nós” e menos para o “eu”.

www.mundojovem.com.br - abril 2010 - 11

Fonte: Jornal Mundo Jovem, abr. 2010.

Também destaco nesse artigo o questionamento inicial do autor sobre “controlar ou emancipar a juventude?”. O autor, cuja profissão é a de professor e militante dos direitos humanos, visa durante o texto incentivar o engajamento político da juventude. A palavra ‘emancipação’, conforme Bechara (2009) significa: “[...] a ação de torna-se independente; libertação”, no artigo podemos pensar nessa palavra como uma forma de libertar-se de alguma condição ou fator que o esteja prendendo no momento. Também pensar que a esse sujeito estaria sendo sugerido uma mudança de sua condição de “preso” à liberto. Promovê-lo a outra condição, que no momento ele ainda não se encontra. A pergunta que o autor nos traz situa o jovem num não-lugar, pois ele não está liberto de todo, nem é possível controlá-lo.

Tensiono este posicionamento do jornal considerando a lógica emancipatória que está presente em muitos discursos de cunho religioso, dentre outros, e que vai ao encontro de outros enunciados sobre juventude como uma fase de passagem, incompletude, transição para vida adulta. Entendo que seria uma espécie de governo das condutas dos jovens a partir da ideia de que seria preferível investir na emancipação ao controle, no protagonismo. Os discursos ganham legitimidade na medida em que são escritos por especialistas ou por integrantes do grupo religioso que tenham credibilidade transformando os enunciados em verdade. O status de verdade passa a garantir a força do discurso, no caso, de que a juventude é rebelde por que não é emancipada, por que deve haver práticas de captura e governo dela.

O apelo a uma identidade cristã vem de forma sutil na seguinte passagem “Muitas iniciativas da sociedade, de ONG’s, entidades e igrejas [...] que tem dedicado seu trabalho com a juventude empregando a espiritualidade como forma de potencializar as energias da juventude.” Consideram-se ao longo do texto do artigo os aspectos culturais, de formação para o trabalho, mas de forma bem presente a formação espiritual é um fator que “potencializaria” as energias da juventude. Direcionar as “energias” da juventude à religião. Uma contradição a emancipação e uma possível constatação de controle dessa juventude. O autor ainda encerra o artigo aconselhando que “rebeldia saudável e protagonismo são ingredientes indispensáveis para fomentar as transformações que a sociedade precisa”, o jovem precisa se “rebelar” de forma a respeitar as regras, a debater na sociedade e principalmente assumir sua identidade de líder perante a sociedade e a sua igreja.

Já na Figura 5 no artigo *O que é ser homem e ser mulher?* da seção Sexualidade, presente na edição de Novembro de 2009, a autora que é professora de biologia, já nos mostra uma visão, naturalista e biológica da divisão da sexualidade; é sugerido as formas de se pensar a identidade feminina e masculina. Inicialmente pode-se observar na chamada do artigo a concepção de juventude a ser adotada, o viés identificado da Psicologia: “A adolescência [...] é a fase de questionamentos, timidez, rebeldia. [...]”. O modo de endereçamento que se faz presente é a tentativa de descrever os comportamentos, muitos deles já na circulação de discursos médicos, psicológicos, como forma de criar uma identificação com o jovem leitor ou com os professores que também são alvo da publicação. O viés escolhido para tratar da juventude, quando pensado a partir dos referenciais teóricos que adoto parece não comportar as múltiplas formas de ser jovem na contemporaneidade, delimitando assim em comportamentos recorrentes e comuns a todos os jovens. No entanto, esse é um dos muitos modos de endereçamento presentes no artigo. Outro aspecto presente no artigo, na parte lateral é a música **Anjo do Céu**, do grupo de *reggae Maskavo*, no artigo interpretada pelo cantor gaúcho de *reggae Armandinho*, apreciado dentre os jovens. A partir da exibição da letra dessa música pode-se inferir a produção no sujeito leitor de uma identificação, atrativo para ler o artigo. O que se está em debate nesse artigo é a identidade feminina e masculina. No entanto, o que é visto ao longo do texto são aspectos biológicos e a transposição à família e a escola para que garantam “as condições necessárias para que adolescentes possam fazer suas próprias escolhas no desdobramento do jeito de cada um viver o fato de ser homem e mulher”. A mídia lhe diz como ser mulher e ser homem atualmente, foi-se o tempo em que apenas a escola e a família poderiam orientar. A identidade que se busca criar nesse artigo pelo que se pode observar é a dos comportamentos atribuídos ao homem e a mulher, e a indicação que dentre os muitos fatores que operam sobre essa identidade, um deles é a cultura.

Os modos de endereçamento presentes no artigo nos fazem pensar que é a partir dessa “posição-de-sujeito” sobre o qual o jornal constrói os pressupostos sobre quem é o seu público funcionam com o mínimo de esforço, de contradição ou de deslizamento, de familiaridade (ELLSWORTH, 2001, p.16). No caso do jornal, a identidade juvenil proposta parece a de um jovem que é narrado, produzido pelos discursos, atende aos preceitos cristãos, que conhece sua realidade histórico-política. Que apesar de sua orientação religiosa, não está fora do que se discute na contemporaneidade, tal como tatuagem, internet, *hip-hop*, *funk*, consumo, entre outros. É um jovem a frente de seu tempo, mas que respeita e aprende com as gerações passadas.

O sentimento de que temos uma identidade apenas e que vivemos eternamente sob os parâmetros dela é uma visão comumente confundida com a ética e a moral, as quais pautam nossas ações desde que a aprendemos para o resto da vida. Em parte essa ética é formada pela religião e pelos discursos sobre o que é certo/errado nas ações cotidianas. No jornal encontramos os modos de endereçamento aos jovens para que estes pautem suas ações pela religião, como nos mostra os excertos a seguir:

Para captar toda a riqueza de vida presente na Bíblia, é importante de um lado olhá-la como produto literário que pode e deve ser analisado à luz da história e da crítica textual. Essa leitura responde às nossas buscas no entendimento da palavra, pois queremos compreender o seu sentido. Isso é bom, mas não suficiente. É que a Bíblia não é um conjunto de conhecimentos teóricos como as demais ciências. Não é um livro de biologia ou de astronomia, de física ou de história, mas é um livro de teologia, um livro de fé, escrito por pessoas de fé para comunidades também de fé. (Uma palavra para a nossa vida, p.15, fev., 2009, grifo nosso)

No excerto acima, retirado da seção Bíblia, do exemplar de fevereiro de 2009, podemos observar na parte grifada prescrições de como ler e entender a Bíblia no sentido estrito da religião. A ação sugerida ao jovem é que tenha um olhar diferenciado a esse artefato cultural, o qual a passagem se refere como sendo algo diferente de: “[...] um conjunto de conhecimentos teóricos como as demais ciências. Não é um livro de biologia ou de astronomia, de física ou de história”.

A palavra de Deus deve ser o nosso alimento cada dia e nela precisamos buscar o sustento para nossa vida. (*Bíblia (ainda não) é um livro ecumênico*, p.9, set. 2010)

Já nesse excerto anterior podemos observar pelas expressões “deve” e “precisamos”, uma produção de uma obrigatoriedade na busca por Deus, ou seja, o jovem precisa e deve ter a ação de buscar a Deus e a religiosidade.

Os excertos apresentados procuram ressignificar as identidades juvenis católicas, as quais são produzidas através de prescrições sobre como se conduzir e conduzir aos outros. Não basta ser católico, tem que seguir uma série de práticas, de modos de ser para pertencer ao grupo. Tem que praticar a sua ética.

Essas práticas visam além de serem condições para pertencer ao grupo, alcançar os sujeitos jovens, propagar a fé. No artigo *Novos paradigmas na religiosidade juvenil*, da seção Ensino Religioso, na edição de abril (2010, Figura 5), a preocupação da autora é a captura de sujeitos jovens que estariam “sem nenhuma tradição religiosa”, mas que estariam dispostos a “buscar seu ser divino”. Na produção da identidade juvenil cristã, mais especificadamente católica, os discursos operam como saberes que visam a transformação do sujeito leitor. Os discursos sobre juventude tornam-se aliados na busca dessa produção, a qual narra a juventude que lhe interessa. Como se pode observar no excerto a seguir:

Temos então, por um lado, uma juventude que acredita ser a religião importante e que com ela se chega fácil ao transcendente e, portanto, participam das missas, cultos, eventos de igrejas, grupos de jovens. Encontramos também grupos de jovens que acreditam em Deus.
(*Novos Paradigmas na religiosidade juvenil*, abr. 2010)

Pelo excerto apresentado podemos inferir que essa identidade católica apesar de ser recorrente no jornal, também vislumbra um público que ainda não pertence a religião católica. Há uma espécie de convocação a assumir uma identidade jovem nas páginas do jornal, conforme Ellsworth (2010, p.17): “[...] os produtores de filmes fazem muitas suposições e têm muitos desejos conscientes e inconscientes sobre o tipo de pessoa para a qual seu filme é endereçado e sobre as posições e identidades sociais que seu público deve ocupar.”

No artigo ainda são citados dois tipos de identidades primordiais: a identidade religiosa sincrética e a identidade religiosa familiar. A autora do artigo explicita de forma clara, que existe a necessidade de o jovem desenvolver uma identidade religiosa. No primeiro caso seria uma identidade ligada a rituais, a amuletos e outros

formas de se cultivar uma crença. Na identidade religiosa familiar, o jovem é produzido pelas práticas familiares religiosas, o que segundo a autora, também não rende grandes sucessos, tendo em vista que o jovem pode entrar em conflito com tais regramentos advindos da família.

A autora ainda utiliza-se de documentos oficiais para argumentar que: “as religiões são fontes de sentido e colaboram de forma decisiva na constituição de sua identidade e de sua visão de mundo.” (JORNAL MUNDO JOVEM, abr. 2010, p.21), ou seja, tal afirmação de que a religião constitui de forma decisiva a identidade, por si só já é um indicativo do funcionamento desses discursos no sujeito, sendo ele jovem ou de outra faixa etária. Logicamente, pela linha de estudos que admito, nada constitui de forma definitiva ou conclusiva a identidade, sempre é possível termos resistências e/ou outras identidades convivendo ao mesmo tempo.

Figura 6 - "Novos paradigmas na religiosidade juvenil". Seção Ensino Religioso

Antes de tudo, precisamos perceber que a religiosidade juvenil tem mudado frequentemente. Diante disso, partimos, aqui, de uma visão ampla da religiosidade que permeia o mundo juvenil, que contribui para sua transcendência. Destacamos a importância da religião na vida do jovem, o cultivo de sua religiosidade e a sua relação com o sagrado.

Sandra Michelluzzi Biazotto,
professora de Ensino Religioso no Colégio
Marista São Luís, de Jaraguá do Sul, SC.
E-mail eletrônico: zmbiazotto@yahoo.com.br

A fase juvenil é a que mais sente o impacto das mudanças atuais, pois o jovem está em constante transformação e em busca de querer ser o melhor em tudo que faz e, consequentemente, a sociedade luta com isto. Ao contrário, as peças publicitárias dirigidas à juventude, em suma, colocam o jovem como um mero observador e consumidor de tudo. Temos um jovem que vive a sensação de triunfo da modernidade avançada e o desejo de fruição da vida. Como afirma o padre jesuíta João Batista Libânio, o jovem "vê o mundo como um gigante vídeo-game colorido. Está sempre jogando e ansioso por ganhar. Não sabe perder. Nasceu para triunfar".

Formas de religiosidade

Percebemos a manifestação, de uma maneira silenciosa, das angústias, indagações, do desejo de responder às suas inquietações como também o de ser reconhecido pela sociedade. Mesmo que para isso bolique de alguns ou muitos valores éticos, morais, religiosos, recebidos pela família, escola e a própria comunidade religiosa.

De mudança em mudança, de tempo em tempo, temos uma juventude carregada de responsabilidade diante da vida (estudo, trabalho, lazer, consumo, entre outras). Mas será que há um espaço para o sagrado? Como se configura a sua religiosidade, hoje?

Há na sociedade uma espécie de diversidade diversificada e atraente, que convida

Novos paradigmas na religiosidade juvenil

o jovem a experimentar várias religiões, fazendo com que ele consuma apenas o que lhe parece significativo e que atenda às necessidades imediatas. Forma assim uma identidade religiosa sincrética. O ser humano busca sacralizar objetos, lugares e diversos outros elementos, como uma espécie de homenagem e gratidão e, ao mesmo tempo, para que o transcendente seja lembrado e adorado. Procura, através de amuletos, estrelas, duendes, imagens de anjos e santos resolver os problemas pessoais de forma rápida, dando um sentido à sua vida.

Trazendo em sua história pessoal a identidade religiosa familiar, o jovem, muitas vezes, questiona as regras de instituições como a família, a escola e a igreja. Justamente as instituições em que ele mais confia e que mais respeita. Não satisfeito com sua tradição religiosa, procura outras que atendam às suas necessidades existenciais.

Essa necessidade de busca pela divindade faz com que criemos imagens desse ser que julgamos superior a todos os outros seres. Não criamos apenas imagens, mas práticas religiosas que acreditamos serem os meios de nos manter diretamente ligados ao transcendente. Temos então, por um lado, uma juventude que acredita ser a religião importante e que com ela se chega mais fácil ao transcendente e, portanto, participam das missas, cultos, eventos de igrejas, grupos de jovens. Encontramos também jovens que acreditam em Deus, porém não seguem nenhuma tradição religiosa.

Segundo as Diretrizes Nacionais da Pastoral Juvenil Marista - 2006, há outros

elementos relevantes sobre a religiosidade juvenil: "As religiões são fontes de sentido e colaboram de forma decisiva na constituição de sua identidade e de sua visão de mundo; as igrejas possibilitam a reunião de jovens em grupos, constituindo lugares de agregação social e de exercício da cidadania. Muitos jovens saídos desses grupos religiosos têm colaborado de forma decisiva para a sociedade, inserindo-se em partidos políticos, sindicatos, movimentos sociais e associações".

Contudo não podemos fechar os olhos diante de outra realidade. Há uma pluralidade quanto ao universo religioso juvenil e isto nos desafia a compreender este cenário e descobrir ações pedagógicas e pastorais a fim de contribuir com o jovem na busca de seu ser humano e, sobretudo, o ser divino.

Sugestões de Leitura:

CNBB. *Evangelização da Juventude: desafios e perspectivas pastorais*. Editora Paulinas.

NOVAES, Regina. *Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz a diferença?* In: *Retratos da Juventude Brasileira*. Editora Fundação Perseu Abramo.

LIBÂNIO, J. B. *Jovens em tempo de pós-modernidade: considerações socioculturais e pastorais*. Edições Loyola.

Questões para debate

- 1 - Os jovens, entre nós, têm fé em Deus? Como manifestam isso?
- 2 - Por que os jovens, em geral, não simpatizam com as formas tradicionais de manifestação da religiosidade?
- 3 - Qual é o sentido da fé para os jovens?



Para produzir a identidade é necessário também que haja regramentos, que são proferidos por quem detém relações de poder que coloca as verdades em circulação, conforme Silva (2011, p.91): “[...] quem tem poder de representar tem o poder de definir e determinar a identidade”, no caso, a mídia. Essas verdades são analisadas por Rose (1998, p.34) na relação com a formação do sujeito, na qual “[...] a preocupação é com os novos regimes de verdade instalados pelo conhecimento da subjetividade, as novas formas de dizer as coisas sobre os outros seres humanos e sobre nós mesmos, o novo licenciamento daqueles que podem falar a verdade e daqueles que estão sujeitos a ela, as novas formas de pensar o que pode ser feito a eles e a nós”. Essas verdades que são ditas sobre alguém e que visam a formação de uma identidade, no caso, juvenil circulam em discursos específicos que falam sobre juventude. São outras pessoas dizendo verdades sobre outras pessoas, conforme Rose (1998), um licenciamento para dizer sobre.

Esses regramentos são visíveis no artigo *Como agir no século 21?* na seção juventudes, da edição de março (2010, Figura 6), a qual discorre sobre os modos como se relacionar tanto na amizade, no namoro, no casamento do ponto de vista do sujeito, implicando-o no conhecimento de si.

Ainda no artigo é apresentada a letra da música “Selinho na boca” dos cantores Latino e Perlla, a letra da música expõe práticas muito conhecidas pelos jovens como de “dar o selinho”, um beijo rápido nos lábios do outros e das famigeradas “ficadas”. É através dessa letra que o artigo interpela o jovem e no conteúdo do mesmo o faz refletir sobre o que é “normal em nossos relacionamentos”. Ou seja, a frase e incitação de “Como agir”, procura trabalhar com os relacionamentos dos jovens, com um código de conduta visível e aceitável pela sociedade: o de manter um relacionamento de cada vez.

Figura 7 - "Como agir no século 21?" Seção Juventudes

Como agir no século 21?

Quando falamos em relacionamentos, pensamos primeiramente no outro. Amizade, namoro, casamento nos remetem a uma parceria, uma "relação", que depende de duas ou mais pessoas, dependendo do caso. Na verdade, na maioria das vezes, esquecemos que os relacionamentos começam conosco.

Cynthia Castiel Menda,

psicóloga, psicoterapeuta breve, mestre em Educação e colaboradora das Faculdades Integradas de Taquara (Faccat), Porto Alegre, RS. Endereço eletrônico: cyncamen@terra.com.br

O que eu sinto, penso, quero, tenho para oferecer para o outro? Como está minha autoestima, meu autorrespeito, o que eu realmente quero e posso dar ao outro? Diz um ditado popular que "só podemos dar ao outro o que já temos". Quer dizer, se eu não tenho autoestima, se não consigo gostar de mim, como vou gostar de outra pessoa? Se não respeito o que eu sinto e fico com uma pessoa porque minha turma quer, como vou respeitar o outro? Esta é a grande chave dos relacionamentos. Primeiro, o autoconhecimento, primeiro aprender comigo, para depois partilhar com os outros.

As escolhas da adolescência

É nesta fase da vida que começamos a vivenciar mais intensamente os relacionamentos. O grupo de amigos se torna muitas vezes mais importante que a família; e quando iniciamos as experiências amorosas; onde aprendemos o que é amar, o que é se sentir rejeitado, como meu corpo funciona diante do outro e como posso usá-lo para meu prazer e do outro. Isso significa que é uma fase única de aprendizagem e que envolve

muita responsabilidade. Porque, se não houver esta responsabilidade, você pode terminar a adolescência casado com alguém que não gosta, com um filho nos braços que você não desejou, doente fisicamente (com obesidade, depressão, drogadição...) em função da frustração e da dor de não dar conta do que os outros querem de você.

Então, você decide! Viver estas experiências em busca de autoconhecimento, autorrespeito e prazer de viver, ou viver com base no que os outros decidem, quem e esperam de você. A escolha parece fácil, pois todo mundo quer ser feliz, ter momentos bons com seus amigos, amar e ser amado, viver histórias de amor e paixão. Mas, na prática, não é tão fácil, pois os adolescentes estão num momento de fragilidade e suscetibilidade. Quer dizer, estão muito voltados para a sua imagem perante os outros e sua exclusão ou aceitação ao grupo que pertencem.

Perigo do vazio

Vivemos numa era em que as coisas e as pessoas se tornam descartáveis; os prazeres são cada vez mais inatingíveis (pois são aqueles que a mídia nos impõe) e fugazes (rápidos) e, por isso, temos a imagem de que precisamos inventar, trocar, arriscar a vida e a saúde para ser feliz. Os relacionamentos também entram nesta seara e aí vemos rapazes e moças que beijam antes de se apresentarem, fazem competição de quem beija mais numa festa e, às vezes, até têm uma relação sexual sem se conhecer. Aí se encontra o perigo do vazio, de não se estabelecer mais relacionamentos saudáveis e dos adolescentes não se proporem a amadurecer e evoluir para relacionamentos mais estáveis e duradouros, que também podem ser felizes e prazerosos.

Claro que ser adolescente é experimentar, e somente experimentando, comigo mesmo e com o outro, vou ter certeza do que gosto e quero. Então, podemos beijar, ficar, namorar com várias pessoas, mas, por autorrespeito e respeito ao outro, deve-se conhecer o outro primeiro e ter um relacionamento por vez. A magia da paixão e do amor somente acontecem quando nos permitimos conhecer e ser conhecidos, quando partilhamos medos, alegrias, tristezas, conquistas. E é tão bom este sentimento de termos com

Selinho na boca

Intérpretes: Latino e Perlla

*Se for dar um selinho na minha boca
Não pense que vai dar namoro
Fica me filmando desse jeito
Posso te hipnotizar*

*Selinho na boca la la la la la
Intimidade doída la la la la la
Selinho na boca la la la la la
Não posso ficar sem (smack smack)*

*Selinho roubado pode até ser normal
Se rola um sentimento pode até ser fatal
Intimidade doída que me deixa assim
No cantinho da boca do ouvido ao pescoço*

Para ter acesso à letra e ao vídeo

desta música: <http://letras.terra.com.br/latino/1334670/>

quem contar! É bem diferente de chegar em casa depois de uma festa em que beijamos várias(os) e no dia seguinte acordar novamente sozinho(a), vazio(a) sem me sentir amado(a)... Supere o medo, supere os preconceitos, seja você mesmo(a) e tente amar e ser amado(a), ser amigo(a) e ter amigos. Você vai se surpreender com os resultados para você e para os outros!

Sugestão de Leitura:

PINTO, Ênio Brito. *Sexualidade: um bate-papo com o psicólogo*. Editora Paulinas.

Sugestão de Filme:

ABC do Amor. Direção de Mark Levin. 98 min.

Atividade

Que tal, após ler o texto, ouvir a música e debater com o grupo:

- Em que medida permitimos a influência dos meios de comunicação e dos outros em nossas ações e escolhas afetivas?
- O que consideramos "normal" em nossos relacionamentos?
- Podemos concordar com a autora que em alguns momentos no dia seguinte da festa sentimos um vazio?

Fonte: Jornal Mundo Jovem, mar. 2010.

A autora alerta ainda, no artigo referido, para o “autoconhecimento” como forma de prerrogativa para iniciar relacionamentos amorosos. Pode-se inclusive inferir que por a autora ser psicóloga entende-se mais ainda seus pontos de vista ligados a psicologia, aliada a inspirações católicas que as identidades são marcadas. O princípio de repudiar as relações efêmeras, as quais os jovens estão acostumados, segundo a autora, tais como “ficar” e dar “selinho” são vistos como um “vazio”, uma forma de não se “sentir amado”. Para tanto, a autora sugere que o jovem “autorespeite e respeite ao outro, devendo se conhecer o outro primeiro e ter um relacionamento por vez”. A indicação da escrita da autora nos sugere um certo regramento de acordo com os preceitos católicos, os quais veem com maus “olhos” essas características tão presentes nos jovens atualmente, tais como as práticas de “ficar”, etc. Segundo Ellsworth (2001), essa diferença do que artefato cultura pensa que o sujeito deve ser e o que de fato ele seria a:

[...] maneira como vivemos a experiência do modo de endereçamento de um filme depende da distância entre, de um lado, quem o filme pensa que somos e, de outro, quem nós pensamos que somos, isto é, depende do quanto o filme “erra” seu alvo. (ELLSWORTH, 2001, p.21)

Podemos dizer que por vezes o “errar” o alvo busca conduzir ao “acerto” desse alvo, como forma de constituir identidade católica. Para essa constituição é sugerido uma série de aconselhamentos por parte da autora, da qual se forem experimentados o sujeito “vai se surpreender com os resultados para você e para os outros”. Faz parte dessa identidade católica pensar na relação com outro, importar-se com o outro como forma de ser solidário.

Os discursos que são visualizados nesse artigo e no jornal integram um movimento em direção aos modos de endereçamento, os quais Ellsworth (2001, p.13) traz como sendo o evento que atua num “[...] espaço que é social, psíquico, ou ambos, entre o texto do filme e os usos que o espectador faz dele”, no caso os usos que o leitor faz do artigo e que lhe é cobrado mediante os questionamentos e orientações para a produção de identidades juvenis católicas.

Os modos de como ser cristão são apresentados nas páginas do jornal, as quais versam de como ser “solidário” para poder “viver de fato a religião”, bem como a “verdadeira” paz e harmonia só encontra-se no contato com Deus. São práticas que o sujeito precisa realizar para produzir como sujeito jovem cristão (FOUCAULT, 2009b).

No artigo *Grupos juvenis e o despertar da consciência*, localizado na seção Juventudes, da edição junho (2009), apresentado na Figura 7, os modos de endereçamento e a sua relação direta na produção de identidades tornam-se muito visível. Primeiramente, gostaria de abordar o título desse artigo que me parece o convite a uma “viagem ao centro de si”, provocar no jovem o movimento de reflexão, de pensamento acerca de sua ética, do que se tem por certo ou errado. O ato de despertar algo no sugere que ela está adormecida, esquecida em algum lugar fora da vida desse jovem. Que ela deve ser acessada para seu crescimento pessoal. O artigo versa sobre a experiência de fazer parte do grupo de jovens, das quais a autora apresenta diversos exemplos. No entanto, o exemplo que predomina é o de uma “banda de música de uma paróquia”, que para tornar-se interessante para os jovens “conhece outras bandas da comunidade”. Esse tornar-se interessante que me refiro são os modos de endereçamento, o que “prende” o leitor no artigo. Para tanto a autora lança mão de uma citação de uma psicóloga que referenda que “[...] a adolescência é o período da formação de turmas, grupos, bandos, gangues.”, bem como utiliza-se do autor Michel Maffesoli (2007) para argumentar que os grupos são legitimados por esse autor no meio acadêmico. Apresentam-se especialistas para legitimem as informações que estão sendo veiculadas no artigo. Em seguida, a autora nos diz que: “[...] a turma ajuda a passar das identificações infantis, de referenciais mais expressivamente familiares, e alcançar novos referenciais identificatórios”, ou seja, a turma ou o grupo de jovens auxiliam na constituição dessa identidade, no caso, identidade católica ligada a um grupo de jovens “da paróquia”.

Figura 8 - "Grupos Juvenis e o despertar da consciência". Seção Juventudes

despertar da consciência



Azeri, L. B. (2010)

A experiência associativa faz parte da formação humana e ganha maior importância na adolescência e juventude, acontecendo de diversas formas. Mesmo na contemporaneidade, com o avanço tecnológico, percebe-se, de uma maneira reconfigurada, a necessidade que temos do encontro com o outro.

Jakeline Lira,

pós-graduada em Cultura e Meios de Comunicação, PUC-SP/SEPAC. Assessora de comunicação da Inspetoria Salesiana do Nordeste, em Recife, PE. Endereço eletrônico: jakeline_lira@yahoo.com.br Blog: www.jakelinelira.wordpress.com

Segundo a psicanalista Maria Rita Kehl, a adolescência é o período da formação de turmas, grupos, bandos, gangues, sendo estas ligações horizontais (fraternas, de sangue ou amizade) e de grande importância. A turma ajuda a passar das identificações infantis, de referenciais mais expressivamente familiares, e alcançar novos referenciais identificatórios.

Participar de um grupo

Os grupos juvenis configuram-se como espaços de criação cultural e tornam-se canais de articulação de identidades coletivas. Duas características são essenciais para conceituar este tipo de associativismo: possuem alguma perspectiva coletiva e um determinado grau de formalidade e organização.

Neste sentido, um fã-club, uma banda de música ou um grupo de igreja são exemplos de grupos juvenis, pois, além de afinidades pessoais e/ou amizades, há um objetivo comum que os faz se encontrarem de maneira planejada.

Já no meio acadêmico, o conceito de tribalismo ganhou notoriedade a partir do sociólogo Michel Maffesoli. Embora o termo tenha se tornado corrente em veículos de comunicação e em pesquisas, é genericamente entendido como um determinado grupamento urbano característico (*skatistas, punks*). Também tem outra dimensão conceitual, mesmo que muitas vezes todas essas definições se sobrepõem. Participar de um grupo pode até ultrapassar barreiras territoriais, mas o sentido de pertença vai além de seguir o mesmo estilo e/ou *filosofia*.

Embora só 15% dos jovens brasileiros (segundo pesquisa do Projeto Juventude, publicada em 2004) participem de grupos jovens, podemos dizer que sua proliferação, principalmente em formatos menos institucionalizados e em ambientes mais populares, tem sido uma das marcas dessa geração. Por isso, precisam ser valorizados e reconhecidos como espaços educativos. Hoje, há uma infinidade de novas formas de participação juvenil e o desenvolvimento destes grupos mostra a disposição para contribuir com um mundo melhor, indo na contramão dos discursos generalistas de que o jovem é alienado ou desinteressado.

No entanto o grupo só será lugar de crescimento, amadurecimento e formação se permitir o conhecimento de si, a descoberta do valor do outro e o despertar para consciência coletiva. O grupo não pode ser um *gueto*. Seja em igreja, escola, ONG ou praça, deve entender que faz parte de um contexto e precisa estar aberto ao outro. Além de respeitar

as diferenças e a diversidade dentro do contexto grupal, também é necessária a abertura para o diferente. A experiência de grupo saudável permite esse crescimento pessoal e coletivo, formando indivíduos que dialogam.

Uma ficção-realidade

Vamos falar aqui de um exemplo fictício e, ao mesmo tempo, concreto, baseado em muitas histórias reais: imagine uma banda de música de uma paróquia que, além de seus encontros de formação e ensaios, participa da reunião de coordenação dos grupos jovens da comunidade, troca experiências e decide ações conjuntas. O mesmo grupo conheceu outras bandas e decidiram, juntos, organizar conjuntamente uma rede, onde compartilham composições, estudam música, *emprestam* algum integrante quando necessário, organizam festivais etc.

Este grupo também conheceu outras bandas do bairro, que não são ligadas à igreja, e viu que também havia uma falta de espaço para eles, assim como falta de incentivos culturais a bandas juvenis do município. Fizeram um fórum, conheceram muitos outros... Quando os integrantes deram por si, já tinham uma ligação com aquele espaço criado e já lutavam conjuntamente pela melhoria do lazer, da educação e dos incentivos à cultura; já entendiam como funcionavam as instâncias governamentais e da sociedade civil. E nem por isso deixaram de ser uma banda de música da paróquia, que tocava nos encontros e em algumas missas. Tenho certeza de que não só a música em si, mas a vivência dessa relação de grupo (que amadurece), fizeram toda diferença na formação e na construção do projeto de vida desses jovens que por ele passaram.

Sugestão de atividade:

Ouvir a música *Mundo Jovem*, de Negra Li, e debater quais os desafios dos grupos de jovens hoje em nosso país.

Questões para debate

- 1 - Que importância tem para o jovem participar de um grupo?
- 2 - Que experiências você tem para partilhar com seus colegas?
- 3 - Que tipo de grupos podemos incentivar e ajudar a criar em nossa comunidade?

Os processos de identificação estão também aliados a valores éticos que, caso do jornal, precisam ser condizentes com o que se sugere. De tal forma que o jornal, na visão da equipe editorial, busca a formação de valores, de uma possível ética cristã, o que corrobora ainda mais com o argumento de que o artefato, apesar de denominar-se de caráter ecumênico, produz identidades juvenis marcadamente cristãs, as quais pela imbricação religiosa perpassam valores éticos e morais do catolicismo, como destaque no excerto da entrevista com Equipe Editorial¹⁴ a este respeito:

Mas isso é o nosso principal mote, que é um jornal de formação de valores.

Essa formação de valores implica certamente na produção de identidades, mais especificadamente processos de identificação com uma moral ou até mesmo modo de ser cotidiano. Essa moral cristã que vem sendo perpetuada ao longo dos tempos (FOUCAULT, 2009b).

Não é o objetivo desse trabalho analisar os valores éticos da religião católica, muito menos criticar ou enfatizar os modos como o **Jornal Mundo Jovem** apresenta essas identidades católicas ao jovem. Interessa sim como os discursos veiculados no jornal investem na constituição de identidades juvenis católica, pautadas pelos regramentos cristãos. Esses modos de se falar sobre juventude como se pode observar nos trechos da entrevista com a equipe editorial a seguir:

Esse nome Mundo Jovem então essa identidade com a juventude, vem daí né para o grupo de jovem né, pensar o jovem na vida, desde aquele tempo né, quem é o jovem e abordar temas relacionados a juventude.

Embora sem perder a identidade que essa é uma vinculação que a gente tem, cristã a gente mantém isso, mas também sem deixar de lado essa abertura.

Nós continuamos até hoje muito relacionados com a Pastoral da Juventude no Brasil né que organiza os grupos jovens do Brasil, enfim né, e que nós temos 2 eventos que é interessante, que nós estamos preparando né, o Mundo Jovem também tá preparando seu cinquentenário né em 2012, 2013 nós vamos

¹⁴ A entrevista com a Equipe Editorial encontra-se em anexo a essa dissertação.

comemorar os 50 anos do jornal né, a Igreja Católica vai fazer a sua Campanha da Fraternidade 2013, sobre a juventude né, 1992 já foi sobre Juventude, então já estamos pensando nisso, por que sempre é uma reflexão, o texto base da Campanha é um texto que reflete também a o que ta acontecendo com a juventude dessa época em que é celebrado essa Campanha.

No artigo *Por que valores?* na seção Filosofia (edição junho, 2010), apresentado na figura 8, os autores explicam a necessidade de se utilizar a ética nas escolhas cotidianas e utilizar com “consciência” a autonomia que de que somos dotados. Ele apresenta estudiosos como Piaget e Morin para reforçar o argumento de que os valores éticos nos são ensinados, que aprendemos conforme nossa cultura. Aliás, cultura essa que é explicitada no artigo como sendo responsável pela distorção da moral e são tidos na sociedade como “heróis” pelo famoso “jeitinho brasileiro” (citação autores). A diferenciação entre ética e moral não é explicitada no artigo. O que se marca é que a consciência humana e a formação de valores é um “sinal da presença de Deus em nós” e a religião “uma condição para que toda a pessoa tenha o discernimento suficiente para distinguir o bem e o mal”. Para o jovem poder constituir sua identidade, e inclusive sua moral, a condição para que alcance seu propósito é a religião, no caso, católica.

O artigo ainda provoca o questionamento do leitor com a pergunta “Quem são nossos ‘heróis’? Que valores eles carregam? “, para o jovem da contemporaneidade essa pergunta mudaria de resposta em segundos, e se formos mais longe, os “heróis” de muitos jovens não seguem moral, nem ética e muito menos estão ligados a religiões. Seria outro caso de “erro” do alvo do endereçamento? Creio que não, é justamente na procura por esses heróis que o jovem pode passar a questionar até eles mesmos, se deve seguir ou não eles e aí aproximar-se ou não de outros heróis.

Figura 9 - "Por que valores?". Seção Filosofia

Por que valores?

O ser humano é, por natureza, inteligente e por isso um ser de valores, que constantemente faz escolhas entre o bem e o mal. O maior desafio consiste em humanizar-se segundo sua inteligência e cultura. Não nascemos prontos. Na trajetória da vida, rapidamente aprendemos o que é o bem e que é o mal. Mas esta tendência pode ser desvirtuada.

Cláudio Maffini Cerezer,

orientador religioso no Colégio Anchieta e professor de Filosofia e Sociologia no Colégio Farroupilha, Porto Alegre, RS. Endereço eletrônico: claudiocerezer@yahoo.com.br

Camilo Birk,

assistente de direção no Colégio Anchieta, Porto Alegre, RS. Endereço eletrônico: camilo@colegioanchieta.g12.br

"Muitos professores e instituições de ensino são modernos, enquanto nossos alunos são pós-modernos, porque transitam em mundos comandados por códigos (ou contracódigos) diferentes daqueles nos quais muitos adultos se formaram e insistem em seguir", conforme disse o professor Danilo Streck. Desacreditam das instituições basilares da modernidade - igreja, estado, fábrica, sindicato e família - e buscam um modo de ser e de viver muito diverso do proposto por elas.

Buscando a autonomia

Aprendemos a ser humanos convivendo e nos relacionando com pessoas. A convivência com valores éticos, morais, estéticos, sociais... nos torna humanos. Na sociedade atual, porém, pessoas que

pautam sua vida por princípios de vida consistentes e por valores são cada vez mais raras. O fundamento da educação para valores como tarefa dos pais, dos educadores e dos adultos em geral está no fato de dificilmente alguém se põe espontaneamente num processo de humanização. Necessita de homens e mulheres que verdadeiramente sejam exemplos de vida e que auxiliem nesta difícil tarefa.

Toda pessoa, dotada de liberdade, naturalmente se descobre *ser de escolhas*. A consciência desta condição emerge dos processos neurofisiológicos e das relações entre indivíduo e sociedade e nos diferencia dos demais seres. Impõe a cada um e a todos o dever moral de assumir-se como pessoa que precisa construir uma trajetória de vida pessoal e coletiva, afinada com os princípios éticos e as leis que regem a vida em sociedade.

Segundo a concepção de Piaget, reforçada por Edgar Morin, os estágios evolutivos da consciência moral são: anomia, heteronomia, socionomia e autonomia. A *anomia* se caracteriza pela

ausência total de leis. O indivíduo age meramente por prazer, fugindo de qualquer perspectiva de dor. No estágio *heteronômico* já acontece o reconhecimento da lei no outro, que pode ser o pai, o professor... O respeito à regra se dá por medo da punição. No estágio *socionômico* manda o grupo, que define as regras de sobrevivência nele. Normalmente coincide com a fase da adolescência, período em que a presença e o acompanhamento do adulto são vitais. Por fim, o estágio da *autonomia*, auge da consciência moral madura, que se reflete na assunção da lei como necessária e fundamental na construção da personalidade e da relação social positiva.

Mudar as consciências

Entre nós, muitos *adultos*, do ponto de vista moral, ainda se situam na anomia. Há também aqueles que, em virtude do *ethos* cultural do famoso jeitinho brasileiro, são considerados *heróis* porque driblam as leis e atropelam os princípios e os valores morais. Os exemplos mais crassos estão em nossos parlamentos, mas também em instâncias como na famosa *espiadinha básica* do Pedro Bial (Big Brother).

A consciência humana, interpretada pelas religiões como sinal da presença de Deus em nós e entre nós, é condição para que toda pessoa tenha o discernimento suficiente para distinguir o bem do mal, enfim, o que engrandece, dignifica e humaniza e o que degrada e embrutece o ser humano.

A história das civilizações mostra que a opção pelos valores do amor, da justiça, da paz, da honestidade, da solidariedade, da contemplação, da gratuidade conduz à felicidade e à realização humana. Faz-se necessário, hoje, em face aos mecanismos e processos desumanizantes, mudar as condições socioculturais para mudar as consciências. E mudar as consciências para mudar as condições socioculturais como condição para construir uma sociedade justa, fraterna e humana para todos.



Questões para debate

- 1 - Onde, como e com quem aprendemos a discernir o certo do errado?
- 2 - Comente a frase: "Não existe o certo e o errado, você faz o que gosta e acaba dando certo" (Cássia Eller).
- 3 - Quando e como podemos conquistar a autonomia em nosso processo de humanização?
- 4 - Quem são nossos "heróis"? Que valores eles carregam?

Fonte: Jornal Mundo Jovem, jun. 2010.

Esses valores que são apresentados no texto referido vêm acompanhados de prescrições de como formar sua identidade, como formar sua moral através da religião como podemos perceber no excerto:

O que nos faz feliz é saber que somos amados e amparados pela graça de Deus, ainda que na caminhada tenhamos que suportar as dificuldades da vida, os sonhos frustrados, as decepções de todo tipo, a falta de perspectiva e os conflitos que a prática da justiça, o amor, a misericórdia e o serviço de Deus ocasionam.” (JORNAL MUNDO JOVEM, jun. 2010.)

A presença fortíssima da religião, da invocação de Deus, retornando a constatação da identidade juvenil católica. Também podemos observar que os autores estão fortemente ligados ao catolicismo e falam desse lugar o qual explicitam a ética correta dos jovens.

Para tanto o jornal lança de diversos modos de endereçamento para chegar aos jovens, tais como pensar as diferentes e múltiplas juventudes, as quais são, segundo a equipe, retratados nas páginas do Jornal, conforme podemos observar nos excertos a seguir:

Pelo menos a gente tem ficado atento. [...] A série mudou então esse S das juventudes e a gente sempre busca tratar essas diferentes juventudes pelo menos duas ou três matérias no ano saem bem focadas, como assim: *emo*, a gente vai fazendo um foco assim 'olha jovem não é um só ele é múltiplo, transitório, ele vai passando, a gente tem essa preocupação e tem sido bem legal a resposta dos assinantes e até a resposta aqui também, né?

Eu acho que desde lá a gente vem pensando a juventude como diversidade e eu acho que é um pouco esse conceito que nós temos de olhar a juventude não como uma coisa homogênea, mas como essa diversidade de juventude que às vezes existe muitas formas de ser jovem hoje em dia, jovem não é aquele que vai pra rua, que se manifesta, tem jovem que não se manifesta, tem jovem que é jovem apenas consumidor, tem de tudo né então é essa que a gente procura retratar no jornal.

Os excertos nos mostram investimentos nas culturas juvenis, que trabalham na perspectiva de movimento, de conceber a juventude como um rito de passagem, algo 'transitório'.

De certa forma nos estudos sobre juventude, do qual o grupo de pesquisa que faço parte empreende, considera esse caráter liquefeito da juventude, no entanto,

mescla tendências atuais que dão conta de um processo de juventude eterna, querer aparentar-se jovem. Para além de uma característica temporária as juventudes são uma expressão cultural, social e emblemática dos modos de ser. A formação de valores que o entrevistado se refere, também nos sugere essa apresentação dos regramentos e dos modos de ser jovem, os quais se constituem em identidades a serem consumidas pelos mesmos, conforme Schmidt (2006) ilustra:

A construção de identidades está em constante mutação e varia de acordo com a demanda do mercado. As revistas voltadas ao público jovem proliferam e nos trazem constantemente, em suas páginas impactantes, o apelo ao consumo, não só de mercadorias propriamente, mas também prescrições de formas de ser jovem. A lógica é estar sempre buscando algo novo para uma satisfação que nunca é atendida. (SCHMIDT, 2006, p.151)

Talvez essas identidades propostas também não sejam o fim ou a única possibilidade para esses jovens, mas uma das inúmeras marcas que eles carregam. Também se pode pensar que essa identidade pode dividir seu espaço com tantas outras, tais como: ser católico e gostar de *rock*, ser cristão e ‘curtir’ graffiti, entre outros pertencimentos que podem conviver e constituir o mosaico cultural do ser jovem.

O jovem solidário aparece como uma das identidades possíveis, dentro contexto católico no artigo *Solidariedade: condição para viver a religião*, na seção Ensino Religioso, na edição de julho de 2010 (Figura 9). No primeiro contato com o texto pode-se inferir a forte presença da religiosidade pela identificação do autor como professor da faculdade de teologia e militante da pastoral, ambos cargos ligados a religião católica. No título desse artigo já aparece o imperativo, a condição para que de fato se possa viver a religião, que é a solidariedade. Esta condição vai de encontro aos apelos do consumismo desenfreado e concorda com o modo como é explorado esse tema no jornal, isto é, colocando o consumismo como algo fútil, desnecessário. O autor propõe “relacionar a fé vivida nas religiões e sua prática de solidariedade” indicando para tanto sua ligação e mais, sua condição de obrigação para viver a religião. O autor implica o jovem a ser solidário para que possa de fato experienciar a religião, para tanto afirma “portanto a solidariedade na vivência da religião é o sair do nosso eu egocêntrico, é sentir a dor que dói e machuca os que sofrem e de alguma maneira saná-la”. Esse sair do egocentrismo também corrobora com a visão de um jovem que além de católico, que cultive a identidade católica

busque em suas ações a coerência da religião, que no caso é ser solidário, praticar o amor ao próximo. Para isso o autor prescreve como se livrar das tendências egoístas a que estão dispostos os jovens agora “sair da frente do espelho para perceber o mundo que nos cerca. Esse é o grande convite da religião”, convite esse que implica abdicar das diversas formas de consumo.

Na construção da identidade católica são empregados questionamentos, antes referidos, que visam o exame do sujeito, o exame de si, no artigo referido temos a questão “eu percebo que há solidariedade na minha prática religiosa?”, ao questionar isso ao jovem o propósito é que ele já tenha uma religião definida e que além disso a pratique. Para isso não é qualquer religião, é em destaque a católica, mas não só ela, também é citado o Islamismo e o Judaísmo, para corroborar a visão da importância da solidariedade. É esse questionamento que auxilia nos processos de construção da identidade católica do sujeito, na constituição do sujeito (VEIGA-NETO, 2009).

Figura 10 - "Solidariedade: condição para viver a religião". Seção Ensino Religioso

condição para viver a religião

Ao nos questionar sobre religião e solidariedade, somos remetidos a duas indagações: o que é religião? E o que é solidariedade? E se fôssemos buscar respostas, encontraríamos uma infinidade de definições de cunho filosófico, teológico, moral, ético e tantos outros. Aqui propomos relacionar a fé vivida nas religiões e sua prática de solidariedade.

Pedro Paulo Souza Rios,
professor no Curso de Extensão em Teologia da Faculdade Jesuíta (FAJE), militante da Pastoral da Juventude do Meio Popular, Senhor do Bonfim, BA.
Endereço eletrônico: peudesouza@yahoo.com.br

Segundo o filósofo contemporâneo L. Feuerbach, "a religião é o solene desvelar dos tesouros ocultos do homem, é a revelação dos seus pensamentos íntimos, a confissão pública dos seus segredos de amor". Podemos dizer então que a mensagem central da religião, independentemente das suas manifestações de fé, é o amor ao próximo. Isso se constata claramente em todas as religiões. Nesse sentido, o ser humano começa a amar o outro e a fazer dele seu próximo, sem que para isso sejam necessários laços sanguíneos, culturais ou outros quaisquer.

Fé e ações

Vamos nos ater a mencionar apenas as três grandes religiões de origem abraâmica, ou seja, as religiões que

têm sua fé e ação fundamentadas no amor do Deus que se revela. Esse amor, porém, requer práticas concretas. Não é um amor apenas de palavras, de manifestações vazias de afeto. E isso é o que chamamos de prática solidária, ou a solidariedade na prática.

Na Bíblia, lemos que "a fé sem obras é morta" (Tg 2,24). O Alcorão, o livro sagrado do Islamismo, nos alerta: "Quando uma pessoa diz 'Eu creio', esta é uma bela declaração, que o fortalecerá, juntamente com as boas ações, perante Deus" (Alcorão 35:10). Na Torá, livro sagrado dos Judeus, encontramos: "Ele - Javé - faz justiça ao órfão e à viúva e ama o imigrante, dando-lhe pão e roupa" (Dt 10,18).

Interdependência

A solidariedade pode ser definida como a relação de responsabilidade, de cuidado, de preocupar-se com o outro, de sentimento ético que vincula pessoas e grupos unidos por interesses comuns, de modo que cada membro se sinta corresponsável com o bem-estar uns dos outros. Ela não é, portanto, assistencialismo e muito menos pode ser entendida como um sinônimo moderno para o voluntariado. Essas práticas podem ser tidas como práticas solidárias, mas não são, em si, a solidariedade.

Solidariedade não é apenas um sentimento. Ela extrapola a esfera do sentimentalismo. Ela é uma postura e uma opção de vida e em defesa da vida que se encontra em estado de marginalização. É um colocar-se como alguém que não vive sozinho, mas em comum unidade.

Cresce hoje a ideia de interdependência entre os homens e as mulheres, e desses para com todos os seres vivos. Há, portanto, a percepção de que existe uma origem e um destino comum. Afinal, nossas dores e alegrias, esperanças e utopias, nossas feridas não são apenas nossas, mas de toda humanidade.

São muitos os exemplos de manifestação de solidariedade: campanhas organizadas para suprir uma necessidade mais urgente e pontual (enchentes ou secas causadas pelas catástrofes naturais,

ajuda às vítimas de terremotos etc.), campanhas permanentes (como Fome Zero e Natal Sem Fome), campanha da sopa, campanha do agasalho, campanhas ou projetos de longo prazo (como construção de cisternas), fundação de creches e escolas solidárias, criação de associações e cooperativas que defendam os direitos da maioria, iniciativas de reflorestamento das matas e cuidado com o meio ambiente.

Aceitar o convite

Essas manifestações acontecem em várias partes do mundo, organizadas por diferentes confissões de fé. É a certeza de que a felicidade não é algo egoísta. Para que a felicidade seja plena, o outro também tem que ser feliz. E para isso é necessário cumprir o que nos é proposto nos livros sagrados. Para o cristianismo, o que vale é o que Jesus diz no encontro final com seus discípulos: "Tive fome e me deste de comer; tive sede e me deste de beber, estava preso e foste me visitar" (Mt 25,35-40). Para o Judaísmo, é cumprir o mandamento maior: "Amarás o teu próximo como a ti mesmo" (Lv 19,18). No Islamismo, as boas ações devem ser feitas pela causa de Deus: "Certamente vos alimentamos por amor a Deus; não vos exigimos recompensa nem gratidão" (Alcorão 76:7-19).

Portanto a solidariedade na vivência da religião é o sair do nosso eu egocêntrico, é sentir a dor que dói e machuca os que sofrem e de alguma maneira saná-la. É sair da frente do espelho para perceber o mundo que nos cerca. Esse é o grande convite da religião. E ao aceitarmos este convite, estaremos fazendo parte da grande festa da solidariedade e assim nos aproximamos um pouco mais do sagrado.

Questões para debate

- 1 - Eu percebo que há solidariedade na minha prática religiosa?
- 2 - De que forma podemos ser solidários com os que mais sofrem?
- 3 - Como a religião me ajuda a ser mais solidário?

www.mundojovem.com.br - julho 2010 - 17

Opinar e participar influenciam diretamente nossas vidas.

Ensino Religioso

www.mundojovem.com.br

4.1.1 Do protagonismo juvenil

Aliado a esse oferecimento de identidades, podemos observar a questão do chamamento ao jovem para que este seja o futuro do país, para que ele seja autônomo, tome suas decisões, seja o líder no grupo, enfim seja o protagonista de sua juventude, tal como podemos notar a seguir no trecho transcrito da conversa com a equipe editorial:

Se você for ler os artigos sobre juventude é um pouco isso né nós acreditamos que o jovem tem possibilidade, ele vai fazer, ele tem seu espaço, então essa.. a gente tem mantido muito forte isso né nós acreditamos no jovem, não é o cara que é desanimado, que não faz nada, que só consumista né, fora haja essa grande diversidade, que hoje não dá pra dizer o jovem é aquilo alguns jovens são, mas essa fé que o jovem pode participar e tem vontade e tal, inclusive o que nós batemos muito é que se abra espaço pro jovem, isso é uma coisa que na escola a gente falou muito isso, temos que abrir espaços para os grêmios estudantis, no sentido que eu acho que sempre a filosofia do jornal foi um pouco nesse sentido né, que nós temos que acreditar no jovem que ele é capaz de fazer alguma coisa.

A crença no jovem como futuro demonstrada na fala do entrevistado anterior nos convida a idéia de trazer de volta o “espírito” da juventude estudantil, dos movimentos que lutam contra os regimes políticos, tal como tínhamos em 1968, para a juventude contemporânea ligada por meio de cabos e fios, conectada 24 horas por dia e que usa dessa conexão para, em partes, assumir seu protagonismo. No entanto, ainda tem-se na juventude que não visa manifestos, reclamações e que vê na sua cultura a sua forma de se expressar, uma forma de comodismo. Tal característica de protagonismo são advindas das pastorais da juventude¹⁵, as quais promovem a atitude de liderança dos jovens através de cursos, encontros, etc. A ação católica que fora referida por um dos entrevistados foi um movimento feito por jovens católicos que surgiu em 1930 e era “o espaço de participação organizada dos leigos católicos no apostolado hierárquico da Igreja, para a difusão e atuação dos

¹⁵Pastoral da Juventude do Brasil é ação organizada dos jovens que pertencem a Igreja Católica junto com seus pastores e com toda comunidade para aprofundar a vivência de sua fé e evangelizar outros jovens com opção evangélica preferencial e conscientizar pelos jovens das classes populares e pelos jovens marginalizados, em vista da construção de um mundo mais fraterno e justo, a fim de que se transformem em novos homens e novas mulheres, sendo pois agentes da construção da nova sociedade, guiados pelos critérios evangélicos.(PASTORAL DA JUVENTUDE, 2011)

princípios cristãos na vida pessoal, familiar e social" (CNBB,¹⁶ 1998, p.85).

O que podemos inferir com tal fala é o que Schmidt (2006, p.134,) nos traz sentindo que “parece que daí surge o movimento que, mais uma vez, reforça a idéia de que o jovem é onipotente e detentor de uma força capaz de modificar individualmente questões estruturadas globalmente.” Sobre o protagonismo juvenil, Iulianelli (2003) traz aportes históricos, sugerindo que o termo teria sido cunhado durante os anos 90, a qual se refere que:

Por meio desta expressão se pretendem compreender as ações que têm por atores os próprios jovens. (...) Trata-se, nesse caso, além de apenas conferir cada vez mais poder aos atores, assumir o poder da ação desses atores. (IULIANELLI, p.59, 2003)

Manske (2006, p.32) corrobora essa visão atentando para que também se compreenda o protagonismo como “[...] as práticas realizadas nos grupos de liderança juvenil como processos que buscam a constituição”, portanto esse protagonismo também visa a constituição de identidades culturais.

Logo, o sujeito jovem adere a certas verdades e conforme sua cultura, analisa seu conteúdo, no sentido de se vai protestar ou simplesmente agregá-las a outras verdades presentes. Fischer (2000) nos coloca que o foco seria nas verdades e não nas ações decorrentes dela

O sujeito não sendo considerado como titular ou desencadeador dos acontecimentos, mas situado no jogo contínuo das relações saber/poder, e delas em parte dependente. Encara-se, pois, os acontecimentos a partir de um conjunto de tramas, que se enredam de acordo com as contingências naquele determinado tempo, e sob aquele determinado regime de verdade. E mais: sem que haja especificamente um sistema ou uma estrutura que possa ser apontada como causadora de tudo. Cabe, pois, investigar quais são as constantes dessas tramas, e que conjunto de verdades as sustentam (FISCHER, p.2, 2000)

Tendo em vista que essas verdades é que circularam nos entremeios do discurso, que sustentam práticas, as quais produziram modos de ser sujeito, no caso, sujeito jovem, temos as verdades circulando nos discursos presentes no jornal.

¹⁶A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) é a instituição permanente que reúne os Bispos da Igreja católica no País, na qual, conjuntamente e nos limites do direito, eles exercem algumas funções pastorais para seus fiéis e procuram dinamizar a própria missão evangelizadora, para melhor promover a vida eclesial. (CNBB, 2011).

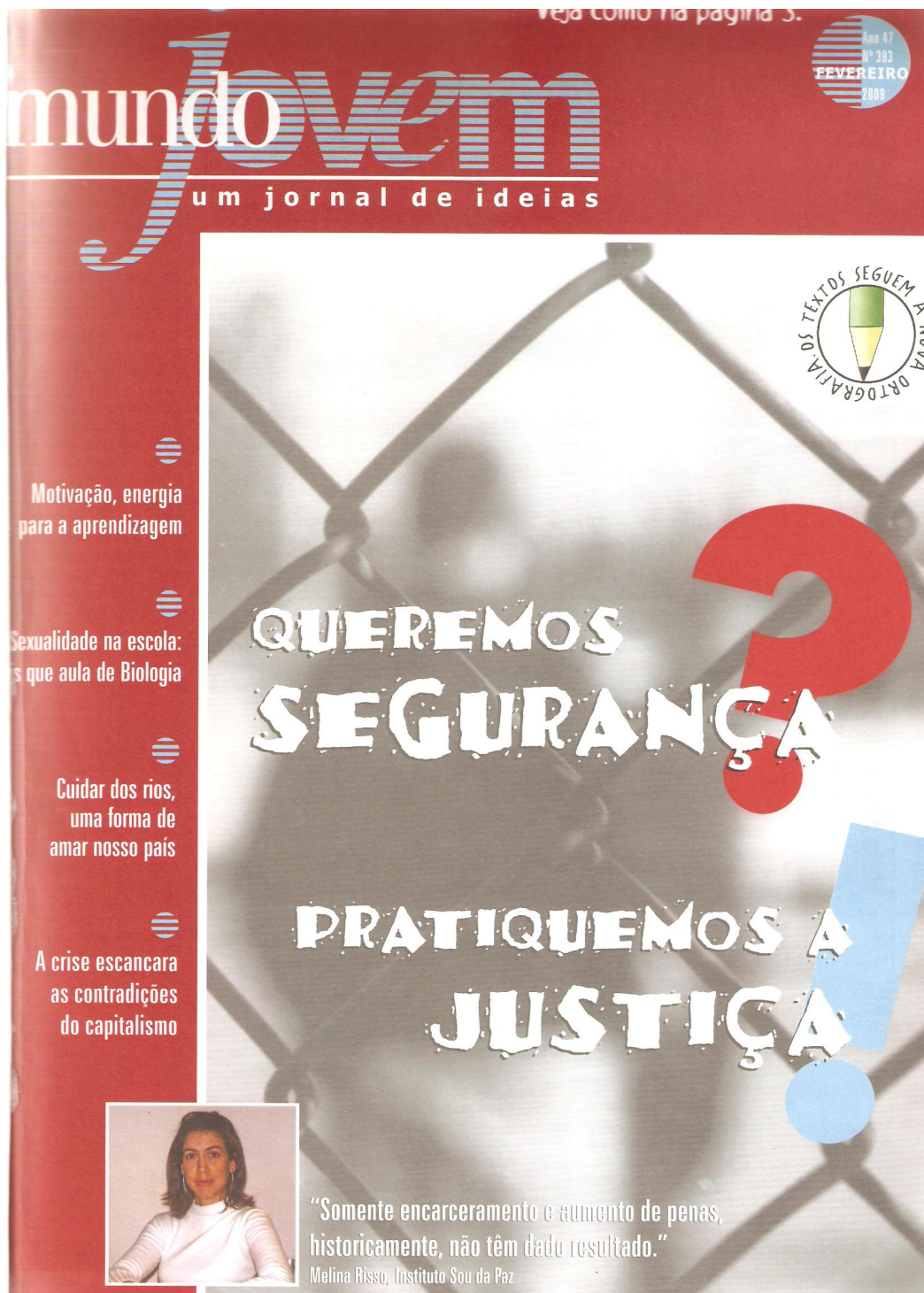
Esse convite ao protagonismo juvenil vem em forma de alerta, de urgência, de despertar no jovem o que Schimdt (2006) considera como sendo a posição de alerta, de denúncia:

As campanhas institucionais da Revista recorrentemente abordam temas da atualidade com um cunho social. Um exemplo disso pode ser visto na campanha colocada em circulação na edição nº 18, de dezembro de 2002, que convoca leitoras e leitores para refletirem sobre o atentado de 11 de setembro de 2001, ocorrido nos Estados Unidos, quando a mídia de todo o planeta concentrou-se neste episódio. Escolho esta campanha para discutir o que vem sendo uma marca hoje na prática midiática, ou seja, a posição de alerta, denúncia e, inclusive, o persistente convite aos jovens para sensibilizarem-se com os problemas do seu tempo: preconceito, guerras, miséria, etc. (SCHIMDT, 2006, p.124)

Os estudos de Schimdt (2006) tratam da **Revista MTV**, também voltada aos jovens, com apelos ao consumo de marcas e comportamentos, no entanto guardando muitas semelhanças aos modos de endereçamentos do jornal, aos jovens. No caso do jornal essa posição de alerta pode ser para reforçar o aspecto do protagonismo juvenil amplamente difundido pelo catolicismo e pelo grupo de jovens. Podemos observar na capa da edição de fevereiro de 2009 o título *Queremos segurança? Pratiquemos justiça!* (Figura11) essa postura de alerta, de entregar ao sujeito o poder pela mudança social, de coloca-lo numa postura de protagonista de sua realidade. Está nas mãos do jovens a transformação da sociedade, a melhora de seu comportamento. Isso nos possibilita pensar numa espécie de responsabilização do sujeito, de atribuir a ele o poder de iniciativa, de atuação na realidade vigente. Segundo a CNBB, a Ação Católica Especializada, tem por um dos princípios a “[...] o uso de metodologia que tenha como ponto de partida a vida dos jovens e que os desperte para serem protagonistas na Igreja e sujeitos históricos no mundo.”, logo esse convite ao protagonismo juvenil faz parte do conjunto de normas que se espera de um jovem católico. Essas normas provêm da Ação Católica que foi predecessora das Pastorais das Juventudes, as quais são responsáveis, entre outras coisas, pela regulação e ação nos grupos de jovens católicos.

Também podemos observar a responsabilização do sujeito como uma condição *sine qua non* para o desenvolvimento de qualquer prática pacífica, conforme podemos notar na imagem a seguir. Para explicitar esse protagonismo, o jovem é constantemente ‘responsabilizado’ pelos fatos que ocorrem em seu entorno. Ele é a esperança de mudança, de mobilização na sua sociedade.

Figura 11 - Capa da Edição de Fevereiro de 2009



Fonte: Jornal Mundo Jovem, fev. 2009.

Portanto, podemos pensar que para formar as identidades católicas juvenis, que foram anteriormente tratadas e para lançar essa chamada ao protagonismo o jornal necessitou de modos de endereçamento que despertassem o interesse, a vontade de ler os artigos.

Figura 12 - Graffiti: outros olhares para a escrita das ruas". Seção Arte e Cultura

Graffiti: outros olhares para a escrita das ruas

Caminhar pelas ruas de uma cidade de médio ou grande porte pode ser uma interessante experiência estética e visual. Afinal, graffiti e pichações estão espalhados em muros e painéis, demonstrando uma expressão cultural de jovens urbanos. Que significado isso tem para eles? E para você?

Eloenes Lima da Silva,
professora de História e mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS. Regularmente ministra oficinas de artes visuais e confecção de fanzines. Endereço eletrônico: eloenes@terra.com.br

Elisabete M. Garbin,
professora na Faculdade de Educação da UFRGS.

Transitar pela cidade faz parte das ações cotidianas da maioria das pessoas; percorrer seus mais variados lugares e espaços é uma rotina comum e fugaz. Os deslocamentos tornam-se rápidos e apressados, os contatos interpessoais estabelecem-se e dissipam-se quase que instantaneamente. As vivências sociais decorrentes destas relações são cada vez mais dinâmicas e fluidas.

Nessas condições, as capacidades de percepção às diferentes manifestações e/ou produções artísticas (ou não) que se desenvolvem nos espaços urbanos também podem ser afetadas e modificadas. Olhar a partir de uma perspectiva que vislumbre as paisagens metropolitanas auxilia para o entendimento de uma arte que se encontra inserida neste contexto urbano: o graffiti.

Trajatória histórica

Desde seu surgimento, estas produções têm na rua e nos espaços públicos os ambientes principais para sua produção. No entanto, ao serem percebidas pelos olhares passageiros dos transeuntes, viram alvo de curiosidade, incompreensão e, algumas vezes, até de reprovação.

A característica marginal comumente relacionada ao graffiti deve-se, em parte, à construção histórica de suas origens. Nos Estados Unidos dos anos de 1970, os



Letras e estilos

Atualmente o graffiti possui variados estilos, porém desde o início as representações de letras assumem um lugar de destaque e marcam o caráter autorial de seus realizadores. Tanto que alguns destes artistas denominam-se *writers* (escritores) em vez de grafiteiros. Nestas escritas urbanas, existem diferentes tipografias com suas devidas nomenclaturas, no entanto algumas são mais características:

Tag ou assinatura: realizada através de sprays ou canetas, é repetida pelo seu autor inúmeras vezes pelos mais variados lugares, buscando visibilidade e reconhecimento.

Blackbooks: cadernos, agendas e blocos de desenho, trocados e assinados por outros *writers* nos eventos de grafiteagem.

Throw-up ou bombing: estilo caracterizado pela enorme dimensão das letras, que são quase sempre monocromáticas, contrastando com o fundo da superfície. Ocupam o espaço total de uma parede ou muro.

Wildstyle ou estilo selvagem: entrelaçamento das letras, variedade cromática, definição de volumes, contraste entre luzes e sombras são características que fazem deste estilo de graffiti um dos mais elaborados tecnicamente.

Artre urbana

Dos muros da periferia, as escritas das ruas espalham-se pelos centros do mundo. É uma movimentação em grande parte realizada pelos grupos ou indivíduos que encontraram novos meios de interação e relacionamento para as diferentes formas de viver na contemporaneidade. Assim, por muito tempo rotulado e enquadrado como ato de vandalismo, o graffiti foi se estabelecendo como autêntico estilo de arte urbana e constituiu-se atualmente como uma das expressões artísticas mais representativas das culturas juvenis.

Vale ressaltar o uso do graffiti em escolas e instituições como forma de socialização e expressão cultural, bem como a abertura de espaços cada vez mais significativos em galerias de arte e museus. Tais aspectos evidenciam, por um lado, a contribuição e os usos pedagógicos da arte das ruas e, por outro, o importante valor cultural atribuído a essas manifestações juvenis urbanas.

Sugestão de leitura: GITAHY, Celso. *O que é Graffiti*. Editora Brasiliense.

Atividade

Que tal fazer um passeio pela cidade buscando identificar os tipos de graffiti presentes nas ruas? Também seria legal convidar alguns grafiteiros para um debate na escola a fim de conhecer essa expressão da cultura juvenil.

Figura 13 - "Corpos jovens: espaços de comunicação de si". Seção Sexualidade



Foto: Angélica Pereira

Corpos jovens: espaços de comunicação de si

No mundo moderno-contemporâneo globalizado, jovens inscritos em distintos universos socioculturais vivem os dilemas dos seus tempos. Parece fazer sentido quando Gilles Lipovetsky argumenta que vivemos na era do "hiperconsumo", ou seja: a relação entre a satisfação corporal e a estética dos indivíduos está cada vez mais forte, fundando uma nova relação emocional entre pessoas e mercadorias.

Sexualidade

Na lógica do prazer

Entretanto, apesar de convivermos com a exacerbação do consumo, pode ser arriscado olhar para as diversas manifestações juvenis como uma mera questão de consumo e/ou rebeldia. Se problematizarmos essas formas de expressividades juvenis, podemos entendê-las como sintomas culturais de um tempo em que os incessantes processos de subjetivação se fundam nos discursos que circulam nas mais variadas instâncias culturais, tornando-se inescapáveis. Dentre eles, destaco os inúmeros investimentos que somos interpelados e convocados a realizar sobre nossos corpos, cada qual carregado de significados que acabam *definindo* e tornando visível *quem e como* estamos sendo, conferindo ao corpo um lugar central nas tramas culturais contemporâneas.

Entre tantas possibilidades de práticas e modificações sobre os corpos, a exibição de inscrições de marcas corporais tem sido uma prática recorrente entre os jovens, em especial através do uso crescente de *piercings* e tatuagens. Substituindo a *antiga* lógica do sofrimento pela lógica do prazer, inscrevem em seus corpos sinais de identidade. A dor temporária é resignificada, dando lugar ao prazer do resultado, que muitas vezes é imediato.

Adotando ainda gestos e linguagens específicas, vestimentas e acessórios que chamam atenção e penteados *escandalosos*, compõem cenários instigantes e assustadores em diferentes espaços das cidades. Ruas, parques, bares, escolas, shoppings... configuram-se em territórios privilegiados para exibir suas identidades. Aos olhos de quem passa, chamam a atenção para si, e através do visual conjugado com gestos e linguagens, mostram a que grupos pertencem, tornam públicas suas buscas e seus desejos, dando visibilidade, muitas vezes, aos desconfortos dos nossos tempos e aos dissabores do mundo adulto.

"Eu existo"

Nesse sentido, o corpo pode ser entendido como espaço de inscrição de experiências, emoções, identificações e pertencimentos, tornando-se, como assinala o filósofo Le Breton, "um decorado arquivo de si". A pele, por exemplo, acolhe diversas marcas - de relações amorosas, aniversários, palavras e imagens inspiradoras - como uma espécie de memória de um acontecimento ou de algo que não se quer perder.

Os corpos tornam-se um dos principais lugares de expressão de si, transformam-se em espaços de comunicação. E é nesse movimento de ver e de ser visto que o desejo de ser igual e pertencer coexiste com a necessidade de ser, ao mesmo tempo, diferente perante o olhar do outro. Sem esse olhar, não há como *existir*.

Portanto tornar público o seu corpo é também tornar público a si mesmo. Quero argumentar com isso que os corpos jovens espetacularizados em diferentes espaços sociais talvez tenham encontrado, ao fim e ao cabo, um modo de dizer "eu existo!" ou "este sou eu!".

Sugestão de leitura: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes e EUGENIO, Fernanda (orgs). *Culturas jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. <http://www.zahar.com.br>

Questões para debate

- 1 - Quais são os principais sinais que trazemos em nossos corpos (símbolos, vestimentas, adornos) e o que significam para nós? São fruto de imitação consumista? São características que identificam a intimidade de nosso ser?
- 2 - Quais foram as principais mudanças na concepção dos jovens sobre seu corpo, nos últimos 20 ou 30 anos? Para isso, pode-se fazer algumas entrevistas com adultos.

As marcas fortalecem-se e, no lugar da venda de produtos, vendem-se conceitos e estilos de vida. Neste sentido, ser jovem parece ser referência, conceito, *status* a ser desejado por outras idades. Em contrapartida, pode significar também ser portador de comportamentos (in)aceitáveis e de corpos (in)desejáveis, quando o que está em xeque é o estranho e inconveniente visual.

Fonte: Jornal Mundo Jovem, jun. 2009.

Já no artigo *Corpos jovens: espaços de comunicação de si*, na seção Sexualidade, na edição de junho de 2009 (Figura 13), a autoria do texto afasta-se do campo religioso e trata dos temas da tatuagem e do *piercing* como forma de expressão de si, como uma marca identitária do grupo juvenil, o qual pertence. Também uma forma de “tornar público a si mesmo”. No entanto, na caixa *Questões para debate*, a qual segundo informações da equipe editorial é colocada após o envio do artigo do autor, é levantado a hipótese dessas manifestações serem uma “imitação consumista”, conforme a pergunta:

Quais são os principais sinais que trazemos em nossos corpos (símbolos, vestimentas, adornos) e o que significam para nós? São fruto de imitação consumista? São características que identificam a intimidade de nosso ser?

Ainda assim o artigo é um modo de endereçamento bem claro aos jovens contemporâneos, pois é um assunto que está presente nas discussões sobre juventude atualmente. Também podemos observar que esse artigo é escrito de modo diferente dos demais que compõe o jornal, uma vez que apesar do assunto ser polêmico nos sítios religiosos, ele o trata de forma aberta e direta, não defendendo, muito menos contrariando, mas sim entendendo-o como uma prática cultural.

Bem como a escrita possibilita pensar numa forma de consumo, mas o consumo ligado a expressão de si via marcas identitárias corporais. É referendado no jornal, não uma apologia ou condenação à tatuagem e ao *piercing*, mas um olhar cultural, na melhor das hipóteses um modo de endereçamento que visava atingir o jovem no que de mais cotidiano se tem.

Também podemos encontrar o modo de endereçamento ao jovem de forma bastante explícita no artigo *Hip-Hop, um grito por liberdade*, da seção Juventudes, da edição novembro (2009, Figura 12). No artigo o *hip-hop* é concebido como “um modo de expressão pelo qual os jovens reivindicam, refletem e transformam a realidade em que vivem” e tem nele uma marca identitária, seja pelas roupas, seja pela linguagem, seja pelo que a autora refere como sendo “autovalorização da juventude da ascendência negra”.

Figura 14 - "Hip- Hop: por um grito de liberdade". Seção Juventudes



Juventudes

Muito mais que manifestações artísticas, o hip hop é um meio de expressão pelo qual jovens reivindicam, refletem e transformam a realidade em que vivem. Este é um fenômeno que se expandiu nas periferias das grandes cidades do mundo todo.

Jusamara Souza,

doutora em Educação Musical pela Universidade de Bremen, Alemanha, professora do Departamento de Música da UFRGS, pesquisadora do CNPq, Porto Alegre, RS. Endereço eletrônico: jusa.ez@terra.com.br

O hip hop surgiu no final da década de 1960 como um movimento de jovens negros e hispano-americanos dos guetos pobres do Bronx, nos arredores de Nova Iorque. Eram vítimas do cenário pós-industrial dos Estados Unidos, uma realidade de miséria que levou às últimas consequências as formas de discriminação já existentes. Por meio de manifestações artísticas, o movimento representou uma saída para expressão e identificação de uma juventude agressiva e agrupada em gangues, que se enfrentavam por estar imersas em uma situação de exclusão econômica, educacional e racial. É composto por quatro elementos: MCs (mestres-de-cerimônia), DJs (disc jockeys), graffiti e break (dança).

Os jovens do Bronx faziam as trilhas sonoras de festas comunitárias com gran-

des aparelhos de som denominados *sound systems*. Os DJs manipulavam o toca-discos fazendo mixagens, criando músicas, recriando as já gravadas, produzindo efeitos sonoros como *scratch* (arranhões no disco) ou *stopping* (repetição de uma frase, em uma espécie de gagueira).

Depois, juntaram-se a eles os *rappers* (cantores de rap) e os MCs, que animavam as festas. Com as rimas, os MCs relatavam, poeticamente, a condição social em que viviam, retratando suas experiências cotidianas. Ao lado das expressões sonoras, surgiram o break, dançado nessas festas pelo *b.boy* (ou *break boy*), e o graffiti, elementos que passaram a compor o movimento.

Tais manifestações artísticas possibilitaram a esses jovens sair dos guetos e ir para o centro de Nova Iorque, transformando-o em espaços livres por meio do graffiti em muros, edifícios e parques, das danças improvisadas nas ruas, das apresentações de DJs, que montavam seus equipamentos de som nas calçadas, e das histórias vividas nos guetos contadas pelos MCs.

No Brasil, o hip hop chegou no início da década de 1980, sendo divulgado nos bailes e nas lojas específicas de música negra. As ruas e as praças dos grandes centros urbanos tornaram-se espaços para socialização dessa manifestação cultural juvenil.

Marcação identitária

Juntamente com as expressões artísticas e o estilo próprio de se vestir, a cultura hip hop traz em sua ideologia a autovalorização da juventude de ascendência negra, recusando certos estigmas a ela associados, como a violência e a marginalidade.

Os *rappers* adaptam os temas a sua realidade concreta e explicitam suas con-

dições de vida. Suas músicas descrevem o que veem e relatam os problemas que vivem, como as drogas, a violência, os crimes, a política, a fome, a pobreza, o preconceito, a discriminação, a falta de perspectiva no futuro e a relação com a polícia.

Como "cronistas da periferia", os *rappers* cantam suas histórias e a realidade das comunidades de que participam, falam de si mesmos, da fé que têm, da expectativa pela paz e pelos direitos iguais e da consciência e atitude necessárias para isso. Assim, para os jovens da cultura hip hop, o papel da música vai além de diversão e entretenimento.

Muitos MCs veem sua atuação na comunidade como uma missão, cujo compromisso é aumentar a estima de seus integrantes, as perspectivas para o futuro, a conscientização e as alternativas de sobrevivência por meio do rap. O compromisso inclui a responsabilidade de ensinar, trabalhar com a comunidade, oferecer oficinas nas escolas, nos presídios e em projetos sociais, ensinar também a dimensão política, além de discutir a questão da "consciência negra".

Aos poucos, a divulgação do hip hop brasileiro nas rádios e televisões comunitárias, na mídia impressa, em sites especializados e em programas de TV contribuiu para o conhecimento sobre esta cultura, minimizando estereótipos e preconceitos.

Os jovens que vivem nas periferias são sujeitos sociais que têm muito a dizer sobre si mesmos. São portadores e produtores de culturas que devem não apenas ser toleradas, mas compreendidas. Essa compreensão passa pelo reconhecimento do significado que os jovens atribuem à música, à dança, ao graffiti e que relação estabelecem com estes elementos do hip hop.

Sugestões de Leitura:

SOUZA, Jusamara; FIALHO, Vânia; MARQUES, ARALDI, Luciane. *Hip-hop: da rua para o palco*. Editora Sulina, 2005.

ANDRADE, Elaine Nunes de (Org.). *Rap: cultura, rap é educação*. Editora Summus, 1999.

Questões para debate

- 1 - Há outros exemplos em que a música é usada para expressão pessoal e promover lutas por ideias?
- 2 - Podemos afirmar que os grupos culturais como o hip hop são importantes para a formação da juventude? Por quê?
- 3 - Busque conhecer se em sua comunidade há algum grupo de rap. Que tal convidá-los para uma conversa na escola? É possível falar sobre as letras, o papel de instituições sociais que os grupos formam, desenvolvem, entre outros.

4.2 Discursos sobre consumo – consumir o quê?

O tema do consumo faz-se necessário, uma vez que foi uma temática recorrente nas páginas do *jornal*. Assim apresento o artigo *Consumismo: quem é o vencedor?*, da seção *Juventude*, da edição de março de 2009 do *Jornal Mundo Jovem* (conforme a Figura 15):

Figura 15 - “Consumo: quem é o vencedor?” Seção Juventude

CONSUMISMO: quem é o vencedor?

Através da música *O vencedor*, o compositor Marcelo Camelo e a banda Los Hermanos ajudam-nos a refletir este tema crucial na vida dos jovens e fundamental para o futuro do planeta: o consumismo.

Rui Antônio de Souza,
da equipe do jornal Mundo Jovem.
Endereço eletrônico: ruiasouza@mj.com.br

- 1 O sucesso e a vitória são importantes em nossas vidas. Ninguém começa qualquer projeto ou ação já pensando no fracasso de tal iniciativa. As pessoas geralmente depositam todas as energias em suas ações. Porém espalhasse, hoje, uma ideia de sucesso a qualquer custo, em que “chegar ao topo” significa conquistar dinheiro, fama e poder. Nesse conceito está embutida uma grande compulsão pelo consumo... Mas atenção! Ao lado de toda sede de poder, fama e dinheiro existe uma necessidade ou exclusão correspondente...
- 2 É cada vez mais visível que a igualdade no supérfluo esconde a desigualdade no necessário, pois todos querem desfrutar do *status* que o consumo proporciona. Assim, muitos vestem roupas idênticas, usam a mesma televisão, o tênis *daquela marca*, mas impera uma grande desigualdade ao fazer escolhas fundamentais para a vida, como na educação, na moradia e na saúde.
- 3 O modelo de desenvolvimento predominante no Brasil, nas últimas décadas, reproduz um processo acelerado de destruição das riquezas naturais em nome de um suposto progresso que só é realidade para uma pequena parcela da população. O Relatório Planeta Vivo, publicado em outubro 2008, pela ONG Fundo Mundial para a Natureza (WWF, sigla em inglês) previu que se o ritmo atual de consumo fosse mantido, a humanidade precisaria de dois planetas em 2030, para satisfazer suas necessidades.

O vencedor

Composição: Marcelo Camelo
Interpretação: Los Hermanos

- 1 Olha lá quem vem do lado oposto
E vem sem gosto de viver.
Olha lá que os bravos são escravos
São e salvos de sofrer.
- 2 Olha lá quem acha que perder
É ser menor na vida.
Olha lá quem sempre quer vitória
E perde a glória de chorar.
- 3 Eu que já não quero mais
Ser um vencedor,
Levo a vida devagar
Pra não faltar amor.
- 4 Olha você e diz que não,
Vive a esconder o coração.
Não faz isso, amigo.
Já se sabe que você
Só procura abrigo,
Mas não deixa ninguém ver.
Por que será?
- 5 Eu que já não sou assim
Muito de ganhar,
Junto às mãos ao meu redor.
Faço o melhor que sou capaz,
Só pra viver em paz.

Imagem: Marcelo Camelo

Quatro anos antes, a previsão era para 2050. As pessoas não precisam parar de consumir, mas precisam consumir de forma sustentável, evitando desperdícios nas ações rotineiras, como a preferência pelo transporte coletivo ao particular... Trocas frequentes e desnecessárias de equipamentos, veículos e roupas são atitudes reprováveis se pensarmos num futuro sustentável e se pensarmos na necessidade de quem não tem.

- 4 Um dos espaços públicos mais frequentados são os shopping centers, um corredor com lojas onde as pessoas vão para consumir. Que civilização é essa? Quando centramos a organização da vida no consumo, alguém que tem acesso a todos os bens parece que é mais desenvolvido e até mais ser humano do que o outro. No diálogo com os pobres e com os povos indígenas, por exemplo, temos muito que aprender porque constroem a vida sobre necessidades que são básicas. A nossa cultura, voltada para o consumo, está montada sobre o desejo que o próprio sistema passa como se fosse uma necessidade.
- 5 O nosso futuro não pode ser pensado sem levarmos em conta, a exemplo

dos povos indígenas, a dimensão ecológica, do cuidado com a terra, a água e todos os seres. É urgente uma nova relação com o meio ambiente, o que inclui também uma mudança no estilo de vida. O que aprendemos com os indígenas são valores fundamentais para o nosso futuro: num mundo de competição, é preciso revalorizarmos o coletivo, a comunidade; num mundo de padronização, é preciso resgatarmos a autonomia pessoal e social; num mundo agressivo, é preciso construir uma cultura da paz, que aceita, acolhe e convive com todas as diferenças.

Questões para debate

- 1 - Por que consumir abusivamente quando, ao lado, existem muitos que não têm o necessário para viver?
- 2 - Por que até quem não tem o necessário para viver insiste em consumir produtos supérfluos?
- 3 - Como, ao consumir, levar em consideração as necessidades do outro e a sustentabilidade do planeta?
- 4 - Que espaços de socialização, além dos espaços de consumo, estamos proporcionando aos jovens?
- 5 - É possível viver em paz num mundo de competição e consumismo?

Ao ler este artigo é possível inferir que ele prescreve aos jovens modos de se evitar o consumismo na contemporaneidade. O artigo inicia com autor, o qual faz parte da equipe editorial do jornal, destacando a relevância da temática a ser tratada, referida por ele como “tema crucial na vida dos jovens”. Para reforçar o argumento lança mão da música, “O vencedor” do grupo musical *Los Hermanos* apreciado pelos jovens, para endereçar aos leitores discursos sobre o tema consumismo, num apelo explícito a certos modos de comportamento, tais como “sustentável”, “para a paz”, “para a igualdade. Como fora explicitado anteriormente, o valor da solidariedade propagado pela religião católica vai de encontro ao consumismo sugerido por outros artefatos midiáticos. Pode ser que surja daí a recorrência do tema, tanto em vigência na sociedade contemporânea.

O artigo utiliza-se da música, de um artista com ampla visibilidade no cenário midiático como um dos elementos de endereçamento ao público jovem, é possível destacar que essa seja uma das formas pelas quais a mídia veicula ‘ensinamentos’ sobre modos de se pensar a juventude.

Nessa direção Marques (2007) conforme os seus estudos sobre o jornal *Ksuka* complemento do jornal Zero Hora destaca que:

[...] o consumo do outro, da cultura, das questões sociais e da própria imagem passaram a consistir em recursos, numa mesma escala de valores dos bens materiais ou simbólicos, a serem utilizados conforme a conveniência, para a (re)construção de identidades. Os “ensinamentos” sobre o que está na moda ou não, o que é valorizado ou desvalorizado, o que é aceito ou discriminado, determinam os recursos que devem ser utilizados e em que intensidade. A mídia tem ocupado um papel fundamental neste processo. (MARQUES, 2007, p.99)

O artigo nos remete pensar sobre a produção de uma identidade de jovem “consciente”, “autônoma” e que privilegia as “boas ações” em detrimento de “roupas famosas e que não são necessárias” (JORNAL MUNDO JOVEM, 2009, p.16). Ressalta também que a maioria das pessoas consome “[...] televisão da mesma marca, tênis daquela marca, mas impera a desigualdade ao fazer escolhas fundamentais para a vida, como na educação, na moradia e na saúde.” (Idem, 2009, p.16). Acredito que a música foi escolhida para estar no jornal por seu caráter prescritivo e seus modos de endereçamento aos jovens.

Um dos modos de ser jovem, veiculado pelo jornal, é aquele que pensa num futuro sustentável, que vê com olhos críticos esse consumismo, que não deixa se

enganar pelo “sistema que passa como se fosse uma necessidade” (JORNAL MUNDO JOVEM, abr. 2009, p.16). A partir deste artigo podemos inferir inclusive que referências a valores éticos, tais como ‘autonomia pessoal e social’ tornam-se princípios para um possível ‘combate’ ao consumismo.

O consumo conforme Bauman (1999b) é visto como “uma forma pela qual a sociedade se organiza”, no caso dos jovens um ponto de identificação com outros jovens e com discursos circulantes de pertencimentos, de modos de ser jovem que são aceitos por seus pares, entre outros. Nesse sentido Momo (2007), inspirada em Bauman, propõe que o consumo se constitui num processo de satisfação instantânea dos desejos e busca por novos, num sentido de que a descartabilidade e a produção de identidades se tornam um espaço para o consumo na sociedade. Esse consumo que em artefatos midiáticos destinados a jovens é constantemente incitado, tal como a publicidade de marcas famosas de roupas, relógios, sapatos, eletrônicos, no **Jornal Mundo Jovem** não tem espaço e há um movimento contrário a esse consumo.

Esse movimento contrário ao consumo versa de acordo com a moral cristã que prega, dentre outras condutas a da solidariedade, a humildade, a da renúncia a bens materiais e sim ao apego à formação de uma consciência “fraterna”. Se esse consumo, conforme Bauman (2009) organiza a vida, a proposta do jornal, segundo as análises realizadas é que se organize a vida em torno de valores éticos, de um modo geral cristãos.

Figura 16 –“Consumo quem é o vencedor?”

Seção Juventude



Fonte: Jornal Mundo Jove, abr. 2009.

imagem, extraída da matéria onsumismo: quem é o vencedor ?” (JORNAL MUNDO JOVEM, abr. 09, p.16) na qual aparece um homem segurando palavras relacionadas ao consumo, chama a atenção pela expressão no rosto do mesmo, que remetem à idéia de que este jovem estaria sentindo desconforto a partir da forte pressão do consumo sobre si. Podemos também observar que a palavra comprar, é citada cinco vezes, numa relação direta com o consumo. As outras palavras: use, coma, 3x no cartão, promoção, beba, remetem idéias sobre o consumo, como se fossem palavras fora da ordem dessa racionalidade. Também podemos notar que as palavras – beba, coma, use – são utilizadas para reforçar o apelo visual da imagem e de sua ligação ao consumo. Percebe-se nítido a relação da imagem a sentimentos negativos ligados ao consumo exagerado veiculado no *jornal*. Seria uma espécie de forma de uma *ethos* para a juventude contemporânea, na qual consumir não é a palavra de ordem.

Assim, o consumo também está ligado à constituição das identidades dos jovens e é ressaltada no jornal de “consciente” e sustentável. Tal temática do consumo vai de encontro ao que observa-se em outras publicações midiáticas. Nas quais o consumo é disseminado, principalmente, o consumo ligado a produtos como forma de ser/estar na contemporaneidade. É contra o que Barber (2009, p. 192) apresenta como sendo os “estilos de vida que são identificados como marcas e marcas substituem estilos de vida, assumindo o lugar do caráter do tipo que antes era a marca da identidade”, que o jornal direciona suas ações em relação ao consumo. Apresentar o lado negativo do consumo lançando mão de modos de endereçamento próprios da juventude, tais como: mesada, apelo a solidariedade, as pessoas necessitadas são discursos freqüentes no jornal para controlar o movimento do resto da mídia, que é o consumo exacerbado.

No artigo *Consumo: a lógica que rege a sociedade*, localizado na seção Ecologia (novembro, 2010, Figura 17) o consumo é tratado além do ponto de vista econômico, ambiental, tendo em vista que a autora é geógrafa e que busca orientar os leitores a aspectos mais naturais do ponto do consumo. A partir do ponto de vista do autor, o consumo exacerbado prejudica o meio ambiente pela sua degradação. A autora ressalta que esse tema é atual “o consumo faz parte da sociedade contemporânea e se apresenta de maneira tal que nem sempre percebemos quando o fazemos”, seria uma prática já tão difundida que, segundo a autora, fazemos sem nos darmos conta. Esse consumo é tratado sob diferentes viesses, mas como um mesmo objetivo me parece, o de reforçar a ideia do não consumo. A autora ainda alerta para o poder mídia em sugerir que se consuma, “constantemente somos induzidos através das propagandas em massa a adquirir os produtos disponíveis no mercado para atender a necessidades criadas para tal.” A mídia tem um papel importante no consumo, veiculando propagandas, lançando mão de artistas que consome tais marcas. O público adolescente desde a década 60 é visto como um público em expansão, conforme corrobora Backes (2011, p.17), em seu estudo cita “O adolescente passou a ser fortemente investido no universo do consumo, passou a compor uma nova fatia de mercado e a ser o ‘queridinho’ das campanhas publicitárias”. Autora ainda nos diz que o consumo pode inclusive atuar na transformação de valores éticos, tanto que ela faz um alerta: “[...] repensar os nossos valores enquanto humanos, dotados de sentimentos e emoções que não podem ser contabilizados”, mais um convite a ao não-consumo.

Figura 17 - "Consumo: a lógica que rege sociedade". Seção Ecologia

Ao pensarmos em consumo, lembramos do ato de comprar, de despendar dinheiro para algo. Mas consumir vai muito além das compras. Estas representam apenas uma etapa do processo que engloba a decisão do que consumir, as razões, o modo e origem do produto ou serviço. Só após essa primeira etapa tem-se a compra e, ainda, o uso. No caso de bens perecíveis, também envolve o descarte.

Edilene Alves Rodrigues,
Geógrafa, docente de Geografia da Rede Pública de Ensino, com especialização em Análise do Espaço Geográfico, Vitória da Conquista, BA.
Endereço eletrônico: geo_edilene@hotmail.com

Como podemos perceber, consumir é um ato simplista, que se encerra em comprar algo. O consumo faz parte da sociedade contemporânea e se apresenta de maneira tal que nem sempre percebemos quando o fazemos. Ao estarmos numa sala de aula, por exemplo, consumimos a eletricidade que move os aparelhos eletrônicos, as cadeiras em que sentamos, a lousa que o professor usa etc. A diversidade de consumo nos acompanha da maneira que acordamos ao momento em que dormimos.

Marcas do capitalismo

Existe uma lógica que rege a sociedade pautada no consumismo. E poucas pessoas refletem sobre os impulsos que induzem suas atividades. À medida que a economia passa a girar em torno da acumulação do capital e o trabalho passa a ser dirigido para a produção de mercadorias, a sociedade caminha por valores que a induzem ao consumo de produtos produzidos no intuito de manter o ciclo de produção do capital.

A acumulação do capital só se processa a partir da venda da mercadoria, que se transforma em um capital maior do que foi investido na sua produção. Esse ciclo só é possível se houver consumidores que demandam o consumo do que foi produzi-

Consumo: a lógica que rege a sociedade

do. Por isso, numa análise um pouco mais aprofundada, chegaremos à ideologia do sistema produtivo em vigor que será disseminada pelos capitalistas: a ideologia do consumo. Ela é a base de sustentação do lucro das vendas. Quanto mais se consume, mais rápido e em maior quantidade o capital gira e é produzido.

Nesse aspecto, interessa ao capital que um produto seja consumido o mais rápido possível, para que seja substituído por outro com a mesma peculiaridade. É a obsolescência programada. Na fase atual do capitalismo, não interessa a produção de bens duráveis, pois freiam a rápida substituição, tornando o ciclo do capital mais lento e longo. Os avanços tecnológicos, então, tornam-se os principais aliados do processo produtivo, fornecendo-lhe inovações que permitem a constante produção de bens inovadores. É preciso considerar que, sob os moldes pelos quais se processam o referido sistema, há implicação sobre nós, a sociedade e a natureza.

O papel de cada um

O nosso comportamento e os nossos valores são direcionados por uma lógica maior, na qual estamos inseridos. Constantemente somos induzidos através das propagandas em massa a adquirir os produtos disponíveis no mercado para atender a necessidades criadas para tal. E, ao mesmo tempo, somos convencidos da obsolescência dos produtos que possuímos. O necessário é algo efêmero e que está sendo constantemente reinventado. Além disso, tudo tem um dono, tudo tem um valor. Subsistir não nos basta. É preciso ser dono para também valer. Somos impelidos a ser individuais e o outro se torna indiferente para nós - a menos que nos valha para algo.

Os impactos sobre a natureza são irremediáveis, afinal, é ela que nos fornece as matérias-primas de que necessitamos para produzir as mercadorias que consumimos. E o caótico quadro ambiental que vivenciamos reside no fato da desproporcionalidade da disposição dos recursos em relação à sua exploração. Retiramos do ambiente as matérias que produzem os bens para a nossa insaciável sede de consumo, múltiplas vezes mais do que ele é capaz de repor, deixando a natureza

sempre com um déficit.

Já que não podemos fugir do consumo, refletamos sobre a lógica que nos mantém consumidores e sobre as posturas que podemos adotar frente ao sistema que nos move. Compreender os reflexos e os impactos desse consumo diz respeito a um consumidor consciente. É preciso pensar nas possibilidades de adotar uma atitude de consciência frente aos nossos atos, visando a minimizar os efeitos nocivos na natureza que se revertem em males ao próprio ser humano. Convido, também, a repensar os nossos valores enquanto humanos, dotados de sentimentos e emoções que não podem ser contabilizados.

Sugestão de leitura:
BAUMAN, Zygmunt. *Vida para o consumo: a transformação das pessoas em mercadorias*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. O sociólogo Zygmunt Bauman dá uma interessante e coerente contribuição no sentido de desvelar essa lógica do consumo que dirige a sociedade da economia de mercado.

Ecologia



Atividade

Mapa de consumo

Objetivo: Contribuir para a reflexão de que é possível nos comprometermos com o ato de consumir conscientemente.

Atividade: Dividir os jovens em grupo e sugerir que construam um mapa, identificando quais são os bens de consumo que mais adquiriram no último mês. É importante que sejam registrados bens de consumo alimentar, eletrônico, vestuário etc.

Após o registro, o grupo pode debater: O que compramos era realmente necessário? Por que escolhemos estes bens e não outros? Qual a origem dos produtos? Quem são os trabalhadores que os produziram? Em que condições de trabalho? Onde descartamos o que consumimos?

As conclusões do grupo podem ser apresentadas a partir da perspectiva do consumo consciente, indicando o que é possível mudar na nossa sociedade, em nossa vida e na natureza.

www.mundojovem.com.br - novembro 2010 - 9

Eliminar as desigualdades, jamais as diferenças.

Figura 18 - "Se correr o mercado pega, se ficar". Seção Sociologia

Ele come e fim de papo. O bicho parece bonzinho, mas é devorador e diabólico. Está na cabeça e nas entranhas das pessoas; no mercado, na rua, na mídia, na empresa, na família... E adora também dar uma entrada nas igrejas. Atende por nomes diversos. Porém um dos mais usados é neoliberalismo.

Dirceu Benincá,
doutorando em Ciências Sociais, PUC-SP.
Endereço eletrônico: dirceuben@gmail.com

Tenho muito medo desse bicho. Ele me matando. Prefere o sangue de crianças, trabalhadores, indígenas e pobres em geral. Seu lema é antigo e atual: "Decifra-me ou devoro-te". Sua base é o mercado. Seu negócio é vender. Para isso, trabalha com o desejo dos consumidores. "E quem pensa a partir do desejo nunca tem o suficiente", explica o professor Jung Mo Sung. Entre os efeitos mais notórios do bicho papão acham-se os seguintes:

Exclusão social: Cresce a categoria das considerados *não-gente*. Hoje, quem

Se correr o mercado pega, se ficar...

não tem poder econômico, não é. Os excluídos não contam porque, ao sistema, nada acrescentam. Por este motivo, são tratados como *coisas que falam*, expressão utilizada pelos romanos em referência aos escravos. Existiam as coisas que falavam e as coisas que não falavam. Escravos eram *coisas que falavam*, mas não eram escutados.

Culpabilização da vítima: O sistema leva você a acreditar que todo o fracasso é culpa sua. Quem não consegue competir, passa a pensar que ele é o incompetente e que sua incompetência tem um preço. Quem se sente culpado, habilita-se a aceitar que deve pagar uma pena. E, quem é penalizado constantemente, vai perdendo a autoestima e a dignidade. Quem perde a dignidade, passa a pensar que não tem direitos. E quem acha que não tem direitos, perde também a vontade de lutar.

Crescimento da violência: O fenômeno é complexo. A violência não se reduz a um impulso oriundo de quem tem fome e está sem comida. Entretanto, sem comida distribuída entre todos os que têm direito a sentir fome, não pode existir paz. Vale lembrar que, no mundo, de cada cinco pessoas, duas vivem com menos de R\$

6,00 por dia. As causas da violência são múltiplas, mas não podem ser ignoradas as de caráter socioeconômico.

Consumo ilimitado: O neoliberalismo cria símbolos e ídolos. O ídolo passa a estimular *desejos miméticos*. Instiga a querer o mesmo que o outro deseja. Assim se fortalece a concorrência e a corrida ao consumo. Imprimir esta lógica nos indivíduos é tudo o que o sistema de mercado deseja. Se você entrar nesse esquema, o bicho já lhe pegou. Livrar-se dele não é tarefa fácil. Se, por um lado, há desejos que são necessidades e precisam ser satisfeitos, por outro, existem desejos que devem ser vigiados e controlados, pois são verdadeiros instintos do sistema.

Estresse globalizante: Hoje vivemos os efeitos de uma globalização sedentária. O capitalismo nos quer assim: não críticos e ativos, mas ativistas (ou desocupados) ingênuos. Enquanto fazemos coisas, não paramos para pensar. E se não paramos para pensar, não questionamos. Não questionar é tudo o que ele espera. O ativismo tem seus agregados: a irritação, a angústia existencial, a tensão, a intolerância etc., levando à depressão, à doença e mesmo à morte. De tudo é salutar livrar-se.

Para impedir que o bicho nos pegue e nos devore de vez, é preciso prendê-lo pelos *chifres*. E não adianta ir sozinho, pois ele tem força. É fundamental resistir, articulando as múltiplas forças que desejam alcançar outros horizontes: da sociedade justa, solidária e sustentável. Não podemos imitar o bicho que exclui, devora e depreda. Se estivermos bem organizados, quem vai ter que correr é o bicho. Podes crer!

Eu etiqueta
Carlos Drummond de Andrade

Em minha calça está grudado um nome
Que não é meu de batismo ou de cartório
Um nome... estranho.
Meu blusão traz lembrete de bebida
Que jamais pus na boca, nessa vida,
Em minha camiseta, a marca de cigarro
Que não fumo, até hoje não fumei.
Minhas meias falam de produtos
Que nunca experimentei
Mas são comunicados a meus pés.
Meu tênis é proclama colorido
De alguma coisa não provada
Por este provador de longa idade.
Meu lenço, meu relógio, meu chaveiro,
Minha gravata e cinto e escova e pente,
Meu copo, minha xícara,
Minha toalha de banho e sabonete,
Meu isso, meu aquilo.

Desde a cabeça ao bico dos sapatos,
São mensagens,
Letras falantes,
Gritos visuais,
Ordens de uso, abuso, reincidências.
Costume, hábito, premência,
Indispensabilidade,
E fazem de mim homem-anúncio itinerante,
Escravo da matéria anunciada.
Estou, estou na moda.
É duro andar na moda, ainda que a moda
Seja negar minha identidade,
Trocá-la por mil, açambarcando
Todas as marcas registradas,
Todos os logotipos do mercado.
[...]
Por me ostentar assim, tão orgulhoso
De ser não eu, mas artigo industrial,
Peço que meu nome retifiquem.
Já não me convém o título de homem.
Meu nome novo é Coisa.
Eu sou a Coisa, coisaamente.

Atividade

Após ler o texto e a poesia, debater:

- 1) Quais foram os sentimentos despertados na leitura?
- 2) Como percebem a influência do neoliberalismo na constituição da vida dos jovens?
- 3) Quais são as ações individuais e coletivas que podemos fazer para sermos menos *coisas*?

www.mundojovem.com.br | fevereiro 2010 - 11

Comerça...
Comerça...

Fonte: Jornal Mundo Jovem, fev. 2010.

No artigo *Se correr o mercado pega, se ficar...*, localizado na seção Sociologia, edição fevereiro, 2010, na Figura 18, a temática do consumo é tomada no seu viés social, de impacto na sociedade. O culpado pelo consumo exacerbado no artigo é o neoliberalismo que com seus mecanismos e estruturas "cria símbolos e ídolos, passa a estimular desejos miméticos". Segundo o autor pela lógica da concorrência é que as

pessoas desejam consumir. O viés pode até ter mudado, mas a crítica ao consumo permanece inerente. Além de ser recorrente o tema no jornal, o mesmo reafirma a cada exemplar a sua postura de contrariedade ao consumo.

Portanto podemos observar que o jornal opta por assuntos contemporâneos como consumo, culturas juvenis, mundo digital para endereçar aos jovens e às pessoas que trabalham com eles. Fora ressaltado pela equipe editorial que a preocupação do jornal seria também com os professores, segundo a equipe o jornal seria inclusive um material de assessoramento pedagógico.

Esse consumo, que se for de produtos é rechaçado pelo jornal, encontra apoio quando é direcionado ao cuidado do próprio sujeito com ele mesmo, um consumo de modos de ser. A seguir abordarei a questão do tipo de consumo que é incentivado, é o consumo de si.

4.2.1 Consumo de Si

O consumo veiculado na mídia é um dos elementos a partir do qual os jovens podem constituir suas identidades, quais sejam elas, por vezes ligadas a marcas e produtos ou a modos de ser, a valores éticos. Esse consumo de si, ou de uma identidade é explicitado por Marques (2007, p.74), em seu estudo, “como o modo que se dá na criação desta imagem produzida do próprio corpo, do ‘estilo’, de uma identidade construída a partir das imposições sobre como deve ser o jovem deste grupo”. Dentre as inúmeras formas de se veicular o consumo na mídia, a autora também destaca que o que é posto em circulação, o que fornece indicativos do que se deve fazer e pensar, questões sociais entram no “ mundo da galera” associadas ao apelo do consumo ou servindo à composição da imagem do “bom jovem” (MARQUES, 2007, p.92). Esse ‘bom jovem’ é que narrado nas páginas do jornal está atrelado aos discursos do consumo de si, de identidades que visam transformar o próprio jovem.

O consumo de valores cristãos tais como “consciência”, “solidariedade” perpassa todas as matérias do jornal. Esse consumo ligado a comportamentos e padrões éticos, chamaremos nessa dissertação de consumo de si, um si que não é essencialista, que não nasceu como sujeito, mas que pode ser adquirido ou “consumido”, mediante os saberes veiculados nos discursos do Jornal.

No artigo *Consciência moral: o mal e o bem em nossas mãos*, na seção

Filosofia, da edição de outubro (2010), na imagem a seguir nos apresenta o consumo de si, no sentido de formar-se a si. De colocar no sujeito ou como referenda o autor “em nossas mãos” a responsabilidade por escolher o certo ou errado. O autor ainda afirma que: “[...] o que seria das religiões e do processo de autoconhecimento se as pessoas não fossem capazes da conversão e da maturidade?”, é essa atribuição ao sujeito e ao seu devido cuidado interno que é apresentada no artigo como uma forma de modificação desse sujeito. O consumo de si aqui versa sobre o cuidado que o sujeito emprega na formação de seus valores, de seu modo de agir, no caso, pautado muitas vezes pela religião. O autor também se utiliza não apenas da sugestão ao sujeito como também da religião, conforme podemos notar no excerto: “Temos feito o contrário. Buscamos primeiro as *outras coisas* – riqueza, poder e dinheiro – a espera de que o *Reino de Deus* nos seja acrescentado”. Sabe-se que um dos referenciais que constituem a moral advêm dos preceitos religiosos.

Figura 19 - "Consciência Moral: o mal e o bem em nossas mãos". Seção Filosofia

Consciência moral: o mal e o bem em nossas mãos

Herdamos da filosofia grega a percepção fixa de que "a" é "a" e jamais será "b". O dia é dia e jamais será noite. Esta tradição, que forma nossa consciência moral, nos foi legada por Platão e Aristóteles, filósofos idealistas e conservadores.

Arivaldo de Souza Dantas,
professor, Esplanada, BA.
Endereço eletrônico: arivaldosouzadantas10@gmail.com

Há uma tradição mais esotérica que não se tornou popular, desenvolvida pelo filósofo grego Heráclito. Nela ele afirma que Deus é dia e noite, inverno e verão. Para o senso comum é mais fácil lidar com a percepção do estado fixo das coisas e não da sua síntese e da sua dinâmica proposta pela dialética de Heráclito.

Vida dinâmica

A dialética, que é a lei dos contrários, se impôs ao senso comum, ainda que não a tenhamos percebido. De forma inconsistente e sistemática dividimos os objetos e seres que vemos em duas dimensões que sempre achamos que nunca se misturam e que podem resultar numa síntese qualquer. Por exemplo, o gordo é o gordo; não é o magro; o feio é feio e jamais será o bonito; o sólido é o sólido e tem natureza diferente do líquido; o mal é mal nunca se mistura com o bem.

Mas se estivermos atentos às transformações, veremos que um dia o magro se tornou o gordo e que pode vir a ser magro e novo. O feio para um pode ser bonito para outro. E até o *milagre* da cirurgia plástica promete tornar o Corcunda de Notre-Dame no próprio Brad Pitt. O mal, por fim, poderá se tornar o bem. O que seria das iligções e do processo de autoconhecimento se as pessoas não fossem capazes de conversão e da maturidade?

Portanto o que se pode concluir é que a vida é dinâmica, não é estática, e

que definir os contrários como objetos e seres estáticos é apenas uma ilusão mental. Como definir o exato momento em que o dia se torna noite e vice-versa? Qual será o peso preciso para definir alguém como gordo ou magro? E não é verdade que "há males que vêm para o bem"? O contrário também é verdade. Quantas vezes tentando fazer o bem acabamos por prejudicar alguém?

Em nossas mãos!

Considerando o mal aplicado ao mundo econômico, podemos identificá-lo na desigualdade histórica entre quem tem informação e quem não tem; entre quem tem poder e quem não tem; entre quem detém a propriedade e quem não tem. Considerando também o mal aplicado ao mundo psicológico, veremos que se expressa através da mentira, da incapacidade de perdoar, dos preconceitos, enfim, de todos os sentimentos negativos que compõem a natureza humana.

Mas se pergunta: o que motiva o mal? Será que na ânsia da busca dos bens materiais o ser humano só consegue ver o outro como meio e não como fim? Então, o que motiva o mal não é uma entidade maligna, mas a busca da pessoa humana por bens materiais. Por que não afirmar então que o mal é apenas a projeção dos nossos desejos de poder e de dinheiro, e que para isso não hesitamos em desrespeitar o próximo?

É por isso que se afirma que nos encontramos na chamada crise de paradigmas e de referenciais para propor uma utopia social. Dessa crise filosófica do mundo moderno, pode nascer o cinismo conservador dos que buscam privilégios ou de quem já os tem, defendendo o capitalismo em sua forma selvagem.

As verdadeiras transformações não são aquelas propostas ou impostas pelos salvadores religiosos e políticos de plantão, e sim por aqueles que se importam com a dimensão espiritual do ser humano e sua consequente aplicação na realidade mundana. Não é o que Jesus quis dizer na frase "Buscai o Reino de Deus e as outras coisas serão acrescentadas"? Temos feito o contrário. Buscamos primeiro as outras coisas - riqueza, poder e dinheiro - para a espera de que o Reino de Deus nos seja acrescentado.

Estamos colocando nas mãos divinas e daqueles que comandam o Estado a responsabilidade de transformar este mundo. A verdadeira transformação da aparente negação entre o mundo que jaz no maligno e a utopia do bem-estar social da pessoa humana não está nas mãos de nenhum líder político ou religioso e sim na compreensão libertadora de que nós fizemos o mundo como está, e somente nós em nossa ação cotidiana podemos transformá-lo.

Questões para debate

- 1 - Por que é tão marcante a influência da filosofia grega, que opõe os contrários sobre a consciência moral?
- 2 - Qual é o efeito de uma visão mais dinâmica sobre a vida e os valores?
- 3 - Como, através da educação, modificar e aperfeiçoar a formação da nossa consciência moral?



www.mundojovem.com.br - outubro/2010 - 9

A pedagogia do bem-querer é eficaz em qualquer circunstância

Fonte: Jornal Mundo Jovem, out. 2010.

O consumo que o jornal nos indica seria associação à produção de identidades, de pertencimentos, que o jovem tomaria contato mediante a leitura e que agregasse valores a sua moral, a sua identidade. Formaria assim, seus valores morais, como

podemos observar no excerto da entrevista com a equipe editorial acerca desse movimento:

Outra coisa, falando de outros veículos né, uma coisa que nos orgulhosos e ao mesmo desafiados o Mundo Jovem é uma publicação bastante diferente no âmbito das publicações jovens a maior parte dos cadernos juventude e tal na mídia trata o jovem como consumidor de produtos, consumidor de comportamentos e não traz o jovem como uma questões que é fundamental para nós que é a postura crítica, talvez exista isso em outras publicações, talvez exista né, mas isso é o nosso principal mote, que é um jornal de formação de valores.

A formação de valores que o entrevistado se refere, também nos sugere essa apresentação dos regramentos e dos modos de ser jovem, os quais se constituem em identidades a serem consumo pelos mesmos, conforme Schmidt:

A construção de identidades está em constante mutação e varia de acordo com a demanda do mercado. As revistas voltadas ao público jovem proliferam e nos trazem constantemente, em suas páginas impactantes, o apelo ao consumo, não só de mercadorias propriamente, mas também prescrições de formas de ser jovem. A lógica é estar sempre buscando algo novo para uma satisfação que nunca é atendida. (SCHMIDT, 2006, p.151)

Essa satisfação do sempre insatisfeito que marca as identidades é tratada no jornal de uma forma mais concreta, no sentido de tentar atender a essas necessidades, tornando-se um porto seguro, um manual de como guiar a conduta de si.

Outro aspecto importante a ressaltar no jornal é a presença de uma caixa de texto a direita da página, conforme imagem a seguir:

Figura 20 - Questões para debate

Essas questões podem ser pensadas como uma forma de *exame de si* mesmo, ou seja, despertar no leitor uma reflexão sobre sua conduta.

Entendo que ao conduzir o leitor a falar de si, emitir sua opinião, respondendo a um questionamento, são formas de conduzi-lo às orientações, implicando, ainda que de forma sutil, no governo de si, um conduzir-se a si mesmo que se dá através de práticas discursivas presentes no jornal (FOUCAULT, 2007) . Podemos inferir que essas questões sejam uma forma estratégica de procurar conduzi-los a parâmetros considerados adequados conforme as orientações do jornal. Além de ser um apoio pedagógico para o professor, conforme a narrativa da equipe editorial. Essas questões são colocadas após o envio do artigo do autor à equipe, são formuladas pela mesma, para que haja “uma leitura crítica”, um ir “além do texto”.

Já na figura 21 é sugerido ao jovem que experimente tornar-se parte do grupo de jovens, o tema é tratado no sentido de ser uma experiência social.

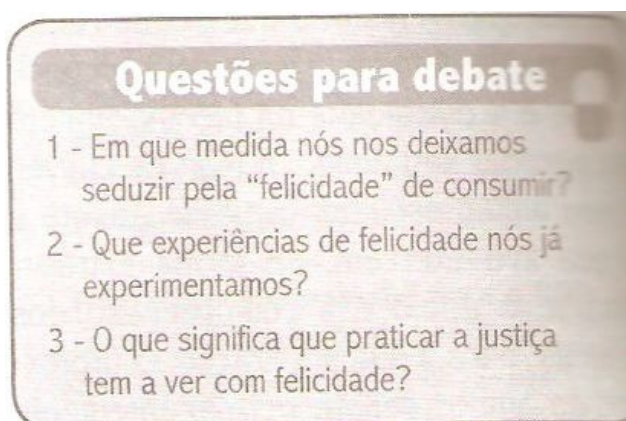


Figura 21 - “A experiência social do grupo de jovens”. Seção Juventudes



A experiência social do grupo de jovens

Juventudes

A experiência de vida em grupo parece ser inerente à condição humana. Para o bem ou para o mal, a humanidade só é o que é por conta da vivência em grupo. É esta vida grupal que nos torna seres sociais, pois nos possibilita ao mesmo tempo experimentar os sentimentos de igualdade e diferença. A ação desenvolvida está pautada na forma como este grupo se identifica e concebe as questões sociais que o atravessam.

Renato Souza de Almeida,
mestre em Ciências Sociais e coordenador do Instituto Paulista de Juventude (IPJ), São Paulo, SP
Endereço eletrônico: viramundo@ig.com.br

Há grupos abertos e fechados, democráticos e autoritários, anarquistas e nazistas... A experiência em grupo por si só não significa que seus integrantes terão uma ação mais ou menos solidária ou tolerante entre si ou com membros de outras comunidades ou grupos. A participação mais

ativa em um grupo é orientada por certa *visão de mundo* (guiada por posicionamentos políticos, sociais, ideológicos, religiosos etc.) que este grupo assume. De acordo com esta visão de mundo assumida, os sentimentos de igualdade e diferença experimentados por seus membros podem tomar variados significados.

Ao ter contato com um grupo, uma pessoa, obviamente, encontra outras pessoas com rostos diferentes, personalidades diferentes, ideias diferentes das suas. Ou seja, internamente, há uma série de diferenças entre os integrantes de um mesmo grupo que, para quem participa, torna-se evidente. No entanto, externamente, na relação com outras pessoas que não pertencem ao grupo, há um sentimento de igualdade entre seus pares, tanto para quem a ele pertence, como para quem observa de fora.

Porém a *igualdade* pode ser concebida como hipervalorização do grupo, pois o encontro com o diferente experimentado na vivência grupal pode fortalecer uma dicotomia entre *nós* e *eles* (já que agora encontrei os meus *iguais*). Por outro lado, se esta orientação apontar para outro rumo, a igualdade pode se transformar em desejo de justiça e solidariedade social, e a relação com o outro no grupo criar um sentimento altruísta de respeito e tolerância à diversidade.

O grupo de jovens

Os jovens se aproximam de um grupo, geralmente, através de sua rede de sociabilidade por convite ou mesmo curiosidade. Os motivos desta aproximação são dos mais variados, desde a busca por novas relações afetivas até afinidades

ideológicas. A relação que o jovem tem com um grupo, de início, é sempre de experimentação: experimentam-se relações, concepções, desejos, expectativas... É com o passar do tempo que esta experimentação torna-se identificação.

Com os jovens, o grupo tem uma função de formação identitária mais intensa do que em outra faixa etária. Em meio às diversas experimentações nas quais os jovens estão imersos (primeiras experiências com o trabalho, com a sexualidade, com as relações fora do núcleo familiar, definição dos estudos...), o grupo pode auxiliá-los na elaboração de suas identidades. Para muitos jovens, a vivência grupal torna-se uma mediação com o mundo, reforçando ou rechaçando valores veiculados pelos meios de comunicação, pelo pensamento religioso ou pelas expressões culturais estabelecidas.

A Pastoral da Juventude

O desafio de se desenvolver ações em grupo faz com que os jovens experimentem a vida social a partir das suas contradições, mas também a partir das suas potencialidades de transformação. O tempo em que um grupo de jovens se mantém na ativa é correspondente à sua capacidade de encontrar respostas criativas para os dilemas que se colocam no cotidiano da vida grupal e social.

A ação da Pastoral de Juventude (PJ) revela-se em uma organização de jovens que tem por eixo central de sua ação o trabalho desenvolvido pelos grupos de base. As lideranças da PJ, em geral, iniciam sua militância no grupo de jovens e lá experimentam esses dilemas.

Enquanto a PJ continuar a se orientar por um referencial identitário de uma igreja libertadora, que faz opção preferencial pelos pobres e aposta numa estrutura horizontal de participação social e eclesial, o grupo de base continuará a ser instrumento de resistência e anúncio de uma nova sociedade possível. A PJ continuará a formar pessoas autônomas, críticas e solidárias na medida em que permanecer assumindo sua vocação pastoral de contribuir com a formação de profetas e profetisas de um novo céu e uma nova terra.

Questões para debate

- 1 - A busca de convivência em grupo pode ser uma forma de superar o individualismo? De que forma?
- 2 - Entre nós constatamos que os jovens procuram seus *iguais* nos grupos? Que benefício isso traz?
- 3 - Em tempos de grandes mudanças, quais são os principais desafios da Pastoral da Juventude atualmente?

Fonte: Jornal Mundo Jovem, 2009.

É apresentado como mais uma das organizações sociais que todos pertencem em determinado momento da vida, se em empresas, em escolas, etc. O consumo de si sugerido é o pertencimento a um grupo que partilhe a mesma religião, os mesmos modos de ser, mas que “dariam sentido” à existência do jovem. O consumo de si ligado a participação em grupos de jovens trazido pelo autor, o qual tem sua filiação a

movimentos de juventude, visa integrar a religião a vida do jovem e tem a ver com a concepção que os grupos de jovens baseiam seus ensinamentos na: “[...] pedagogia que toma a realidade e dá vida e a vida dos jovens, por uma prática transformadora, que abriria caminhos para o surgimento de um novo jeito de ser Igreja” (CNBB,1998, p.85).

Seria a partir dessas lideranças juvenis que a realidade do país mudaria, conforme as orientações da CNBB. Na foto desse artigo temos um ambiente que parece um ginásio, lembra uma conferência, na qual os jovens estão dispostos em círculo, parecem interessados no debate. Essa reunião em círculo denota principalmente que há uma indicação de união e diálogo, uma vez que todos conseguem visualizar seus pares com relativa autonomia. Essa foto também nos passa ideia ainda, que pode haver uma mobilização, uma reunião desses jovens em torno de algo comum, no caso a religião. Já na caixa de diálogo do artigo, destaco a frase “uma alternativa ao individualismo”, contida em um questionamento, ou seja, o Jornal indaga a esse jovem para se una a um grupo social e que para além das diferenças também se celebre a igualdade. Até o jornal trabalha com a ideia de que a igualdade ainda pode ser um ponto positivo, uma vez que pode acontecer a “hipervalorização” do grupo e a união para mudanças sociais.

E esse novo jeito de ser Igreja versa sobre os discursos infundáveis para reforçar a importância da religião, como no artigo *Para que ter uma religião*, na seção Ensino Religioso, na edição de setembro de 2009. Nesse artigo o autor indica a religião como sendo uma forma de “caminho”, “orientação”, “verdade”. É sabido que os discursos reproduzem verdades e que essas verdades é que formam o sujeito, formam seu modo de ser. Esses discursos também reproduzem a visão que temos de determinado assunto, no caso do artigo a visão sugerida é a da religião como um espaço de verificação, de lugar onde se encontram, se produzem e se distribuem verdades. Para Foucault (2009), esse lugar de verificação é um espaço onde se pode produzir saberes e veiculá-los como verdade no interior dos discursos. A religião, principalmente a católica, foi em um determinado momento histórico o único saber possível da época, a fonte inesgotável de discursos, uma vez que a ciência não era difundida e ainda baseava-se o mundo por “crenças” medievais. No entanto, esse espaço não foi substituído, apenas fora dada ênfase a outros lugares da verdade, mas mantém-se até a atualidade como um espaço confiável. O autor reforça “ a boa religião vai, de forma respeitosa, apontando os sinais que a demonstram como verdadeira”.

O título já nos denota uma ideia de questionamento e, antes disso, uma certa preocupação com a religião. Podemos pensar que no sentido mais amplo do termo, ele sugere uma filiação a uma religião, uma vez que ele não se pergunta se é importante ter uma música, um partido político, mas sim, de modo mais enfático, destaca a religião.

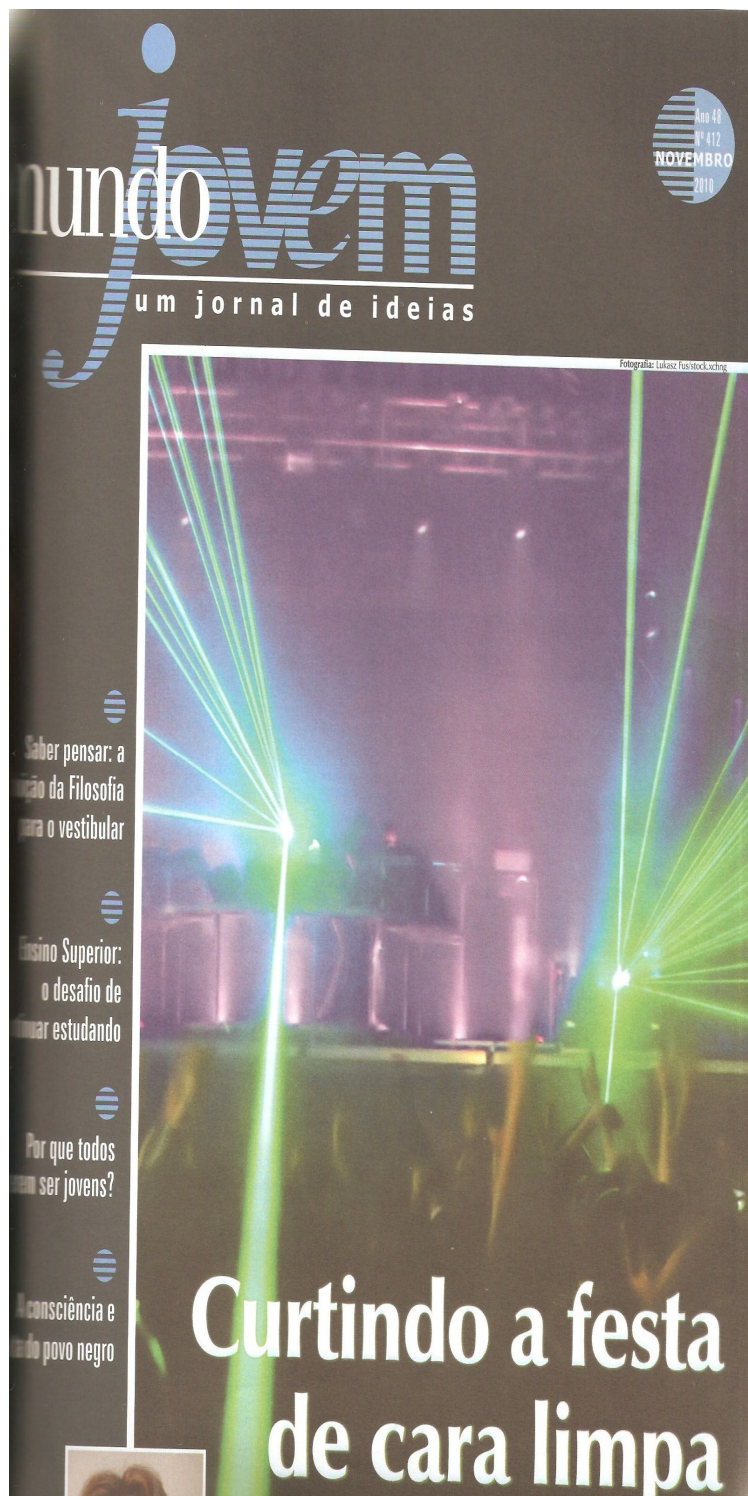
No artigo *Razão e emoção: separadas ou unidas?* Localizada na seção Psicologia, da edição de setembro de 2009, sugere o consumo de si através do domínio desses dois aspectos do sujeito a razão e a emoção. Conforme os estudos de Marques (2007, p.56): “O primeiro item de consumo colocado em destaque no Kzuka, é, sem dúvida, o próprio jovem. A sua imagem, o seu corpo, o seu “estilo” de vestir e de se comportar, os objetos que possui, suas preferências, enfim, tudo está em jogo na representação da sua identidade e tudo está inserido na complexa teia do consumo”, no caso do **Jornal Mundo Jovem** o consumo é o ligado ao próprio jovem, a maneira como esse se constitui enquanto sujeito jovem católico. O consumo de si é atrelado a normas, sugestões e endereçamentos próprias da religião. No caso do artigo citado anteriormente, apesar de tratar de um assunto comumente encontrado nos discursos da Psicologia, ele também visa o consumo do jovem, dos sentidos que ele atribui a razão e a emoção em sua vida. Os autores aconselham para a “busca do equilíbrio”, um tom moderado para que o jovem possa alcançar seu diferencial “humano”. A ilustração do artigo explicita a imagem num texto que tem um tom de sugestão e não de prescrição, ainda que dessa forma opere na conduta do jovem, mostra dois jovens com mesmo aspecto fisionômico numa gangorra, um com semblante alegre e festivo e outra com um computador e uma posição exitação. A oposição dessas manifestações também chama a atenção, conforme o excerto “A razão é dura. A emoção sonha. A razão é fria. A emoção é ardente. A razão é insípida. A emoção é doce. A razão é imparcial. A emoção toma partido da paixão.”, tal constatação acaba por contradizer o equilíbrio que se busca, pois se notarmos de forma mais detida tanto antagonismo parece impossível conjurar os dois.

O jornal oportuniza o consumo de si através da interdição de alguns discursos, tais como a gravidez fora do casamento, o homossexualismo, aborto e para Candiotta (2010, p.52) “a interdição é o sistema de exclusão maior, pois evidencia que não se pode falar de qualquer objeto em qualquer circunstancia e mediante qualquer sujeito”, fala-se de juventude, mas não de qualquer ponto de vista, mas sim de um ponto de vista católico que regula os sujeitos que estão dispostos nele.

A partir dessa interdição ensinam-se os modos “aceitáveis” de ser jovem. Fischer (2002, p.138) argumenta que o aprendizado dos jovens através da mídia: “[...] significa a eleição de um tipo especial de ocupação, de dedicação e que nossos adolescentes e jovens aprendem de modo muito particular através dos produtos da mídia - a ocupação consigo mesmo. “. Essa ocupação consigo mesmo é que é exibida nos consumos de si presentes no jornal.

Conforme a Figura 22 de capa do jornal da edição de novembro de 2010, o consumo de si anunciado é a questão da não utilização de drogas ou bebidas alcoólicas por parte dos jovens em festas. Mesclando elementos próprios da juventude, como festas, casas noturnas, o jornal aborda de modo a aconselhar e a direcionar a conduta do jovem, que mesmo frequentando festas, as faça de modo “consciente”, de acordo com sua orientação. Conta ainda com a chamada de uma psicóloga que diz “não necessariamente as festas precisam ser regadas a bebidas e drogas”, logo esse jovem é levado a consumir um comportamento, tido como aceitável, de nas festas não utilizar drogas, nem bebidas alcólicas para que pertença ao grupo dos jovens “conscientes” “solidários”. O que chama a atenção é a composição da capa uma foto que aparenta ser uma casa noturna com efeitos de luzes algo bem próprio do universo das juventudes.

Figura 22 - Capa da Edição de Novembro de 2010



O governo de si também faz-se importante nessa pesquisa dado a sua relação intrínseca com a produção da subjetividade, ou no caso, das identidades juvenis católicas. Por todo seu histórico¹⁷, o governo de si exige um cuidado de si, uma técnica dirigida somente ao sujeito, o que implica a relação desse sujeito com as práticas, sejam elas sociais, culturais, midiáticas. No caso do jornal ele governa as subjetividades-identidade dos jovens mediante os atos de escrita e de exposição de imagens, conforme foi citado, buscando com esse governo uma forma de pertencimento desses jovens aos seus grupos religiosos. Esse governo pode ser visto como uma espécie de condução do sujeito (FOUCAULT, 2008). Através de discursos - que visam o pertencimento do jovem às práticas religiosas, a aproximação com a religião - o jornal, que não coage, lança mão de argumentos que atentam a juventude aos temas atuais permeados sob a ótica da religião. Tais discursos também buscam conduzir formas de se posicionar frente aos modos de ser na contemporaneidade, mediante a alguns elementos de disciplinarização e produção do sujeito.

Ao jovem lhe são oferecidos e produzidos discursos acerca dos grupos de jovens, da importância de se ler a Bíblia, de se ter determinadas atitudes. As regras de pertencimento a essa religiosidade, a essas práticas fazem parte da ordem do discurso no Jornal.

Através desses discursos (ROSE, 1998), os quais são um dos processos que constituem o sujeito enquanto, jovem, aluno, católico, trabalhador, carente, infrator, necessitado, possibilitam um cuidado e formação constante do si no sujeito. Cuidado esse que é muitas vezes observado nas páginas do Jornal, como prescrições sobre como proceder com as pessoas, com o trabalho, com a escola. Para produzir a identidade do jovem católico é necessário, além de um modo de endereçamento próprio, discipliná-lo nos assuntos que demandam sua opinião, por exemplo, drogas,

¹⁷ Por motivos de tempo hábil de produção da dissertação não foi possível colocar no corpo do texto o período histórico a que me referi. No entanto, explico-o brevemente nessa nota. Foucault pesquisou na Antiguidade Clássica a primeira noção de cuidado de si ligada ao governo de si, explicitada numa frase dita por Plutarco à Alexândrides (Foucault, 2006) “cuidada-te a ti mesmo”, o que na época não era uma referencia direta ao sujeito, mas sim a administração dos bens que este possuía. O sujeito deveria primeiro governar/cuidar de seus bens antes de se aventurar a cuidar dos bens da nação. Deste momento histórico até a máxima délfica “conhece-te a ti mesmo” foram inúmeras as mudanças e rupturas ocorridas.

namoro, internet, músicas, para que frente esses assuntos ele se use dos discursos veiculados pelo jornal para reforçar seus argumentos.

A juventude segundo autores como Garbin (2000), Maffesoli, (2005), Àries, (2006); Feixa, (2004) têm se constituído como um campo cada vez mais múltiplo do saber e permeado por inúmeras práticas midiáticas, econômicas e sociais, tornando-se cada vez mais objeto de regulamentação por esses instrumentos midiáticos, como o Jornal. A essa constituição múltipla deve-se os discursos que são veiculados por inúmeros artefatos culturais, tais como o Jornal.

O *Jornal Mundo Jovem* possui artigos localizados numa racionalidade contemporânea, os quais prescrevem modos de ser jovem católico, de conduzir sua alma, seus comportamentos pelos preceitos da religião. Pode-se considerar que os discursos sugerem o consumo de determinadas culturas, que adotem seus modos de ser, que se constituam em determinadas identidades juvenis. Outra forma de pensar os pertencimentos que o *jornal* oferece aos jovens é observar que nos artigos que seguem ele tenta exibir a representação de juventude que comumente é contemporânea, com suas práticas, mas analisada do ponto de vista moral e cultural do jornal. Ao interpelarmos esses discursos presentes no **Jornal Mundo Jovem** a fim de delinear as identidades que aparecem nele, pode-se observar um movimento que o *Jornal* realiza, o de buscar conhecer a essa juventude e dar informações sobre ela aos professores, pais, pessoas que lêem o jornal.

A relação do sujeito com a mídia também é fonte produtora de discursos e de posições de sujeitos. Não pretendo, contudo fazer uma arqueologia dos discursos presentes no jornal sobre juventude, nem negar que existem outros tantos. O que pretendo trazer como linha de raciocínio nessa pesquisa é a produção de juventudes por meio de discursos presentes no jornal. Os discursos entendidos nesse estudo e para Foucault (2009) devem ser compreendidos e analisados na sua estreiteza, singularidade e relação com outros discursos, tais como os: da cultura, da economia, da política, entre outros. Esses discursos propõem o consumo de si, no sentido de produzir a si através de regamentos, de identificação com os enunciados que falam sobre juventude, da captura do sujeito jovem através de assuntos que o interessem.

Não quero nesta pesquisa, pautar pela inocência de conceber que todos os jovens são absolutamente governados e formados pela mídia, mas que de alguma sorte essa mídia opera em suas subjetividades, ditando-lhes formas de vestir, de

consumir, de se portar. Esse operar sugere formas de consumo, no caso do jornal consumo de identidades através dos discursos.

O discurso não é produtor exclusivo de subjetividades, é um elemento contribuidor, mas não único, como coloca Veiga-Neto (2007):

[...] como disse o próprio filósofo, 'os sujeitos que discursam fazem parte de um campo discursivo [...] o discurso não é um lugar no qual a subjetividade irrompe; é um espaço de posição – de – sujeitos e de funções-de-sujeito diferenciadas'. O seu interesse não é relacionar o discurso 'a um pensamento, mente ou sujeito que produziu, mas ao campo prático no qual ele é desdobrado'. [...] Enfim, para Foucault, mais do que subjetivo, o discurso subjetiva. (VEIGA-NETO, 2007, p.99)

O discurso opera sim na constituição da identidade, mas não é o *locus* principal de seu aparecimento, não é nem mesmo a condição exclusiva para constituição da mesma. O que se pretende nesse estudo é a partir dos discursos sobre juventude, investigar como produzem modos de ser jovem numa forma de se reinventar essa juventude, ou seja, como numa discursividade religiosa o sujeito jovem é designado.

Um dos inúmeros possíveis de serem encontrados no jornal é o que apresento nessa seção, ou seja, o consumo de si como algo central, como mais um elemento de constituição do sujeito jovem católico. Através dessas práticas que posicionam o sujeito como jovem, católico e antes de mais nada contemporâneo, o jornal lança mão de investimentos no cotidiano desse jovem, nas suas relações culturais e principalmente no saber daqueles que vão estar em contato diariamente, os professores.

Faz-se necessário instrumentalizá-los, os professores, para que estes tomem contato com as práticas culturais contemporâneas juvenis, para que agreguem ao seu saber, preceitos religiosos de formação moral dos jovens que frequentam a escola. Através da abordagem dos textos em sala de aula, acontecem investimentos, tais como: aconselhamentos, exemplos, discussão em sala de aula; para que o jovem se identifique e se reconheça como jovem daquele contexto específico.

5 CURTAS E DICAS¹⁸ – ENCAMINHANDO POSSÍVEIS CONCLUSÕES

Se tudo fica um pouco,
 Mas por que não ficaria
 Um pouco de mim? No trem
 Que leva ao norte, no barco,
 Nos anúncios de jornal,
 Um pouco de mim em Londres,
 Um pouco de mim algures?
 Na consoante?
 No poço?
 Um pouco fica oscilando
 Na embocadura dos rios
 E os peixes não o evitam,
 Um pouco: não está nos livros
 (ANDRADE, 2002, p.93)

O poema de Carlos Drummond de Andrade reflete o momento por que passa a autora e essa dissertação: um sentimento que ainda resta. Restam perguntas, restam pensamentos, resta vontade de retornar ao início e percorrer outros caminhos, escolher outros recortes. Nesse movimento poderia retornar inúmeras vezes, pois o material de análise me permitira muitos recortes. No entanto, o que apresento agora faz parte desse “restar”, pois restaram do projeto as orientações da banca, as sugestões dos colegas de grupo de pesquisa, as indicações da professora orientadora. No entanto, esse restar que é tão próprio das relações, do que se faz com cuidado, habita essa escritura, pois ela não deixa de ser uma relação, algo que se pensou com muito cuidado. Uma relação que não pertence mais a mim, que ao findar não guarda seu significado restrito a autora, ganha o “mundo” e poderá quem sabe servir ou não para subsidiar estudos posteriores. Mas mesmo em outros lugares, com outros leitores, ainda assim irá restar um pouco de mim, não a impedir interpretações, mas sugerir outras (re) escrituras.

No que tange este estudo busquei, entre outras coisas, responder os questionamentos de pesquisa, a saber - **Quais discursos sobre juventudes circulam no *Jornal Mundo Jovem*? De que forma tais discursos investem na constituição de identidades juvenis contemporâneas?**

As análises permitiram inferir que há um investimento na formação do jovem voltando-se para a ênfase religiosa. Compreendo que outros espaços, além da religião, procuram constituir sujeitos a partir de valores éticos e morais considerados

¹⁸ Título da Seção que sempre encerra o *jornal*.

adequados em cada âmbito. A este respeito foi observado a preocupação do jornal em orientar a condução dos jovens aos parâmetros da crença, vindo também a fazê-los refletir sobre outras possibilidades presentes na sociedade contemporânea e que de certa forma vem a se contrapor aos valores propagados pela religião.

Em meio a um tempo de tantas perguntas e incertezas, da qual chamamos de pós-modernidade, instituições como a escola, a família e a Igreja tentam representar 'portos-seguros'. Numa época em que as relações são, muitas vezes, efêmeras, a religião torna-se uma possibilidade de pertencimento e é sobre ela que tratam os discursos do jornal endereçados aos jovens.

No entanto, não se tem ao certo que o jovem sinta a necessidade de se refugiar nessas instituições, pelo contrário o que se observa atualmente são narrativas de jovens que visam distanciamento delas, por não se adequarem aos tempos presentes.

Os discursos sobre juventudes presentes no jornal versam sobre determinadas representações das mesmas na contemporaneidade, como formas de seduzir o seu público leitor, aproximando-o a uma prática presente no método da Ação Católica Especializada "veja-julgue-aja". Este método procura com que os jovens leitores "vejam" as juventudes apresentas nas páginas do jornal, julguem suas condutas, e ajam de acordo com os valores considerados aceitos pela religião.

Um exemplo disso é que durante todas as edições de 2009 a 2010 não são desenvolvidas discussões aprofundadas, apenas breves incursões, representações, a cerca de determinadas culturas juvenis: *punks*, *pagodeiros*, *hippies*. O que corrobora esta arguição é o fato de ter sido publicado apenas um artigo versando sobre o tema das culturas juvenis. Ressalto mais uma vez que não é objetivo desse estudo julgar o conteúdo do jornal se é adequado ou não, se tem qualidade ou não, se é "certo ou errado", mas sim refletir sobre esses discursos que se inserem a escola, a sala de aula, que envolvem jovens alunos e professores cotidianamente.

Uma juventude "consciente", "solidária", "fraterna" é desenhada nas páginas do jornal, que adere a valores católicos, que repudia o consumismo, que se preocupa com os problemas sociais mundiais, e que está "por dentro" do que as "outras" juventudes praticam, tais como os assuntos relacionados a - *piercing*, tatuagem, ficar, modos de vestir, meios digitais, etc.

Pode-se pensar que esses discursos investem na constituição das identidades juvenis católicas. São discursos recorrentes que tanto na caixa de

diálogo “questões para debate”, quanto nas chamadas dos artigos, visam interpelar o sujeito jovem, endereçá-lo a determinados modos de ser, que podem ou não ser seguidos.

Também tive como norteadores os objetivos – **Analisar discursos sobre juventudes no *Jornal Mundo Jovem* e como estes podem operar na constituição de identidades juvenis.**

Pensar no *Jornal Mundo Jovem* requer assumi-lo como um artefato cultural, produto de uma mídia que busca interpelar seu público a todo o momento e produzir um sujeito socialmente aceito. Nesse sentido a preocupação do jornal é formar uma identidade jovem católica, estabelecendo uma relação de problematização acerca do consumo. A Igreja católica vê o consumo de produtos fora da religião como algo temerário e que não conduz o sujeito a prática da fé, não que ela abomine de todo o consumo, mas que direcione o sujeito ao consumo de si, do próprio jornal, da leitura da Bíblia e de práticas religiosas. Este artefato veicula consumo, mas um consumo ligado aos modos de ser, um artefato que fala sobre os jovens, mas que parece chegar a estes, alcançá-los de algum modo.

Esse consumo de si ligado a produção de identidades, podemos pensá-lo como uma forma de instrumentalizar o professor sobre as juventudes contemporâneas. Foi explicitado pela equipe editorial do jornal que um dos vieses dessa publicação seria o de oferecer aos educadores informações e sugestões de como trabalhar com a juventude atual, para tanto, faz-se importante que essa publicação mostre os diferentes modos de ser e de se pensar a juventude.

Outra constatação possibilitada por esse estudo é a abundância de materiais pedagógicos que o jornal traz, sejam textos, músicas, sugestões de atividades, vinculadas aos mais diversos temas. O alcance da publicação é bem maior quando visa também os professores, pois estes levam o jornal a sala de aula e, muitas vezes, o apresentam aos jovens. A veiculação de saberes, como conteúdo de discursos visando a constituição de determinados sujeitos que atendam a necessidades prementes da sociedade, também pode ser vista como uma forma de governo, uma maneira de governar a si e aos outros, não no sentido pejorativo, mas sim no sentido de formar, de produzir e conduzir condutas.

Não abordei de modo mais detido o tema dos professores, uma vez que meu foco foram as juventudes. Não desconsidero, portanto, que seria um tema que poderia ser tratado em estudos futuros, pois para este não houve tempo hábil.

Posso dizer que de muitas formas poderíamos pesquisar o artefato que escolhi, poderiam certamente ser outros objetivos, outras ferramentas de análise, outras formas de olhar, pois segundo Garbin (2011): “A originalidade do tema está na singularidade do olhar” e Veiga-Neto (2010): “[...] pode-se dizer inúmeras coisas sobre um tema, mas nunca pode se dizer tudo sobre ele”, ambos adotam tal perspectiva de considerarem que uma pesquisa nunca diz, e nem se propõe a isso, tudo sobre o tema, mas sim aborda alguns vieses, alguns focos.

Ao assumir a posição de que não se pode dizer tudo de algo, também ressalto que o se escolhe para dizer está intimamente ligado a outros discursos dos quais estou dando mais destaque do que outros. Trabalhar com as ferramentas conceituais de Foucault, é sempre duvidar, questionar e pensar no que se poderia analisar de forma diferente. Pensar no por que da escolha desses e não de outros referenciais, levando em conta quais discursos se preponderam, interditam e ressaltam as teorias apresentadas.

Trabalhar com os Estudos Culturais é considerar a ampla gama de possibilidades culturais que habitam processos cotidianos, ou seja, só fazemos de determinado modo as coisas, por que em nossa cultura esse é o modo correto de se fazer. Além dos discursos, contamos com aspectos que são próprios de nossa cultura, como por exemplo, o jovem namorar, “ficar”, ter relações sexuais, sem necessariamente, casar com o parceiro (a). Em outras culturas, como as religiosas de outros países, o islã, isso seria impensável, uma vez que a noiva conhece o noivo no dia do casamento. Logo, trabalhar sob o viés dos Estudos Culturais é trabalhar com a riqueza que a cultura pode proporcionar, a transitoriedade que as práticas cotidianas detêm mediante a sua forma de entender a vida.

Se a própria cultura não guarda elementos fixos e definitivos, esse estudo não seria um lugar para finalizações ou conclusões, que não sejam as parciais. Apesar de ser uma dissertação em estágio final, chego ao seu fim com alguns questionamentos, para quem sabe em estudos posteriores serem tratados, tais como – *O Jornal Mundo Jovem seria uma espécie de ética contemporânea das juventudes? Seria, também uma espécie de inventário dos modos de ser jovem? A diferença entre as práticas das juventudes contemporâneas e os modos descritos pelo Jornal: existem ou até que ponto ela é visível, sentida entre os jovens?* Certamente tais perguntas por si só renderiam outros estudos, outras perspectivas, bem como a adoção de outros referenciais teórico-metodológicos, produziriam

outros modos de se pensar o jornal. No entanto, cada escolha que fazemos remete o sujeito de que somos constituídos, os discursos pelos quais somos subjetivados, os saberes que temos como verdade.

Os discursos que constituem as identidades juvenis católicas, também constituíram o modo como esta pesquisadora fez e faz pesquisa, nem melhor, nem pior, apenas provisório. Não posso encerrar esse estudo afirmando, dizendo que é, definindo, tudo nesse estudo tem caráter provisório, tudo poderia ser escrito de outro modo. No entanto os discursos que me subjetivaram me levaram a esse caminho.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. Resíduo. In: _____. **A Rosa do povo**, 26. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002, p.93.
- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- BACKES, Carmen. **O que consome o adolescente?** 2011. 145f. Tese (Doutorado em Educação)- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
- BARBER, Benjamim R. **Consumido**. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e ambivalência**. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- BECHARA, Evanildo. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BUENO, Eduardo. **Brasil: uma história - cinco séculos de um país em construção**. São Paulo, Leya, 2010.
- BUJES, Maria Isabel. Criança e brinquedo: feitos uma para o outro. In: _____. **Estudos Culturais em Educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...** Porto Alegre: UFRGS, 2000, p.205-228.
- CANSIAN, Renato. **O papel da Igreja católica**. 200?Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/historia-brasil/ditadura-militar-2-o-papel-da-igreja-catolica.jhtm>> . Acesso em: 13 ago. 2011.
- CAMOZZATO, Viviane Castro. **Habitantes da cibercultura: corpos 'gordos' nos contemporâneos modos de produzir a si e aos 'outros'**. 2007. 182 f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.
- CANDIOTTO, César. **Foucault e a Crítica da verdade**. Belo Horizonte: Autêntica; Curitiba: Champagnat, 2010.
- CANHA. **O que é uma impressão off-set?** 2009. Disponível em: <<http://design.blog.br/design-grafico/o-que-e-uma-impresao-offset-revisto>>. Acesso em: 19 dez. 2011.
- CAPITAL INICIAL. Como se sente. In: _____. **Das Kapital**. [Rio de Janeiro]: Sony Music, 2010. 1 CD. Faixa 3.
- CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Marco Referencial da Pastoral da Juventude do Brasil. **Cadernos de estudo da CNBB** São Paulo: Paulus, n. 76, 1998.
- CNBB. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. **Quem somos**. Disponível em: <<http://www.cnbb.org.br/site/cnbb/quem-somos>>. Acesso em: 20 dez.2011.

CORRÊA, Anderson. **No escurinho do cinema: narrativas sobre HIV/AIDS em filmes hollywoodiano**. 2006. 161 f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

COSTA, Marisa Cristina Vorraber. Estudos Culturais – para além das fronteiras disciplinares. In: _____. **Estudos Culturais em Educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...** Porto Alegre: UFRGS, 2000, p.13-36.

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luis Henrique. Estudos Culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n.23, p.36-61, maio/jun/jul/ago, 2003.

COSTA, Marisa Vorraber. **Quem São? Que Querem? Que Fazer com Eles?** Eis que chegam às nossas escolas as crianças e jovens do século XXI. Disponível em: <www.ufrgs.br/neccso>. Acesso em: 26 abr. 2011.

DU GAY, et all. **Doing Cultural Studies: the story of the Sony walkman**. Londres: Sage, 1997.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, nº24, p.40-52, set./out./nov./dez.,2003.

ELLSWORTH, Elizabeth. Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In: Silva, Tomaz Tadeu da. **Nunca fomos humanos – nos rastros do sujeito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p.7-76

FABRÍS, Eli Terezinha. **Em cartaz: o cinema brasileiro produzindo sentidos sobre escola e trabalho docente**. 2005. 231 f. Tese (Doutorado em Educação)- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

FERREIRA, Tais. **Teatro infantil, crianças espectadoras, escola: um estudo acerca de experiências e mediações em processos de recepção**. 2005. 236 F. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

FEIXA, Carles. **Jovens na América Latina**. São Paulo: Escrituras, 2004. 327 p.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Adolescência em discurso: mídia e produção de subjetividade**. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 1996.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV**. Educação e Pesquisa, São Paulo (SP), v. 28, n. 1, 2002, p. 151-162.

FISCHER, Beatriz Daudt. **O poder que assujeita é o mesmo que faz desejar**. 23. Reunião ANPED. Caxambu, 2000.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009a.

FOUCAULT, Michel.. **A Hermenêutica do Sujeito**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica: curso dado no College de France (1978-1979)**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2009b.

FREIRE FILHO, João. Retratos midiáticos da nova geração e a regulação do prazer juvenil. In: BORELLI, Silvia H.S.; FREIRE FILHO, João. **Culturas Juvenis no século XXI**. São Paulo: EDUC, 2008, p.33-58.

GARBIN, Elisabete Maria. Cultur@s juvenis, identid@des e Internet: questões atuais... **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n. 23, p.119-135, maio/jun./jul./ago. 2003.

GARBIN, Elisabete Maria. **www.identidadesmusicaisjuvenis.com.br** : um estudo de chats sobre música da Internet. 2000. Tese (Doutorado em Educação)- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

GOBBI, Maria Cristina Mestrado. **Na Trilha Juvenil da Mídia Impressa**. 1999. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social)- Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, 1999.

GUMES, Nadja Vladi Cardoso. **RG Jovem Identidades, Culturas Juvenis, Meios de Comunicação e Estilos de Vida**: uma análise do caderno *Folhateen* da Folha de São Paulo. 2004. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporânea)- Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo**. NECCSO, 2011. Disponível em: <www.ufrgs.br/neccso>. Acesso em: 23 nov. 2011.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 20. ed. São Paulo: Loyola, 2010.

IULIANELLI, Jorge Atílio Silva. Juventude: Construindo processos – o protagonismo juvenil. In: FRAGA, César Pontes; Iulianelli, Jorge Atílio Silva (Orgs.). **Jovens em tempo real**. Belo Horizonte: DP&A, 2003, p.54-75

JORNAL MUNDO JOVEM. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009-2010.

KELLNER, Douglas. Lendo imagens criticamente: em direção a uma pedagogia pós-moderna. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Orgs.). **Alienígenas na sala de aula**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 104-131.

LARROSA, Jorge Bondía. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Belo Horizonte, n. 19, jan./abr. 2002, p. 20-28.

LINCK, Rosane Speggorin. **Hora do recreio!**: processos de pertencimentos identitários juvenis nos tempos e espaços escolares. 2009. 152 f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedade de massa. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

MANSKE, George Saliba. **Um currículo para a produção de lideranças juvenis na Associação Cristã de Moços de Porto Alegre**. 2006. 208 f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

MARQUES, Cíntia Bueno. **Pedagogia do Kzuka**: um estudo sobre a produção de identidades jovens na mídia. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Luterana do Brasil, Canoas, 2007.

MELLO, Luciana Maria Hoff de. **Campanhas publicitárias 'vendendo saúde'**: discurso 'científico' e consumo construindo modelos de vida saudável. 2009. 186 f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

NASCIMENTO, Renato Souza do. **Cultura lúdica da juventude brasileira**: rebeldia e consumo nas páginas da Veja e da Folha de São Paulo nas décadas de 1970 e 1980. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação)- Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

NELSON, Cary; TREICHLER, Paula A.; GROSSBERG, Lawrence. Estudos culturais: uma introdução. In: SILVA, Tomaz Tadeu. (Org.). **Alienígenas na sala de aula**: uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 7-38.

NEUMAN, Laurício. **Educação e Comunicação Alternativa**. 1989. Dissertação (Mestrado em Educação)- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, 1989.

OLIVEIRA, Carolina dos Santos. **Adolescentes negras no discurso da Revista Atrevida**. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

PASTORAL DA JUVENTUDE. 2011. Disponível em: <www.ojsul1.org/site/pastoraldajuventude>. Acesso em: 26 abr. 2011.

PEDROSA, Jasson Matias. **Violência, mídia e juventude**: análise sobre o discurso adotado pelo jornalismo impresso sobre a realidade violenta de jovens da periferia da cidade de Natal. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)- Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008.

PEREIRA, Angélica Silvana. **Somos expressão, não subversão!**: a gurizada punk em Porto Alegre. 2006, 167 f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

ROSE, Nikolas. Governando a alma: a formação do eu privado. In: SILVA, Tomás Tadeu da. **Liberdades reguladas**: a pedagogia construtivista e outras formas de governo do eu. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 30-45

ROSSI, Rossana Cassanta. **Patrolando juventudes**: o caderno Patrola ensinando jovens a consumir. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

SANTOS, Lidia Noemia Silva dos. **Sonhos dourados**: juventudes na imprensa fortalezense da década de 50. 2005. Dissertação (Mestrado em História)- Universidade Federal do Ceará, Ceará, 2005.

SANTOS, Lisiane Gazola. **Sons das tribos**: compondo identidades juvenis em uma escola urbana de Porto Alegre. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

SCHMIDT, Saraí Patrícia. **Ter atitude**: escolhas da juventude líquida - um estudo sobre mídia, educação e cultura jovem global. 2006. 201 f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

SILVA, Eloenes. **A gente chega e se apropria do espaço!** : graffiti e pichações demarcando espaços urbanos em Porto Alegre. 2010. 188 f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: _____. **Identidade e diferença** : a perspectiva dos estudos culturais. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2009, p.73-102.

SILVA, Thais Coelho da. **Juventude trans-viada**: identidades marcadas invadem a rua. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

SANTOS, Lidia Noemia Silva dos. **Sonhos dourados**: juventudes na imprensa fortalezense da década de 50. 2005, Dissertação (Mestrado em História)- Universidade Federal do Ceará, Ceará, 2005.

SEVERO, Rita Cristine Basso Soares. **As gurias normais do curso normal do Instituto de Educação de Porto Alegre**. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

SOUZA, Rui Antônio de. **Idéias de educação na comunicação do jornal mundo jovem**: 1963 a 2005. 2008. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social)- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

STEINBERG, Shirley R. Kindercultura : a construção da infância pelas grandes corporações. In: SILVA, Luiz Heron da. **Identidade Social e Construção do Conhecimento**. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre – Prefeitura Municipal, 1997, p.98-145.

VEYNE, Paul. **Foucault**: seu pensamento, sua pessoa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

XAVIER, Maria Luisa Merino de Freitas. **Os incluídos na escola**: o disciplinamento nos processos emancipatórios. 2003. Tese (Doutorado em Educação)- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

WORDWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: Silva, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença** : a perspectiva dos estudos culturais. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2009, p.7-72.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. Algumas considerações sobre a articulação entre Estudos Culturais e Educação (e sobre algumas outras mais). In: SILVEIRA, Rosa M.H (org). **Cultura, poder e educação**: um debate sobre estudos culturais em educação. Canoas: Ed. ULBRA, 2005. P. 45-67.

APÊNDICE A - ENTREVISTA: COM A PALAVRA A EQUIPE EDITORIAL

Trago nesse apêndice a entrevista realizada com a equipe editorial do **Jornal Mundo Jovem**, a qual foi sugestão de minha orientadora e do grupo de pesquisa. Além da sugestão, considerei relevante a entrevista por esta apresentar materialidades que talvez somente com a leitura dos exemplares não me fornecesse. De fato foi o que ocorreu, na entrevista com os editores pude ter acesso aos modos como se é produzido e pensado o Jornal, como este lança mão de estratégias para captura dos sujeitos leitores e sugere formas de ser jovem na contemporaneidade.

A entrevista estava prevista para às 10h, cheguei a redação do *Jornal Mundo Jovem*, situado a Avenida Ipiranga, nº 61, Prédio 33. As 9h40 fui recebida por M.¹⁹, uma das redatoras do Jornal, que me levou a primeira sala, na qual trabalhavam funcionários responsáveis pelas assinaturas, M. apresentou-me às quatro pessoas que se encontravam nela. Numa pequena sala ao lado era alocada a redação, haviam no local sete pessoas trabalhando. A sala é pequena, dividida em mesas que comportam um computador e poucos papéis, todas juntas apenas separadas por pequenas divisórias. Cada um trabalha em sua mesa com seu computador. Há uma mesa redonda no centro da sala e segundo M. é lá acontecem as reuniões da equipe. Fui convidada a me sentar ali. Logo A., R., M. sentaram-se também, iniciei a entrevista retomando os meus interesses de pesquisa e pedindo autorização para gravar a entrevista, lhes ofereci o termo de consentimento, mas os mesmos disseram não haver necessidade, pois sabiam das condições, uma vez que também trabalhavam com entrevistas.

R. prontamente me ofereceu sua dissertação que foi feita a partir da análise do Mundo Jovem do ponto de vista da Comunicação, folho-a enquanto ele me explica que o estudo dele é mais recente que a do prof. Laurício Neumann e que ele usou basicamente todas as informações históricas que ele. Agradei e lhe pedi que me enviasse por email para que eu pudesse também considerá-la em meus estudos.

Início a entrevista agradecendo a disponibilidade em me receber. A equipe presente era composta por M., A., R., Ma. e fizeram questão de assinalar que não

¹⁹ Optei por identificar a equipe por iniciais, uma vez que não possuo termos de compromisso para revelar seus nomes.

havia editor chefe na redação e que a equipe era a mesma há 3 anos, sendo 2 integrantes estariam a mais tempo na equipe, a saber A. e R.

Início a análise aprofundada desta entrevista, deixando claro que optei aqui por recortes específicos, ou seja, alguns trechos de fala que me impactaram ou produziram um efeito no andamento deste trabalho. Estes recortes também possuem relação com os campos teóricos que adotei para essa dissertação. Os excertos que serão analisados vêm corroborar com os questionamentos de pesquisa, quais sejam – Quais discursos circulam no **Jornal Mundo Jovem**? Como estes discursos investem na constituição de identidades jovens? Sabe-se que a partir da redação é que se passam as idéias, os discursos e o que de fato se concebe como juventude a ser tratado no Jornal.

O primeiro aspecto a ser ressaltado é a relação do Jornal com a juventude, ou seja, os modos como esse Jornal, no caso a equipe pensa a juventude. Pode-se perceber que para a equipe do Jornal a juventude e seus modos de vivê-la são múltiplos e de uma certa maneira, segundo a equipe, são retratados nas páginas do Jornal, conforme podemos observar no excerto a seguir:

Pelo menos a gente tem ficado atento assim, a série mudou então esse S das juventudes e a gente sempre busca tratar essas diferentes juventudes pelo menos 2 ou 3 matérias no ano saem bem focadas, como assim : emo, a gente vai fazendo um foco assim 'olha jovem não é um só ele é múltiplo, transitório, ele vai passando, a gente tem essa preocupação e tem sido bem legal a resposta dos assinantes e até a resposta aqui também né.[A.]

Então eu acho que desde lá a gente vem pensando a juventude como diversidade e eu acho que é um pouco esse conceito que nós temos de olhar a juventude não como uma coisa homogênea, mas como essa diversidade de juventude que às vezes existe muitas formas de ser jovem hoje em dia, jovem não é aquele que vai pra rua, que se manifesta, tem jovem que não se manifesta, tem jovem que é jovem apenas consumidor, tem de tudo né então é essa que a gente procura retratar no jornal.[R.]

De forma recorrente podemos notar que, a grande maioria das publicações direcionadas a juventude tem como um dos seus chamarizes as propagandas publicitárias, o incentivo ao consumo de produtos, no entanto o consumo que o Jornal nos indica seria um consumo de identidades, de pertencimentos, que o jovem tomaria contato mediante a leitura do Jornal e que agregasse a sua “coleção” as

identidades que o Jornal apresenta. Podemos observar esse movimento no trecho a seguir:

Outra coisa, falando de outros veículos né, uma coisa que nos orgulhosos e ao mesmo desafiados o Mundo Jovem é uma publicação bastante diferente no âmbito das publicações jovens a maior parte dos cadernos juventude e tal na mídia trata o jovem como consumidor de produtos, consumidor de comportamentos e não traz o jovem como uma questões que é fundamental para nós que é a postura crítica, talvez exista isso em outras publicações, talvez exista né, mas isso é o nosso principal mote, que é um jornal de formação de valores. (M.)

A formação de valores que o entrevistado se refere, também nos sugere essa apresentação dos regramentos e dos modos de ser jovem. Existem ofertas de identidades nos discursos do jornal.

Aliado a esse oferecimento de identidades, podemos observar a questão do chamamento ao jovem para que este seja o futuro do país, para que ele seja autônomo, tome suas decisões, seja o líder no grupo, enfim seja o protagonista de sua juventude, tal como podemos notar a seguir:

Se você for ler os artigos sobre juventude é um pouco isso né nós acreditamos que o jovem tem possibilidade, ele vai fazer, ele tem seu espaço, então essa.. a gente tem mantido muito forte isso né nós acreditamos no jovem, não é o cara que é desanimado, que não faz nada, que só consumista né, fora haja essa grande diversidade, que hoje não da pra dizer o jovem é aquilo alguns jovens são, mas essa fé que o jovem pode participar e tem vontade e tal, inclusive o que nós batemos muito é que se abra espaço pro jovem, isso é uma coisa que na escola a gente falado muito isso, temos que abrir espaços para os grêmios estudantis, no sentido que eu acho que sempre a filosofia do jornal foi um pouco nesse sentido né , que nós temos que acreditar no jovem que ele é capaz de fazer alguma coisa. (A)

A crença no jovem como futuro demonstrada na fala do entrevistado anterior nos convida a idéia de trazer de volta o “espírito” da juventude estudantil, dos movimentos que lutam contra os regimes políticos, tal como tínhamos em 1968 para a juventude contemporânea ligada por meio de cabos e fios, conectada 24 horas por dia e que usa dessa conexão para, em partes, assumir seu protagonismo.

Segundo aspecto a ser tratado, ainda que não seja o foco desse trabalho é a relação do Jornal com a escola, lugar onde o jovem é, na maioria das vezes, encontrado, é submetido, governado, é disciplinado e constitui sua identidade aluno. A equipe deixou bem clara durante a entrevista que o Jornal é em sua maioria

assinado por professores e que as materiais do Jornal eram direcionadas para “[...]quem trabalha com o jovem, diretamente. [...]”, conforme trecho a seguir

Depois dos anos 90 para cá o Mundo Jovem está muito voltado para a escola né e sobretudo para o ensino médio né. É um material que é usado nas escolas, no Ensino Médio e nos Anos Finais do Fundamental, e nós temos entendido assim uma necessidade dos professores, das escolas de compreender quem é o jovem nesse contexto né, quem são os jovens, é importante né compreender. Tem até o livro ne “Culturas Juvenis” nesse sentido compreender quem são os jovens que a escola recebe né por que são muito diferentes de outros né, hoje a gente inclusive em Juventudes no plural por causa desse diversidade né. Então para nós tem sido uma preocupação grande gente a né...(R.)

Eu acho assim que outra coisa é que hoje o Jornal olha mais o jovem na escola, basicamente nós estamos nos dirigindo as escolas, não mais longe, aos grupos de jovem como era no início, mas nós fazemos 2 tipos de matéria uma que é pro jovem diretamente, tem até uma série que até hoje, nós nunca tiramos essa série do jornal *Juventude* ou *Juventudes* que é dirigida diretamente ao jovem, aos grupos de jovens, ao jovem individualmente, alguns temas que são mais solicitados e outros temas nós fazemos para quem trabalha com o jornal, então muito de nossos temas se dirigem a quem trabalha com o jovem, diretamente com o jovem, a questão da pedagogia. (A.)

O que é indicado na fala da equipe é o objetivo do Jornal se tornar um instrumento para entender o jovem que habita contemporaneamente a sala de aula, conforme Dayrell (2007) explicita o panorama da relação do jovem com a escola atualmente.

Tenho como hipótese que as tensões e os desafios existentes na relação atual da juventude com a escola são expressões de mudanças profundas que vêm ocorrendo na sociedade ocidental, que afetam diretamente as instituições e os processos de socialização das novas gerações. (DAYRELL, 2007, p.1106)

São essas mudanças profundas abordadas por Dayrell que demarcam ainda mais o desencaixe da escola e dos jovens que são seu alvo de ensino. O Jornal longe de ser um guia, visa informar, amenizar e se tornar uma espécie de suplemento didático, agindo certamente nos discursos escolares, os quais por sua vez, produzem sujeitos jovens escolares, não sem uma condução cristã. Digo cristã, pois outro de seus objetivos, segundo a equipe é trabalhar com os grupos de jovens, de preferência de orientação católica, uma vez que grupos de jovens são assim

denominados pela Igreja, de acordo com o excerto:

Tem várias matérias nesse sentido assim que o professor usa, alguém que trabalha com o grupo de jovem que possa usar assim para encaminhar o trabalho deles.

E nessa relação do Jornal com a escola que também pode-se inferir uma busca por capturar esse jovem e fazer-lhe uma descrição para que na sala de aula o professor possa empreender relações de governo, governo de uma juventude múltipla, mas que estará ressignificada pelas lentes do jornal. Seria conforme menciona a equipe “uma forma de a escola lidar” com esse jovem:

Então quando a gente vai fazer entrevista duas perguntinhas que quase sempre tem é relacionadas assim 'e o jovem?', 'e a escola?', são as duas perguntas né, qualquer tema que se tenha praticamente é essas duas perguntinhas no final para ver assim como é que o jovem pode lidar com isso, como é que a escola pode lidar com isso, basicamente procura atingir também esses objetivos.

As práticas formadoras, as quais são vistas comumente como um posicionamento crítico, um exercício de cidadania, segundo alguns professores e algumas correntes pedagógicas. Podemos observar no trecho a seguir, esse convite, esse intento de fornecer subsídios para que o jovem explicita sua opinião:

E eu acho que nesse sentido não é por acaso que ta escrito um jornal de idéias né, então a gente tenta ser exatamente isso né, não um jornal de informação, mas um jornal de debate de alguma idéia, de algum posicionamento que a pessoa mesmo tem que tomar na vida.

Muitas vezes o convite aparece sob a forma de mobilização, de busca de uma sensibilização por parte do artefato ao jovem, como no excerto a seguir:

E eu acho que também é assim um jovem, de uma certa maneira o que pauta assim é o jovem feliz assim, um jovem que busca...a gente tem uma fala assim de denúncia até de injustiça como o André fala, mas também a gente tem uma fala de anúncio, de uma coisa boa, então eu sinto que a gente tem uma preocupação, talvez a gente nunca tenha discutido isso aqui mas me parece que sempre o tom é de dizer 'olha que vamos em frente' sabe?

Essa ‘tom’ de denúncia é tratado também por Schmidt (2006) quando analisa a expressão “ter atitude” na revista MTV, são artefatos diferentes a revista e o jornal, mas destinados, diria, ao mesmo público, disputando inclusive espaço nas escolas.